

RAIMUNDA AUGUSTA DE QUEIROZ

RECURSOS DE BIBLIOTECA DAS ESCOLAS DE 1º E 2º
GRAUS DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DA REGIÃO DA
GRANDE VITÓRIA - DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO.

OK/30

U. F. M. G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



59918602

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

*Dissertação de Mestrado apresen-
tada como requisito parcial pa-
ra obtenção do grau de Mestre,
no Curso de Pós-Graduação em Bi-
blioteconomia (Administração de
Bibliotecas) da Escola de Bi-
blioteconomia da UFMG.*

Orientador: Prof. João Eudes Ro-
drigues Pinheiro

AGRADECIMENTOS

Expresso aqui os meus agradecimentos:

. Ao Proressor JOÃO EUDES RODRIGUES PINHEIRO, pela orientação e pelo incentivo constantes.

. Ao Professor Doutor JAMES ROY DOXSEY, pela valiosa ajuda na elaboração do programa de computador e no processamento dos dados e pela solicitude na orientação da metodologia da pesquisa.

. À Professora KLEIDE MÁRCIA BARBOSA ALVES, pela prestimosa orientação na análise dos dados.

. Às Professoras ANA MARIA CARDOSO DE ANDRADE e ODÍLIA CLARK PERES RABELLO, pelas seguras orientações e sugestões.

. À antiga Coordenaria de Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo (atualmente Sub-Reitoria de Extensão), especialmente ao Projeto Rondon e ao CRUTAC, pelo valioso apoio na realização da pesquisa.

. Às colegas do Departamento de Biblioteconomia - UFES, pelo apoio e colaboração, especialmente à MARIA DA CONCEIÇÃO CARVALHO, pela amizade e pelas valiosas sugestões.

. Aos alunos do Curso de Biblioteconomia - UFES, pela colaboração na coleta dos dados.

. A todos aqueles que incentivaram e contribuíram para a realização deste trabalho.

"Os alunos que, ao ler, deixam passar nomes, referências, alsões, sem indagar nesse momento o que significam, não só se privam de informação valiosa que talvez nunca mais possam adquirir, como ainda contraem o hábito de contentar-se com a ignorância."

Horace Mann

SUMÁRIO

. <u>LISTA DE TABELAS E QUADROS</u>	VI
. <u>RESUMO</u>	VII
. <u>ABSTRACT</u>	IX
1. <u>INTRODUÇÃO</u>	1
2. <u>JUSTIFICATIVA DO ESTUDO</u>	5
2.1 - O PROBLEMA NUM CONTEXTO MAIS AMPLO.....	5
2.1.1 <u>A Situação das bibliotecas escolares na região da Grande Vitória</u> <u>ria</u>	8
2.2 - DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA.....	9
2.3 - OBJETIVOS.....	10
3. <u>REFERENCIAL TEÓRICO</u>	12
3.1 - INFORMAÇÃO - BIBLIOTECA - EDUCAÇÃO.....	12
3.1.1 <u>Biblioteca e educação</u>	15
3.2 - O CONTEXTO DA CRISE DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA.....	17
3.2.1 <u>Um esboço da evolução histórica da crise educacional brasileira</u> <u>leira</u>	17
3.2.2 <u>A realidade contemporânea da educação no Estado do Espírito Santo</u> <u>Santo</u>	29
3.2.2.1 Situação sócio-econômica do Espírito Santo e sua relação com o contexto educacional vigente.....	32
3.3 - REVISÃO DA LITERATURA SOBRE BIBLIOTECA ESCOLAR.....	37
3.3.1 <u>Conceituação</u>	38
3.3.2 <u>Funções da biblioteca escolar</u>	40
3.3.2.1 Atividades da biblioteca escolar.....	46
3.3.3 <u>A biblioteca escolar no contexto educacional</u>	48

3.3.4	<u>As bibliotecas escolares - sua situação no Brasil</u>	51
4.	<u>AS BIBLIOTECAS ESCOLARES NO ESPÍRITO SANTO - ANÁLISE DA REALIDADE</u>	57
4.1	- COLETA DE DADOS.....	57
4.1.1	- <u>Abrangência do estudo</u>	58
4.1.2	- <u>Procedimentos para a coleta de dados</u>	59
4.2	- RESULTADOS.....	61
4.2.1	- <u>Caracterização das escolas</u>	61
4.2.2	- <u>Dados sobre a biblioteca</u>	71
4.3	- DADOS COMPLEMENTARES.....	96
5.	<u>CONCLUSÃO, COMENTÁRIOS E SUGESTÕES</u>	106
5.1	- CONCLUSÃO.....	106
5.2	- COMENTÁRIOS E SUGESTÕES.....	109
5.2.1	- <u>O problema de pessoal</u>	110
5.2.2	- <u>Os recursos financeiros</u>	112
5.2.3	- <u>A biblioteca escolar no contexto da educação</u>	113
5.2.4	- <u>A bibliografia específica</u>	114
5.2.5	- <u>A dinamização dos recursos existentes</u>	115
.	<u>ANEXOS</u>	116
.	<u>ANEXO A</u>	117
.	<u>ANEXO B</u>	119
.	<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	127

LISTA DE TABELAS E QUADROS

TABELAS

1. População rural e urbana do Espírito Santo, com mais de 10 anos, em condições de frequentar escola e de atividade de trabalho.....	33
2. Distribuição de renda das pessoas acima de 10 anos em condições de estudo e de trabalho, no Espírito Santo.....	34
3. Pessoas em condições de trabalho, segundo sua escolaridade...	35
4. Total de escolas pesquisadas e sua distribuição por município	62
5. Data de criação das escolas.....	67
6. Número de professores.....	67
7. Nível das escolas.....	68
8. Número de alunos por escolas.....	69
9. Nível de instrução do pessoal responsável pela biblioteca....	74
10. Total de livros existentes nas escolas.....	79
11. Total de títulos de revistas existentes nas escolas.....	82
12. Total de livros por assunto, existente nas escolas.....	85
13. Número de funcionários existentes nas bibliotecas das escolas, por categoria funcional.....	88
14. Serviços que as bibliotecas prestam aos usuários.....	91

15. Serviços que as bibliotecas prestam em relação com o fato de ter ou não ter bibliotecário habilitado.....	93
---	----

QUADROS

Quadro 1	Data de criação das escolas, datas de criação das bibliotecas, área destinada à biblioteca, número de classes das escolas.....	65
Quadro 2	Total de alunos, total de livros e proporção livro/aluno por escolas.....	81

RESUMO

Estudo da situação das bibliotecas das escolas de 1ª e 2ª graus da rede oficial de ensino da região da Grande Vitória, tendo como ponto de partida a idéia de que a biblioteca é necessária no processo ensino-aprendizagem. Analisa, de forma sucinta, a realidade educacional do Brasil e do Espírito Santo, a fim de situar a biblioteca escolar nesse contexto. Os dados coletados permitiram traçar um perfil das escolas com relação à sua localização dentro da região, nível de cursos que oferecem, total de alunos, de classes e de professores. Para a avaliação da situação das bibliotecas foram verificados: o tamanho das coleções existentes (total de volumes); a existência e adequação da área destinada à biblioteca; a existência na escola de equipamentos que possam ser utilizados pela biblioteca; a quantidade e qualificação do pessoal; os serviços que as bibliotecas prestam aos usuários. A população constituiu-se de 46 escolas e alguns dos resultados são passíveis de generalização para quase a sua totalidade. Mais de 50% das escolas da região não possuem biblioteca. As coleções bibliográficas já encontradas acham-se muito pobres quantitativamente, se comparadas ao total de alunos das escolas e observa-se nelas um certo grau de obsolescência, visto que são compostas quase que exclusivamente de livros e não existem recursos para a manutenção do acervo. O pessoal que se encontra a cargo das bibliotecas não é qualificado e necessita de treinamento adequado. Há carência de outros tipos de recursos. Os serviços que as bibliotecas prestam aos usuários limitam-se aos mais rotineiros. São discutidas algumas das causas desse estado de carência e são apresentadas algumas sugestões visando a dinamização dos recursos de biblioteca das escolas objeto do estudo.

ABSTRACT

A study on the libraries of the Elementary and High School Public Teaching in the Grande Vitória region. The problem is discussed from the point of view that a school library is indispensable in a learning-teaching process. It analyses the education reality in Brazil and Espírito Santo state to situate the school library in this context. From the data collected it was possible to have a school profile regarding localization in the region, courses offered, number of pupils, number of teachers, number of class-rooms. To evaluate the libraries' conditions it was verified: school's bibliographical resources; the existence of a suitable library area; size and qualification of the staff; services rendered to the users. The sample was constituted of 46 schools and some results can be generalized to almost the entire sample. More than 50% of the schools do not have a library. The library resources found in these schools are very poor in quantity, if compared with the total of students of the schools. Persons in charge of the libraries are not qualified and need suitable training. It was found that services rendered to the users are limited to the usual practice. It discusses some of the possible causes of this shortage and presents some suggestions for dinamization of the library resources of the schools which compound the sample.

Na tentativa de contribuir de alguma forma para mudar a situação das bibliotecas escolares no Espírito Santo, tivemos anteriormente uma breve participação na elaboração do projeto do *"Sistema de bibliotecas escolares para a rede oficial de ensino do Estado do Espírito Santo..."* (11). Esse documento foi elaborado por membros do Conselho Regional de Biblioteconomia - 7a. Região - Delegacia do Espírito Santo, pela Associação Profissional dos Bibliotecários do Espírito Santo - APBES e pelo Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo, em 1979.

O projeto em questão resultou de uma tomada de consciência da classe bibliotecária capixaba, aí representada por essas três entidades, para a necessidade de serem adotadas providências urgentes no sentido de minimizar os problemas das bibliotecas escolares no Estado. Foi apresentado ao Secretário de Educação, e, a seguir, discutido com alguns de seus assessores, que o consideraram exequível em quase todos os aspectos. Entretanto, a sua execução ficava condicionada, entre outras coisas, à disponibilidade de recursos financeiros da Secretaria de Educação.

Conforme constava no planejamento, deveria ser montada a estrutura do sistema junto à Secretaria de Educação. O sistema seria composto de unidades (*departamentos*) e dentre estes figuraria a *"Divisão de Bibliotecas Escolares"*. Essa estrutura seria implantada por etapas, assim previstas no planejamento:

- 1a. Etapa - Implantação e organização da Divisão de Bibliotecas Escolares do Departamento de Bibliotecas/SEDU(...);
- 2a. Etapa - Implantação e organização da Divisão de Bibliotecas de Apoio;
- 3a. Etapa - Implantação e organização das Seções de Bibliotecas Escolares e de Curso Supletivo, respectivamente;

- 4a. Etapa - Implantação e organização dos Subsistemas (Escolas Núcleos) para a Capital, Grande Vitória e demais municípios do Estado;
- 5a. Etapa - Implantação e organização das Bibliotecas das Unidades Escolares Isoladas (Capital, Grande Vitória e demais municípios do Estado);
- 6a. Etapa - Implantação e organização das Bibliotecas de Extensão (Bibliotecas Ambulantes).

Com o objetivo de ampliar a nossa contribuição ao projeto e no intuito de efetuar um estudo com perspectivas de aplicação prática, propusemo-nos a desenvolver parte de uma das etapas do referido plano - no caso, a 4a. Etapa -, que previa a "Implantação e organização dos subsistemas (Escolas Núcleos) para a Capital, Grande Vitória e demais municípios do Estado" (11:20). O desenvolvimento dessa etapa, conforme estabelecido no plano, deveria iniciar-se na Capital; a seguir, na região da Grande Vitória, e, por último, nos municípios restantes. O ponto de partida para o desenvolvimento desta etapa deveria ser a realização do levantamento dos recursos de biblioteca das escolas, para que se pudessem determinar quais eram as escolas que teriam condições de funcionar como "núcleos" ou "subsistemas".

Em decorrência de mudanças ocorridas nos postos-chaves das entidades envolvidas na elaboração do projeto, bem como na administração educacional (Secretaria de Educação), a tramitação deste não foi além da fase de estudos iniciais. As circunstâncias tornaram evidente a dificuldade da implantação do plano, a curto ou médio prazo.

Estando já iniciado o presente trabalho, levamo-lo adiante; porém verificamos a necessidade de introduzir-lhe algumas modificações em seus objetivos mais específicos.

A nossa proposta inicial consistia em realizar um estudo com a finalidade de identificar as escolas que apresentassem condições de funcionar como "Escolas Núcleos" (ou Bibliotecas Núcleos) pa

ra o Sistema. O estudo deveria abranger todas as escolas da rede oficial de ensino do Estado e se limitaria à determinação das "Escolas Núcleos", ficando as tarefas de sua implantação e organização a cargo da coordenação do Sistema.

Dois foram os fatores que nos levaram à mudança no esquema de trabalho:

1. a paralisação no andamento do projeto do Sistema, cujas possibilidades de aprovação e implantação se tornaram vagas, além de anular para o nosso estudo a perspectiva de aplicação imediata;
2. e as limitações de tempo e de recursos financeiros para realizar uma tarefa, cujas proporções exigiam um prazo mais elástico ou o empenho de uma equipe.

Diante do exposto, os nossos objetivos passaram a ser os mencionados a seguir, no item 2.3 deste trabalho.

Até o momento, portanto, as bibliotecas escolares no Espírito Santo constituem um campo ainda não trabalhado pela classe bibliotecária, talvez porque aqui o desenvolvimento da profissão tenha origem um tanto recente e os profissionais pareçam ter convergido para outros ramos da profissão, não são mais atraentes em questões de salários, mas também menos complexos em questão de problemas.

Entretanto a ausência da biblioteca no contexto do sistema educacional é um fato que preocupa o profissional bibliotecário nos diversos países do mundo e deveria constituir também uma preocupação para os profissionais dos países subdesenvolvidos, considerando-se que a qualidade da educação é um fator de vital importância para o desenvolvimento de qualquer sociedade e que a biblioteca é um dos recursos indispensáveis para a consecução de um bom programa educacional. Acrescente-se ainda que as condições das bibliotecas escolares nesses países são normalmente mais precárias do que as de suas congêneres dos países desenvolvidos, por serem mais agudos os problemas de escassez de recursos financeiros.

Em nosso meio, o conhecimento da situação das bibliotecas escolares é vago e pouco fundamentado, uma vez que não foram ainda realizados estudos que forneçam um diagnóstico claro das bibliotecas das nossas escolas, ou até que ponto a clientela dessas bibliotecas está sendo servida, *o que está sendo feito, como e o que falta ser realizado.* Eis o que necessitamos saber a respeito das bibliotecas escolares.

O estudo que ora apresentamos constitui apenas um ponto de partida na busca desse conhecimento e restringe-se a uma pequena área do Estado, a região da Grande Vitória, embora saibamos da necessidade de atingi-lo em toda a sua extensão. Contudo, temos consciência da impossibilidade de solucionar o problema no todo e numa única etapa, razão por que o abordamos em seus aspectos menos complexos. Considerando-se os motivos acima expostos, selecionou-se uma amostra das escolas da rede oficial de ensino, localizadas na região da Grande Vitória, para a realização do estudo da situação dos recursos materiais e humanos das bibliotecas.

2.1 O PROBLEMA NUM CONTEXTO MAIS AMPLO

Na área da Biblioteconomia o campo das bibliotecas escolares tem, até hoje, merecido pouca atenção por parte dos profissionais bibliotecários, particularmente no Brasil. As autoridades governamentais e os administradores da área de educação também não têm dispensado a essa instituição o cuidado e a atenção devidos. Em consequência, o que vamos encontrar é um quadro bastante negativo com relação à situação das bibliotecas escolares, quase sempre relegadas a um plano secundário no contexto em que se inserem.

De um modo geral, a situação das bibliotecas escolares carece de estudos e reflexões, que objetivem detectar e solucionar os seus problemas. Por parte do profissional de biblioteconomia tem havido um certo desinteresse em relação a esse tipo de estudo. É sempre que a classe se propõe a discutir e a refletir sobre o tema, as conclusões não têm conduzido a ações concretas e significativas. Temos conhecimento de alguns poucos programas, em andamento, visando a dinamizar os serviços das bibliotecas escolares, em nível, quase sempre, de estado ou micro-região, como por exemplo, em São Paulo, em Belo Horizonte, no Distrito Federal. Essas experiências são louváveis, mas, considerando-se a extensão territorial do país e a densidade demográfica de alguns núcleos urbanos, representam muito pouco do que deve ser realizado.

Por outro lado, às autoridades governamentais cabe também grande parcela da responsabilidade pela situação em que se encontram as bibliotecas escolares no Brasil.

Tem havido muita discussão em torno dessa questão e o certo é que não se chegou a um consenso a respeito de a quem se de

ve atribuir a responsabilidade pelo problema.

Sempre que refletimos sobre os problemas das bibliotecas escolares, a questão sobre os recursos humanos aparece como uma das mais complexas, pois necessita ser abordada sob dois outros aspectos bem relevantes: o fator sócio-econômico e a formação profissional. O bibliotecário é um profissional de nível superior, o que lhe gera expectativas salariais condizentes com esse nível. As escolas, particularmente as da rede oficial de ensino, vinculadas à administração estadual ou municipal, quase sempre carecem de fontes de recursos, o que lhes impossibilita prover em seus orçamentos os meios para a admissão de funcionários dessa categoria. Desse modo, muito poucas escolas têm condições de incluir um bibliotecário no seu quadro de funcionários, e, quando isso é possível, os seus proventos se enquadram nos níveis de salário do professor de 1º grau (ou equivalente) dos quadros do funcionalismo estadual que, quase sempre, se situam abaixo dos do funcionalismo da esfera federal ou da rede particular de ensino. Isso faz com que o cargo de bibliotecário na rede oficial de ensino, se torne pouco atraente para os profissionais de biblioteconomia.

Quanto à questão da qualificação do bibliotecário, o que se pode observar é que ele não tem recebido em sua formação o treinamento adequado e necessário ao desempenho das atividades que deverá desenvolver numa biblioteca escolar. As deficiências dessa formação têm sido observadas e analisadas pelos responsáveis pelos currículos dos cursos de Biblioteconomia. Numa primeira tentativa de sanar o problema, alguns cursos de formação de bibliotecários vêm incluindo a disciplina "*Biblioteca Escolar*" em seus currículos. Esse despreparo do bibliotecário escolar tem sido objeto de análises, como o confirma Magalhães (41:206). Também Martins (42:1077), ao analisar a formação do bibliotecário, reconhece a sua falta de sensibilidade para com os problemas sócio-econômicos nacionais e a sua falta de consciência crítica, frutos de uma educação baseada em modelos importados. Tudo isso tem acarretado como resultado o isolamento em que se encerra esse profissional em seu trabalho, quando deveria procurar atuar em perfeito entrosamento com os profissionais da área pedagógica, no caso do bibliotecário escolar.

"Um bom bibliotecário escolar é, sobretudo, um professor competente -um professor para o qual o processo ensino-aprendizagem não oferece segredos", como o afirma Barroso (4). É precisamente esse desconhecimento do campo em que atua (pedagogia, filosofia e política educacionais), que faz com que o bibliotecário se feche em seu mundo de técnicas, deixando de desempenhar as funções de educador, tão importantes numa biblioteca escolar.

Em consequência, surge um outro aspecto da questão: se a formação regular do bibliotecário, em nível de graduação, não lhe proporciona essa preparação adequada para atuar numa biblioteca escolar, ela terá que ser buscada de forma opcional, provavelmente em caráter de especialização. Isso representaria um investimento a mais em sua formação, por sua própria conta, já que as instituições empregadoras, de um modo geral, não oferecem aos funcionários o treinamento em serviço. Entretanto, esse investimento não significaria vantagens em termos de retorno, uma vez que, conforme já foi dito, o salário pago ao bibliotecário nas escolas públicas é, quase sempre, pouco atraente. Diante de tais obstáculos o bibliotecário, embora reconhecendo a responsabilidade social que lhe cabe na tarefa de solucionar os problemas das bibliotecas escolares, parece sentir-se impotente, principalmente ante a falta de apoio que encontra por parte das autoridades governamentais. Daí a sua atitude omissa, que não pretendemos aqui justificar, mas tão somente esclarecer.

Esses são os fatores que concorrem para que as bibliotecas escolares sejam hoje, em sua maioria, organizações desativadas, desvinculadas do seu contexto, e permaneçam à margem do processo de ensino-aprendizagem. Essa situação reclama por soluções urgentes, mas não precipitadas, fundamentadas em dados da realidade, que levem em consideração, acima de tudo, as condições e possibilidades da área ou da região em que se pretende aplicar a solução.

As autoridades educacionais brasileiras, embora reconheçam, em termos de discurso, a biblioteca como um importante instrumento de melhoria da qualidade da educação, não se posicionaram até hoje no sentido de adotar medidas capazes de dotar a rede escolar nacio

nal de recursos que proporcionem ao estudante essa fonte de informações, indispensável ao processo ensino-aprendizagem. Faltam não somente os próprios livros, no sentido de uma coleção adequada, mas também o ambiente físico, incluindo-se o espaço (*que quase nunca é previsto no planejamento dos prédios das escolas*) e o mínimo de equipamentos e móveis necessários ao funcionamento de uma biblioteca, e, por último, mas não menos importante, o bibliotecário ou a pessoa com treinamento que a habilite a dinamizar e a otimizar esses recursos.

2.1.1 A situação das bibliotecas escolares na região da Grande Vitória

Constatamos, por meio da literatura pertinente, que a situação das bibliotecas escolares no Brasil é bastante precária. As atividades desenvolvidas nesse setor são tão pouco significativas que, em termos de conjunto, não chegam a formar um grupo de trabalho com alguma repercussão.

Estudos e observações sobre a clientela das bibliotecas públicas têm demonstrado que esta é constituída, em sua grande maioria, por estudantes de 1ª e 2ª graus, atestando, desse modo, não só a falta de biblioteca nas escolas, mas também a sua necessidade.

Alguns autores preferem afirmar que as bibliotecas escolares não existem pois, na verdade, o seu número é muito reduzido e parecerá ainda menor se considerarmos a grande população em idade escolar que deveria fazer uso delas. Enfim, não existe um trabalho de vulto realizado nessa área, em nível nacional.

Essas conclusões são estabelecidas quase sempre por meio de observações e análises empíricas. Há, portanto, necessidade de estudos metódicos que as comprovem.

Desse modo, ao refletirmos sobre os problemas das bibliotecas escolares no Espírito Santo, concluímos que o primeiro passo deveria ser dado no sentido de obter-se um diagnóstico da situação

dessas bibliotecas, na área visada pelo estudo. Planejou-se abranger inicialmente a região da Grande Vitória^(*) e, numa etapa posterior, que não será objeto deste estudo, seria coberto o restante do Estado. Constituirão objeto deste estudo as escolas de 1ª e 2ª graus da rede oficial de ensino, localizadas na região supracitada, diretamente vinculadas à administração estadual. Serão excluídas, portanto, as escolas da rede municipal de ensino, bem como as que compõem a rede particular.

Ao eleger-se a rede estadual de ensino da referida região como foco deste estudo, considerou-se a necessidade de delimitar o campo de ação, pelos motivos que a seguir se expõe:

I) a região da Grande Vitória é de extensão relativamente pequena e, devido à maior facilidade de comunicação entre os cinco municípios que compõem, tornaria mais fácil a realização da pesquisa, não só considerando-se o fator tempo, mas também as dificuldades relativas à obtenção de recursos financeiros necessários à concretização do trabalho;

II) sendo as escolas dessa rede subordinadas a um único órgão (Secretaria de Educação), estima-se que seja mais fácil estabelecer os contatos, para possíveis convênios que se façam necessários, por ocasião da implantação de programas de ação junto às bibliotecas das escolas.

2.2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

O tema em questão carece de estudos em seus diversos aspectos. Entretanto, o problema objeto deste estudo se nos apresenta da seguinte forma:

(*) Essa região abrange os municípios de Cariacica, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória.

- . Qual a situação real dos recursos de biblioteca das escolas de 1ª e 2ª graus, da rede oficial de ensino, da região da Grande Vitória?
- . Que medidas deverão ser adotadas em relação às suas necessidades mais urgentes?

2.3 OBJETIVOS

O presente trabalho pretende mostrar a realidade das bibliotecas das escolas de 1ª e 2ª graus da rede oficial de ensino do Estado do Espírito Santo, nos diversos aspectos de seu funcionamento.

Dentre as questões relacionadas ao problema que nos propusemos a investigar destacam-se:

- a) Existem bibliotecas atuando junto às escolas de 1ª e 2ª graus da rede oficial de ensino, na região da Grande Vitória?
- b) Quais as facilidades que essas bibliotecas oferecem aos seus usuários?
- c) Até que ponto essas facilidades são satisfatórias (que material compõe o acervo, em que quantidade)?
- d) Dispõem essas bibliotecas de local adequado para estudo e leitura recreativa?
- e) Qual a proporção livro/aluno? Essa proporção atinge os padrões mínimos?
- f) Contam as bibliotecas com uma fonte regular de recursos para atualização e desenvolvimento da coleção?

- g) *Há pessoal habilitado à frente dessas bibliotecas ou com treinamento formal para atuar na área?*
- h) *Até que ponto as coleções dessas bibliotecas estão organizadas a fim de facilitar a busca e a localização da informação em tempo hábil?*

Mais especificamente, são os seguintes os seus objetivos:

- a) *verificar quais as escolas de 1ª e 2ª graus da rede de ensino oficial da Grande Vitória que possuem bibliotecas;*
- b) *verificar qual o nível de instrução e preparo técnico do pessoal que atua à frente dessas bibliotecas;*
- c) *conhecer as condições dessas bibliotecas com relação à sua organização, local, materiais bibliográficos de que dispõem, mobiliário, equipamentos e recursos financeiros;*
- d) *verificar que tipos de serviços são oferecidos aos usuários, inclusive atividades de extensão bibliotecária.*

3.1 INFORMAÇÃO - BIBLIOTECA - EDUCAÇÃO

Toda ação intelectual tem como base a informação. Esta ação intelectual, gerada a partir de uma informação, pode ter como finalidade a solução de um problema técnico, administrativo, científico, cultural, ou sócio-econômico. Isso nos leva a deduzir que não pode haver progresso sem informação.

Os grandes filósofos, cientistas e autores de grandes descobertas podem nos levar a crer, num primeiro momento, que toda sua sabedoria brotava instantaneamente de seus cérebros de gênios. Naturalmente que eles eram dotados de uma inteligência excepcional. Mas todos tinham, também, a sua biblioteca particular, ou seja, aquela coleção de informações muito bem selecionadas, com que alimentavam o espírito. Essas informações constituíam justamente o suporte ou ponto de partida de seu fértil pensamento.

Se, ao longo do desenvolvimento da humanidade, o ser humano sempre necessitou de informações para a geração do progresso, considerando-se o crescimento do conhecimento (*informação*), o ser humano de hoje necessita de mais informações do que o de ontem e o de amanhã ainda mais do que o de hoje.

A princípio, essas informações existiam apenas na forma oral e sua transmissão era feita à base do contato direto, ou seja, de uma geração para outra, de uma civilização para outra. Logo foi sentida a necessidade de preservar o conhecimento (*informação*) e na história das bibliotecas vamos encontrar a descrição das primeiras formas de registro do conhecimento humano: as primeiras formas de escrita, os primitivos materiais empregados para registro da escrita, como a argila, a madeira, o papiro, o pergaminho.

A biblioteca surgiu como consequência natural da necessidade de preservar o conhecimento, o lugar onde esse conhecimento seria armazenado. Não sabemos com exatidão quando e onde as bibliotecas começaram a existir. Mas, conforme o afirma *GATES* (26:17), no ano 2.700 a.C., os sumérios já tinham suas bibliotecas formadas de tabletes de argila.

À medida que as bibliotecas acumulavam mais conhecimentos, sentiu-se a necessidade de se lhes impor uma organização, com a finalidade de facilitar o acesso à informação armazenada. Na biblioteca de Nínive, criada por Assurbanípal, no século VII ou VIII a.C., já se observava uma organização rudimentar, pois os tabletes de argila eram separados por assunto ou tipo. Nessa mesma biblioteca já se podia, inclusive, encontrar o embrião dos catálogos de hoje, que consistia numa relação dos conteúdos pintada na entrada dos cubículos ou alcovas onde eram guardados os manuscritos (tabletes). Estes possuíam, ainda, uma etiqueta de identificação (*GATES* 26:17). Daí até a sua evolução à forma atual muita coisa foi escrita sobre as bibliotecas e muita informação nelas tem sido armazenada.

Inicialmente as bibliotecas pertenciam aos monarcas, aos mosteiros, aos grandes senhores, donos do poder. O acesso à informação era, portanto, privilégio de alguns grupos muito restritos. No entanto, a idéia de colocar a informação ao alcance de todos é anterior à era cristã. Em Atenas, no ano 330 a.C. Psistrato já havia fundado uma biblioteca pública. Em Roma, também vamos encontrar biblioteca pública no ano 39 a.C. E ainda, de acordo com *GATES* (26:23), havia cerca de 28 bibliotecas públicas em Roma, nos meados do século IV d.C e que podiam ser *"usadas por qualquer pessoa, livre ou escrava, que soubesse ler"*.

A verdade, porém, é que mesmo muito tempo depois da invenção da imprensa, o livro e a biblioteca ainda eram considerados objetos de luxo. E só a partir do século XIX - *quando se começa a falar em democratização da cultura* - a informação começa a tornar-se mais acessível ao público em geral.

Observa-se, a partir dessa época, uma mudança no contexto sócio-cultural e político que favorece o início dessa popularização da cultura. O rápido desenvolvimento das ciências, que tem como uma das causas o grande interesse que então se desenvolveu pela investigação e pela experimentação (*abandono da cultura livresca*), é visto também como o resultado da mudança de concepção do ser humano em relação a si mesmo. Teorias como a de *Darwin*, *Freud* e outras, de grande valor para a evolução científica, são difundidas nesse período.

O aprimoramento das técnicas de impressão tipo gráfica e o aparecimento do periódico científico tornam a informação recente mais rapidamente conhecida e acessível a um público leitor bem mais numeroso. É ainda nesse contexto que se desencadeia a crença de que a educação é um meio eficiente de aperfeiçoamento do indivíduo, o que vem despertar o interesse pelo homem comum (*pela cultura de massa*).

Na biblioteca essas mudanças se refletem num movimento que teve início primeiramente nos Estados Unidos e que resultou numa nova feição assumida pelas bibliotecas públicas. Elas começam a participar de forma mais efetiva, dos programas de comunicação de informações técnico-científicas e no processo de educação extra-escolar. O serviço para a comunidade transforma-as em verdadeiros centros comunitários de difusão de conhecimento. Paralelamente a tudo isso já se podia perceber a veiculação das tendências democráticas que necessitavam, para sua concretização, de um eleitorado instruído e bem informado.

O bibliotecário, até então tido como um erudito, preocupado apenas em preservar o conhecimento, abandona aquela postura passiva de preservador e começa a se interessar mais em difundir os progressos da ciência e da tecnologia.

Em consequência, ao mesmo tempo em que se popularizava o acesso à informação, via-se crescer também a demanda por ela. O livro, a publicação periódica, bem como outras formas de registro de conhecimento, passam a ter um valor essencial na troca de infor

mações, tornando-se instrumentos indispensáveis ao trabalho e à pesquisa e conseqüentemente, ao desenvolvimento econômico, industrial e cultural.

A biblioteca perde, então, aquele conceito de organização estática, pouco atuante, no contexto social. Desse modo, passa a ser vista como a instituição criada não somente para armazenar e preservar, mas também para disseminar a informação. E a partir de então ela começa a dar-se conta de seu papel social e da importância de suas relações com o público, bem como da necessidade de se organizar para servir como instrumento básico de transferência da informação. Nessa condição, ela se integra como um recurso indispensável do processo educacional.

3.1.1 Biblioteca e educação

A associação biblioteca-ensino não é um fato recente. Na Grécia antiga, Aristóteles já franqueava sua biblioteca a seus discípulos. Na Idade Média, surgem as primeiras universidades, que constituíam, na época, os principais centros do comércio livreiro e editorial. Os livros ainda eram apresentados nas formas de rolo e códice. Estes eram alugados aos estudantes. Entretanto, com o aumento do número de estudantes, as universidades se viram obrigadas a fundar bibliotecas, pois nem todos podiam alugar todos os livros de que necessitavam.

No século XVII, na América Colonial, são criados os primeiros colégios, entre eles, *Harvard*, *Yale* e *Princeton* e, com eles, nasciam também, as principais bibliotecas universitárias do Novo Mundo, que foram, em princípio, bibliotecas escolares. Segundo GATES (26), até o século XIX, nessas bibliotecas escolares os estudantes não tinham acesso aos livros, pois estes eram como que "*protegidos dos estudantes*".

No Brasil o desenvolvimento de bibliotecas tem-se dado a passos lentos e, no caso das bibliotecas escolares, em particular, pode-se dizer que elas ainda estão num estágio muito aquém do

desejável, para não se falar do ideal. No entanto, num estudo sobre o assunto, abrangendo o período da Primeira República, *S. de C. GOMES* (27:61) revela que as bibliotecas escolares juntamente com as universitárias somam um total de 309 bibliotecas, o que corresponde a mais da metade (59,9%) das bibliotecas criadas nesse período. Esses dados, por si mesmos, vêm atestar a necessidade da biblioteca como suporte da educação formal. É este aspecto, precisamente, que desejamos enfatizar neste trabalho, uma vez que nos propomos a analisar a atuação das bibliotecas escolares junto à rede oficial de ensino, na região da Grande Vitória.

Dentre as condições sociais que influem no desenvolvimento de bibliotecas, *JOHNSON & HARRIS* (36) destacam a educação como um fator relevante. Referem-se à necessidade da biblioteca junto a um sistema formal de educação, não somente como conservação dos registros, mas também, como instrumento de apoio a esse sistema. Acrescentam que "... a extensão e a natureza do grau da instrução terão, obviamente, um impacto sobre o crescimento da biblioteca". Analisando essa questão *GOMES* (27) conclui que "a educação é apontada como o fator que mais tem implicações com bibliotecas". Se consideramos este fato no contexto de sociedades subdesenvolvidas, vamos constatar que essas implicações deverão ser analisadas dentro de uma conjuntura mais ampla, já que, segundo a mesma autora, nessas sociedades, de um modo geral, há "falta de condições favoráveis ao desenvolvimento da educação formal". Nessa conjuntura, os sistemas político e econômico têm um papel preponderante. Para *JOHNSON & HARRIS*, o desenvolvimento das bibliotecas é favorecido quando há um sistema político estável e quando a sociedade dispõe de um excedente de riqueza.

A partir dessas premissas, será feita uma análise sucinta do sistema educacional brasileiro e da realidade educacional do Espírito Santo, dando maior ênfase à região da Grande Vitória, por tratar-se esta região do objeto de pesquisa deste trabalho. Composto o quadro do sistema educacional, será mostrada a situação das bibliotecas escolares da rede oficial de ensino na referida região. Se é verdade que existem implicações entre educação e bibliotecas,

pode-se supor que haverá uma relação ainda mais estreita entre educação e biblioteca escolar.

3.2 O CONTEXTO DA CRISE NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Muito embora na prática educacional a biblioteca escolar não tenha ainda conquistado o seu devido lugar, ela deve ser compreendida como um componente da realidade escolar. Se até o momento ela não é entendida como tal, essa percepção distorcida que a sociedade lhe confere pode ser considerada como uma consequência da crise da educação brasileira, já que, sendo parte desse sistema, ela recebe os reflexos dos movimentos que ocorrem no contexto educacional. Considerando-se que uma e outra (*biblioteca e educação*) são inseparáveis, justifica-se a necessidade de se conhecer o sistema educacional para que se possa analisar os problemas da biblioteca escolar.

A Educação é um processo que não se completa isoladamente. Dentro de uma visão de conjunto devemos considerar o sistema educacional como parte de uma realidade ampla, que engloba a sociedade como um todo, e de que recebe influências positivas e negativas. Assim sendo, as próprias alterações que ocorrem no sistema educacional são determinadas diretamente pelas mudanças e movimentos sociais e só poderão ser compreendidas dentro desse contexto, razão por que se faz necessária uma visão, ainda que sucinta, dessa sociedade, para, então, analisarmos os problemas que afetam o sistema educacional brasileiro.

3.2.1 Um esboço da evolução histórica da crise educacional brasileira

Os fenômenos humanos, tal como eles se configuram num determinado momento histórico, são a resultante de todo um processo de evolução, que é condicionada pela dimensão dupla de tempo e de espaço. Isso significa dizer que só será possível entender a

extensão e a profundidade da crise educacional brasileira a partir do estudo de sua evolução ao longo do processo histórico brasileiro. Desse modo, a história da educação brasileira deverá aqui ser estudada à luz da própria história nacional, analisando-se os fatores que mais diretamente influem no seu curso. Com esse propósito, será feita uma rápida análise da educação no Brasil, desde os seus primórdios até os dias atuais.

A educação no Brasil Colônia tinha como principal característica o espírito livresco e literário, como resalta O. ROMANELLI (56). Esse tipo de educação, a princípio a cargo dos padres jesuítas, não visava a uma qualificação para o trabalho ou para uma profissão definida, já que a estrutura social da época não demandava uma educação para tais finalidades.

O ensino então oferecido - *de cunho humanístico e literário* - era, naturalmente, de caráter elitista, pois não visava a uma utilidade prática, e a camada da sociedade que o procurava tinha como objetivo apenas "*cultivar as coisas do espírito*". Essa camada social pertencia, como não poderia deixar de ser, à classe dominante, e não tinha uma participação ativa no sistema de produção, que era garantido pelo trabalho escravo.

As atividades de produção, que então se resumiam na atividade agrícola, "*não exigiam preparo, quer do ponto de vista da sua administração, quer do ponto de vista da mão-de-obra*" (ROMANELLI: 34). Esta situação perdurou por todo o período da Monarquia e Primeira República, visto que os autores concordam que, nesse espaço de tempo, não aconteceram mudanças substanciais na estrutura social e, conseqüentemente, no âmbito educacional. E, como afirma O. Romanelli, nessa fase, o sistema educacional brasileiro não apresentava ainda o fator defasagem em relação ao desenvolvimento, ou seja, a distância entre os produtos acabados fornecidos pela escola e a qualificação de mão-de-obra exigida pela economia, tendo em vista as razões aludidas acima. Em outras palavras, a educação, nesse período, correspondia exatamente às reais exigências da sociedade de então. Em termos quantitativos, também, pode-se afirmar que a escola

atendia perfeitamente à demanda, já que ela não era acessível para a grande maioria da população, que se localizava na zona rural. Mesmo com o surgimento de uma camada intermediária na estratificação social, que logo percebeu o valor da educação como instrumento de ascensão social, a situação não se alterou, uma vez que essa camada procurava justamente o mesmo tipo de educação oferecida à classe dominante, a educação das elites, como uma forma de ascender socialmente. Desse modo, a educação, nesse período cumpria apenas duas das funções que lhe são atribuídas: a de reprodutora da ideologia dominante e da própria estrutura de classes. Esse contexto foi também responsável pelo alto índice de analfabetismo que se verificou nesse período e que se estende, por consequência, até nossos dias.

A decadência do modelo econômico agrário - exportador e a consequente evolução para o modelo urbano-industrial trouxe consigo os primeiros sinais do desequilíbrio que então se desencadearia na estrutura do sistema educacional brasileiro. Este começa então a sofrer pressões, particularmente no sentido de sua expansão, já que há um aumento da procura pela escola, como decorrência da intensificação do processo de urbanização. O modelo econômico que então surgia exigia uma certa qualificação da mão-de-obra, uma melhor preparação dos recursos humanos. Segundo *O. ROMANELLI*, esses dois aspectos - o aumento da "demanda social de educação e o aparecimento de uma demanda de recursos humanos" - geraram o desequilíbrio, que se acentua principalmente a partir de 1930. É aí que a educação é solicitada a assumir mais um dentre os seus vários papéis: o de reprodutora da força de trabalho.

Como era de se esperar, a fase de transformação da economia acarretou outras mudanças no contexto sócio-cultural do país. O novo modelo econômico dá à sociedade uma nova configuração. Muito embora a economia de base urbano-industrial só viesse a desempenhar um papel relevante - com respeito à participação na renda interna - muitos anos mais tarde, o processo de transformação, em nível de superestrutura, teria início muitas décadas antes, quando as tendências apenas se delineavam. E uma das características desse processo foi, dentre muitas outras, a crise gerada no sistema educacional. Para *O. ROMANELLI*, "a crise se manifestou pela incapacidade de as camadas domi-

nantes reorganizarem o sistema educacional, de forma que se atendesse, harmonicamente, tanto à demanda social de educação, quanto às novas necessidades de formação de recursos humanos exigidos pela economia em transformação".

A sociedade brasileira estava caracterizada até então por uma organização dual, constituída pela classe dominante e pela classe dominada. O sistema de ensino igualmente refletia essa dualidade. As escolas secundárias e as de ensino superior destinavam-se à primeira, enquanto a escola primária e a profissionalizante constituíam a educação do povo. Entretanto, a partir do momento em que essas camadas sociais cresceram e se tornaram mais complexas, a escola, que até aí se amoldara muito bem à sociedade dual, teria abalados os seus alicerces. Acrescente-se ainda o fato de não haver uma centralização do controle da educação, de forma que a ação do governo em relação a esta, diferia de um Estado para outro e destes para o âmbito federal, o que resultou numa total desorganização do sistema educacional brasileiro. Estes fatores já são suficientes para gerar o desequilíbrio, uma vez que não havia uma equivalência entre a educação ofertada e as necessidades educacionais do desenvolvimento, muito embora fossem ainda modestas as necessidades de qualificação de recursos humanos naquele momento. O fato, porém, é que a sociedade passa a fazer solicitações à escola e esta não estava apta a atendê-las.

Fazia-se necessário adequar o ensino à preparação do contingente de força de trabalho requerido para a implantação do novo modelo econômico. Neste sentido foram tentadas reformas, que quase sempre não lograram alcançar a solução dos problemas do sistema educacional. As reformas propostas, na maioria das vezes, não encontravam na infra-estrutura das instituições, o apoio suficiente para a sua implantação. Foram dessa época a reforma Benjamin Constant, a Lei Orgânica Rivadávia Corrêa, as reformas Carlos Maximiliano e Rocha Vaz que, no dizer de O. Romanelli, "não passaram de tentativas frustradas...", pois na realidade, elas não chegaram a promover mudanças substanciais no panorama da educação brasileira.

Os fatos mencionados acima deixam transparecer que

não existia ainda, nessa época, uma política educacional estatal, em nível nacional. A educação esteve sempre a cargo da Igreja e era a esta mesma instituição que cabia fazer a política educacional (FREITAG, 24).

Como foi dito acima, a partir de 1930 acentua-se o desequilíbrio do sistema educacional brasileiro. Porém, se analisarmos com mais profundidade o contexto sócio-econômico e cultural dessa fase, veremos que este não foi um fato isolado na conjuntura brasileira. A crise econômica mundial que eclodiu em 1929 traria conseqüências e marcantes mudanças até mesmo para os países chamados periféricos, mormente para aqueles dependentes economicamente, como o caso do Brasil.

Até então, o país, com sua indústria incipiente, tinha que importar os bens de consumo de que necessitava. A restrição a essas importações impôs-se como uma das primeiras medidas diante da crise e da falta de divisas. Esses fatores viriam contribuir para acelerar a implantação do processo de produção industrial brasileiro, que se concentrou de início na produção desses bens, anteriormente importados. Como conseqüência dessa mudança houve uma diversificação da produção, que veio reduzir o poder econômico e político dos cafeicultores, já que o seu poderio passou a ser dividido com outros grupos econômicos e com uma nova classe emergente: a burguesia urbano - industrial. Essas mudanças, que, naturalmente, afetariam a sociedade como um todo, fizeram com que o Estado sentisse a necessidade de reestrutuurar o seu poder.

Em 1930 cria-se o Ministério da Educação e Saúde^(*), que vem evidenciar a ação de controle do Estado sobre a educação e que daria início a relevantes mudanças no setor educacional, entre elas a estruturação da universidade. Logo a seguir, são criadas as primeiras universidades brasileiras, a partir da agregação de várias unidades isoladas de ensino superior.

(*) FREITAG: 50 faz referência à criação do Ministério de Instrução, Correios e Telégrafos, anterior a este.

Entretanto, não foram essas as mudanças mais substanciais ocorridas no âmbito da educação. A Constituição de 34 estabelece medidas pioneiras para o sistema educacional, como a elaboração de um *Plano Nacional de Educação*, a regulamentação de dotação orçamentária para a rede oficial de ensino em nível federal, estadual e municipal, bem como as responsabilidades administrativas para os respectivos níveis de ensino. É também nessa época que se implantam a obrigatoriedade e a gratuidade do ensino primário.

Novas mudanças são estabelecidas pela Constituição de 1937, que absorve parte da legislação do ensino contida na anterior. Uma delas é a criação do ensino profissionalizante, que deveria ficar a cargo das indústrias e dos sindicatos. Note-se que esta modalidade de ensino foi prevista para as classes menos privilegiadas, segundo artigo 129, citado por FREITAS (24:51). Mas o que queremos colocar em destaque é o fato de que, nesse período o poder público passa a assumir mais efetivamente a educação e que a partir de então ela começa a se popularizar. Este processo porém não ocorreu de modo natural e pacífico, do ponto de vista ideológico. Logo surgiram choques entre as correntes ideológicas (conservadora x moderna) que defendiam, uma, o monopólio da educação pela Igreja e pela família, e outra, a educação como uma responsabilidade do Estado.

Graças ao aumento substancial das despesas públicas com a educação, esta pôde expandir-se tanto em relação à oferta de matrículas, quanto à sua organização. Ao mesmo tempo, cresce a procura pela escola por parte da população, particularmente nas áreas urbanas. Todas essas transformações têm como causa maior as mudanças ocorridas na conjuntura econômica, com a diversificação da produção.

As mudanças ocorridas na conjuntura econômica, com o início da diversificação da produção trouxeram, como consequência, uma imediata demanda por uma força de trabalho mais bem qualificada e mais diversificada. Por outro lado, o governo se conscientiza do poder da educação como instrumento de manipulação das classes subalternas e, desse modo, submete-a gradativamente ao seu controle.

O novo modelo econômico vigente impunha profundas modificações no comportamento da sociedade como um todo. A concentração da população nos centros urbanos passou a exigir um mínimo de frequência à escola (para aquisição das técnicas da leitura e da escrita), não só como atendimento às necessidades mínimas de qualificação para o trabalho, mas também como condição de sobrevivência no sistema capitalista, seja como consumidor seja como concorrente no novo mercado de trabalho.

Se, antes, o modelo econômico agrário - exportador não fazia exigências à escola, nem despertava na população o interesse pela educação, houve, com a implantação do capitalismo (*que ocorreu mais evidentemente a partir de 1930*), uma ampliação da oferta de trabalho assalariado, que, em consequência, gerou um crescimento da demanda social de educação. Essa demanda evidencia-se numa forte pressão pela expansão do ensino. Entretanto, como ressalta *O. ROMANELLI*, essa expansão ocorreu de forma irregular nas diversas regiões do país, visto que, sendo uma consequência da expansão capitalista, o fenômeno "*só se desenvolveu nas zonas onde se intensificaram as relações de produção capitalista*".

É mais precisamente nessa fase que se evidencia a já citada defasagem do sistema educacional brasileiro, porque, diante das fortes pressões, o Estado se viu obrigado a expandir o sistema escolar. Entretanto, as elites no poder lutavam para impedir a democratização do ensino e usavam de todos os meios disponíveis para conter a pressão popular e manter o ensino elitista, como ele, até então, vinha sendo. Isso foi conseguido em grande parte por meio da legislação do ensino. Dessa forma, procurando atender as pressões de ambos os lados, o Estado realmente ampliou o sistema escolar. Mas, conforme afirmam os analistas da educação, esse aumento das oportunidades educacionais não foi satisfatório, nem com respeito à quantidade, nem com respeito à qualidade. O ensino então oferecido não qualificava para o trabalho, pois era o ensino planejado para e pelas elites. E também as novas oportunidades educacionais não foram suficientes para tornar universal e gratuita a escola elementar. Contudo, consultando as estatísticas educacionais desse período (*particularmente a partir de 1940*), vamos constatar que houve sensíveis progressos em relação à alfabetização

e em relação à evolução da matrícula.

Entre 1920 e 1940 as estatísticas acusam um aumento de mais de 100% na taxa de escolarização da população na faixa etária de 5 a 19 anos. Enquanto em 1920 essa taxa era de apenas 9%. em 1940 ela alcança os 21,43%. O crescimento da taxa de escolarização foi constante até 1970, quando então chegou a 53,72%, de acordo com dados citados por *ROMANELLI* (56:64). Deve ser observado que esse crescimento não ocorreu nas mesmas proporções do crescimento da população dessa faixa etária. Dessa forma, esses resultados só podem ser vistos com otimismo se analisarmos os dados referentes ao país como um todo, porque as estatísticas mostram também as marcantes diferenças existentes entre as taxas de escolarização de uma região para outra. Em 1950, por exemplo, 58,06% da população de 7 a 12 anos frequentavam escola, na região Norte; enquanto no Nordeste esse percentual chegava somente a 49,06% e se apresentava ainda mais baixo na região Leste - 40,33%; já na região Centro-Sul atingia os 74,08% (*ROMANELLI, 56:65*). As diferenças são também acentuadas quando comparamos esses dados referentes às zonas urbana e rural, sendo que os números são sempre mais altos na zona urbana.

À primeira vista esses dados podem parecer bem representativos. Na verdade eles resultam da abertura da educação às classes subalternas. Essa abertura vem ao encontro das exigências do momento, pois os diversos ramos da indústria nascente estavam a exigir melhor qualificação e maior diversificação da força de trabalho. O contexto já se apresentava bem diverso daquele do modo de produção agrário-exportador. O Estado se propõe, então, a assumir a educação, pois ela constitui um fator básico de promoção do desenvolvimento. Sua intervenção nesse setor era fundamental para criar as condições necessárias ao processo de desenvolvimento da Nação, dentro dos moldes capitalistas, ora em implantação. Neste sentido, foram implantadas medidas administrativas visando a uma reestruturação do aparelho educativo. Essas medidas foram fundamentadas nas Leis Orgânicas do ensino. Foi criado e estruturado o ensino técnico-profissional em suas diversas áreas (industrial, comercial, agrícola, etc.), havendo também sensíveis alterações no ensino secundário. Essa reorientação tinha como uma de suas metas organizar toda a população jovem

em todas as escolas do país.

O modo de produção capitalista consolida-se no Brasil no período de 1945-1964. Durante a Segunda Guerra Mundial, a conjuntura internacional favorece o fortalecimento da nossa economia, já que o país se liberta um pouco da dependência externa e consegue incrementar a sua economia de substituição de importação. Mesmo depois da Guerra, quando se restabelecem os laços de dependência, o processo econômico traçado anteriormente é sustentado até o início dos anos 60. Muito embora já fossem ligeiramente perceptíveis algumas forças conflitantes no contexto social, esse é um período em que o país aparenta atravessar uma fase de tranquilidade política e social. Entretanto, os movimentos logo vieram à tona, resultando em mudanças radicais que caracterizaram a Revolução de 30 e o período do Governo Vargas. Este conseguiu, principalmente sob o regime da ditadura (1937 - 1945), impulsionar o desenvolvimento do país.

Na fase seguinte florescem os movimentos populistas, cujas sementes haviam sido lançadas no Governo Vargas. Conforme afirma FREITAG (24:56), *"esse período se caracterizou pela coexistência contraditória, e às vezes abertamente conflitiva, de uma tendência populista e de uma tendência antipopulista"*. Nesse contexto de transformações econômicas e sociais é que se tornam mais evidentes as contradições entre as classes que buscam a educação escolar. As classes dominantes definiam os padrões de ensino que deveriam ser oferecidos. Estes, porém não eram compatíveis com o grau de modernização do país, já que essas camadas não se interessavam pelo trabalho, nem tampouco pela ciência. A educação que lhes convinha tinha como meta a obtenção de um título de doutor ou de bacharel, muitas vezes com fim puramente ornamental, para manter ou conquistar *"status"*. Era uma elite com padrões de consumo altamente requintados, comparáveis aos dos povos industrializados, mas em relação à educação os seus padrões continuavam arcaicos. Dessa forma, a educação se expande, atendendo à demanda social, mas a escola permanece estruturada dentro dos moldes tradicionais. Como consequência, ocorre, naturalmente, uma defasagem entre o setor educacional e o modelo econômico vigente.

Em 1961 é aprovada a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, que também não consegue corrigir essas distorções. Ela resultou de uma tentativa de conciliar as tendências divergentes em relação à educação brasileira, àquela época. Uma vantagem assegurada por essa lei foi a equiparação dos cursos de nível médio, que veio possibilitar uma maior flexibilidade no intercâmbio entre eles. A omissão em relação à gratuidade do ensino era um dos pontos negativos que ela encerrava. Desse modo, ela contribuiu para que a escola continuasse a reproduzir a divisão social, já que a educação permaneceu voltada para os interesses da classe dominante. Um aspecto que parece tornar-se mais evidente no sistema escolar brasileiro a partir da implantação da Lei de Diretrizes e Bases, e que decorre dessa escola de classes, é o da seletividade. A falta de escolas e oportunidades para toda a população escolarizável pode ser considerada uma das primeiras causas dessa seletividade. Quando o sistema escolar seleciona as crianças em idade escolar (7-14 anos) as primeiras oportunidades são, naturalmente, para as crianças das classes privilegiadas. Assim, a seletividade já se efetua antes do ingresso das crianças nas escolas. Para as que conseguem entrar há ainda outros mecanismos de seleção: a rigidez dos currículos, as altas taxas de reprovação e a evasão. Esta última, que pode ser vista como uma consequência das primeiras, engloba uma grande diversidade de causas e é constante motivo de estudos e análises por parte dos educadores. É na realidade um dos mais sérios problemas do nosso sistema escolar.

Após as transformações políticas por que passou o país a partir do movimento militar de 1964, a política educacional brasileira também foi alvo de reformulações, abrangendo todos os níveis de ensino. A primeira medida neste sentido foi a implantação da Reforma do Ensino Superior, em 1968. A Lei da Reforma Universitária tinha como uma de suas metas conter as manifestações de descontentamento por parte dos estudantes, que então lutavam por mais vagas e mais verbas para o ensino superior.

Como uma complementação dessas medidas de contenção, foi promulgada, em 1971, a Lei 5.692. Esta lei, que institui o ensino de 1º e 2º graus e introduz a obrigatoriedade do ensino profis

sionalizante de nível médio, foi o resultado de uma das recomendações do Relatório do Grupo de Trabalho da Reforma Universitária. Objetivava-se, com a profissionalização em nível de 2º grau, conter a crescente demanda pelo ensino superior, já que este proporcionava uma habilitação profissional não encontrada no ensino de nível médio, que, até então, oferecia um conteúdo de caráter geral. Desse modo, o ensino médio passa a ter, dentro da nova política educacional, uma função contenedora. Essas medidas visavam, de forma implícita, a prevenir conseqüências maiores e problemas mais sérios, como a formação de um grande contingente de desempregados, caso fosse atendida indiscriminadamente a demanda de escolarização superior.

Um estudo comparativo das diversas análises dos problemas do sistema educacional brasileiro certamente iria nos sugerir que, apesar dos esforços dos nossos educadores e legisladores, na tentativa de corrigir as deficiências do sistema, quase sempre esses esforços culminam em tentativas frustradas, pois os problemas e distorções parecem acumular-se com o passar dos tempos. Em alguns casos as distorções são geradas a partir da aplicação da própria legislação, que já traz em si elementos contraditórios. RODRIGUES (55:145) aponta as seguintes falhas do sistema educacional brasileiro e que ele considera que são conseqüências da reforma do ensino:

- . *"expansão irracional dos cursos de nível superior;*
- . *incapacidade do ensino de 1º e 2º graus de atender às exigências que lhe são colocadas, como, por exemplo, a de formação de profissionais de nível médio, segundo as carências do mercado de trabalho;*
- . *inadequação entre o mercado de trabalho e a oferta de cursos e vagas nas escolas de todos os níveis e graus;*
- . *não-superação do problema do analfabetismo;*
- . *baixa qualidade do ensino em todos os níveis, o*

que acaba por configurar um estrangulamento entre o término de um determinado curso e a possibilidade do indivíduo egresso do mesmo disputar um lugar no mercado de trabalho adequado ao seu nível formal de qualificação".

A legislação defende o direito e o dever da educação para todos. No entanto, podemos constatar, por meio das estatísticas do ensino, a incapacidade de o sistema escolar absorver a população em idade escolar. O problema da falta de escolas também tem-se agravado ano após ano, como mostram as estatísticas e informações oficiais. Em 1972, segundo FREITAG (24:60), "...faltavam escolas para 4,4 milhões de crianças da faixa de 7-14 anos". E em 1979 esta cifra estaria se elevando para mais de sete milhões, de acordo com estimativa do próprio MEC (ARAPIRACA, 2:60). Como já foi dito anteriormente, a falta de escolas é também uma das causas da seletividade do ensino. Somam-se a essa diversas outras, que são muitas vezes originadas na própria situação sócio-econômica da criança brasileira e que contribuem para que alguns milhares delas permaneçam na condição de analfabetas. O problema do analfabetismo é então posposto para a idade adulta e pretende-se que seja resolvido pelo MOBREAL, que também tem-se mostrado ineficaz no seu propósito de erradicar o analfabetismo do país.

Desse modo, a educação no Brasil continua sendo privilégio de uma minoria, um distintivo de classes. Não resta dúvida de que tem havido uma abertura da escola para acolher as crianças da classe trabalhadora. Entretanto, essa expansão quantitativa redundou sempre em degradação da qualidade do ensino. É este ensino de baixa qualidade que está destinado à classe menos favorecida e que, por sua vez, funciona como mecanismo de seleção dentro da escola e fora dela, no mercado de trabalho. De acordo com FREITAG (24:65), a participação da classe menos favorecida no processo de escolarização "diminui à medida que se ascende no nível de instrução". E cita alguns estudos que comprovam ser muito pequena a percentagem de universitários provenientes da classe popular. Vale ressaltar que é esta classe que constitui a faixa mais numerosa da população.

Em suma, os autores citados neste capítulo analisaram o sistema educacional brasileiro em seus diversos aspectos e, quase sempre, concluem que a educação no Brasil se destina a uma minoria privilegiada da população. Em outras palavras, que ela é *elitista e pouco democrática*.

3.2.2 A realidade contemporânea da educação no Estado do Espírito Santo

Acompanhando-se a evolução histórica da educação no Espírito Santo, pode-se notar que, no período que vai dos primórdios de sua colonização à etapa de sedimentação do capitalismo urbano e industrial que caracteriza a sociedade brasileira contemporânea, a ideologia que serviu de substrato ao processo de desenvolvimento tanto da educação brasileira no seu todo, quanto da do Espírito Santo, em particular, não apresenta diferenças fundamentais. E, desse modo, a realidade educacional do Estado do Espírito Santo, consideradas determinadas características peculiares à realidade local, se assenta nos mesmos padrões que, de modo geral, orientam a educação brasileira. É o que pretendemos mostrar a seguir.

Em 1968, por ocasião do "*Primeiro Simpósio sobre o Desenvolvimento do Estado do Espírito Santo*", o Professor E. GEOTO (9) apresentou os resultados de um levantamento da situação do setor educacional do Estado. São apontadas as diversas falhas encontradas no sistema, na época, e que interferiam na eficiência do atendimento à população escolar. O referido estudo registra a ocorrência de uma verdadeira explosão da demanda pela escolarização e o sistema, pressionado por essa demanda, e não tendo tido a preocupação de elaborar um planejamento adequado para atendê-la, vinha aplicando soluções paliativas, que resultavam num mal atendimento e na quebra da qualidade da educação. O número de turnos escolares era triplicado ou até mesmo quadruplicado; o número de alunos por sala de aula era aumentado; e essas medidas representavam um esforço malogrado da rede de ensino no sentido de acomodar a população escolar em suas escassas instalações físicas. Con

forme afirma o citado autor, 73% das escolas primárias do Estado estavam funcionando nessas condições, atingindo 80% dos alunos matriculados. Esses problemas eram agravados em alguns centros urbanos, onde se registrava uma maior explosão demográfica; dentre estes, eram apontados três municípios da Grande Vitória: Cariacica, Vila Velha e Vitória. O sistema tinha um déficit de um pouco mais de 1.600 salas de aula.

O problema da falta de qualificação do pessoal docente é também mencionado pelo autor, que o considera mais agudo na zona rural do Estado. Havia também um déficit de recursos humanos (professores) em todo o sistema escolar.

Concluindo, o autor considera que as medidas que vinham sendo adotadas mostravam-se inadequadas, uma vez que a taxa de escolarização (dos níveis primário e médio), no Estado, mantinha-se bem abaixo da média nacional. E apresenta um plano de reformas necessárias e urgentes, visando a correção das distorções detetadas pelo estudo, no setor educacional.

No final da década de 60 e início da de 70 surgiram, em todo o país, manifestações populares (encabeçadas por estudantes), com o objetivo de pressionar o poder público a fim de que se expandisse o ensino gratuito, em todos os níveis. As medidas mais relevantes, adotadas pelo governo no sentido de arrefecer esses movimentos, estão contidas na lei da Reforma Universitária (1968) e na Lei nº 5.692/71. Enquadrando-se nas diretrizes desta última, foram implantadas em quatro estados brasileiros, dentre os quais o Espírito Santo, as Escolas Polivalentes. Estas pretendiam ter caráter de escolas-modelos e deveriam, posteriormente, ser implantadas nos demais estados. Entretanto, a Escola Polivalente era um modelo de escola americana, transplantada para o nosso meio por intermédio dos acordos MEC/USAID e acabou sendo mais uma experiência frustrada da política educacional brasileira. J.O. ARAPIRACA (2) analisa as conseqüências que tais acordos legaram à educação brasileira e as causas da falência da experiência PREMEN, da qual resultou a Escola Polivalente.

A Lei 5692/71, ao instituir a obrigatoriedade do ensino profissionalizante, pretendia que o educando lograsse uma pro

fissão ao concluir o 2º grau, evitando assim o congestionamento nas escolas de nível superior, para onde este quase sempre convergia, à procura da profissionalização. Entretanto, a execução prática dessa lei mostrou-se ineficiente para ambas as finalidades. As escolas, particularmente as públicas, não tinham, nem procuraram dotar-se de recursos (materiais e humanos) a fim de oferecer cursos conforme a filosofia da lei, de forma a proporcionar ao estudante essa formação profissional. Às poucas escolas privadas que tinham condições de oferecer tais cursos faltava-lhes interesse, pois as classes sociais que freqüentavam esse tipo de escola mantinham preferência pelo ensino acadêmico.

Desse modo, o que se tem verificado, principalmente a partir da década de 70, é um estrangulamento do fluxo de escolarização em nível de 1º e 2º graus, pela incapacidade de a rede oficial de ensino atender a demanda social de educação. De certa forma, isso tem contribuído para que ultimamente a rede particular de ensino tenha crescido cada vez mais, em todo o Brasil e também no Espírito Santo. Entretanto, considerando-se o baixo padrão econômico da nossa população, é ilícito estimar-se o grande percentual de crianças e jovens que permanecem à margem da escola, por falta de condições até mesmo de freqüentar uma escola pública. O censo escolar nos mostra até onde vai essa marginalização. Em 1970, em todo o Brasil, apenas 34,4% das crianças de 7 anos freqüentavam a 1ª série primária; no Espírito Santo, esse percentual chegava a 44,2% (total do Estado), sendo que na zona urbana atingia 49,1% e na zona rural 40,6% (CUNHA, 13:119). Apesar de esse percentual estar um pouco acima da média nacional, ainda assim não há motivo para otimismo, já que se observa que mais de 50% das crianças em idade escolar permanecem fora da escola. Acrescente-se ainda o problema da evasão escolar, outro fator que contribui seriamente para a marginalização de um grande percentual da população em idade escolar. A situação em relação a esse dado, em todo o Brasil, em 1972, apresentava-se bastante negativa, em quase todos os estados e territórios. A proporção de alunos matriculados na 1ª série primária em 1971 que ingressaram na 2ª série em 1972 atingia apenas 40,1% no país e no Espírito Santo apenas 38,3% (CUNHA, 13:125). Há uma infinidade de dados que comprovam a evasão escolar no sistema educacional brasileiro.

De acordo com informação da Secretaria de Estado da Educação - SEDU (21:11) o Índice de crescimento da matrícula de 1º e 2º graus, na rede estadual de ensino entre 1976 e 1981 foi de 9,4%. Na rede municipal, o crescimento da matrícula no mesmo período foi de 39,1%, o que dá um total de 48,5%. Temos que considerar ainda o problema do crescimento desigual da população. Na zona rural há localidades em que este crescimento se encontra praticamente estagnado - *devido ao êxodo rural* - enquanto em alguns núcleos urbanos acontece uma verdadeira explosão demográfica - *como em algumas áreas da Grande Vitória* -. Desse modo, vamos encontrar áreas onde sobram vagas nas escolas e outras onde as vagas são insuficientes para atender a demanda. No cômputo geral o que se pode constatar é que há um grande déficit de vagas em relação à população em idade escolar. Segundo informações emitidas pela própria Secretaria de Educação (SEDU, 57), em 1980 somente 53% da população do Estado, na faixa etária de 4 a 18 anos, têm acesso à escola, incluindo-se aí as redes pública e privada. Essa faixa de idade abrange o ensino pré-escolar, de 1º e 2º graus. E ainda, de acordo com a mesma fonte de informação, as maiores distorções se verificam no ensino de 2º grau, onde apenas 15% da clientela (15 a 18 anos) vêm sendo efetivamente atendidos.

3.2.2.1 Situação sócio-econômica do Espírito Santo e sua relação com o contexto educacional vigente

Em 1982 a população urbana brasileira era de 66.096.495, em relação à rural que era apenas de 24.809.304 habitantes (IBGE, 1982), isso em se tratando de pessoas de 10 anos ou mais, em condições de estarem economicamente ativas e de frequentarem escola. No Espírito Santo, segundo dados do IBGE (*Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio-PNAD/1983*), a população urbana de maiores de 10 anos, em condições de estudo e de trabalho era de 1.029.160 habitantes, em relação a uma pequena percentagem de população rural, de apenas 561.984 pessoas. Na *Tabela 1* pode-se observar paralelamente esses dados, em relação à população total nacional. Desse modo, apreciando-se a percentagem de cada situação, poder-se-á ter uma idéia do efeito causado pelo êxodo rural e as conseqüências por ele geradas no sistema educa

cional, mormente nas áreas urbanas, onde a demanda de matrículas tem crescido substancialmente.

Tabela 1 - População Rural e Urbana do Espírito Santo, com mais de 10 anos, em condições de frequentar escola e de atividade de trabalho.

Situação Domiciliar	No Brasil		ECON. ATIVA		NO ESP.SANTO		ECON. ATIVA	
	f	%	f	%	f	%	f	%
RURAL	24.809.304	31,73	14.651.908	21,69	561.984	13,48	365.466	30,3
URBANO	66.096.495	68,27	35.232.828	78,31	1.029.160	86,52	565.651	69,7
Total	90.905.799	100%	49.884.736	100%	1.591.144	100%	931.117	100%

FONTE: PNAD/83

Observa-se que no Brasil 68,27% da população em condições de estudo e de trabalho concentram-se na zona urbana. O êxodo rural, responsável pelo esvaziamento do campo para a cidade, tem agravado ainda mais os efeitos que as escolas, principalmente as de 1º grau, vêm sofrendo: as escolas situadas na zona rural foram se desaparelhando, já que a frequência de estudantes só tem diminuído cada vez mais, considerando-se que a população economicamente ativa é bem maior do que a de pessoas que frequentam a escola, o que confirma a tendência ao abandono dos estudos para a necessária dedicação ao trabalho.

As poucas perspectivas de trabalho na zona rural e a quase total ausência de infra-estrutura das escolas aí localizadas resultam no conseqüente aumento de demanda nas escolas da zona urbana que, por sua vez, encontram-se também desaparelhadas e, em muitos casos, não contam com os necessários recursos estatais para eventuais melhorias estruturais que lhes permitam atender a uma maior demanda de ensino.

Na Tabela 2 tem-se demonstrado o total da popu

tação do Espírito Santo e sua distribuição de renda.

Tabela 2 - Distribuição de renda das pessoas acima de 10 anos, em condições de estudo e de trabalho, no Espírito Santo.

CLASSE RENDA MENSAL	SUBTOTAL
Até 1/2 salário	121.930
De 1/2 a 1 salário	215.305
De 1 a 2 salários	220.903
De 2 a 3 salários	104.243
De 3 a 5 salários	67.789
De 5 a 10 salários	65.477
Mais de 10 salários	45.191
Sem rendimento	749.671
Sem declaração	635
TOTAL	1.591.144

Fonte: PNAD/1983

Esses dados deixam claro que a precária condição em que o sistema educacional se encontra, coadjuvante à crise econômica que o país atravessa, tem contribuído sobremaneira para o aumento do analfabetismo e do despreparo da mão-de-obra. Se, de um lado, temos alguma melhoria no setor educacional, gerada pelos programas educacionais do governo, de outro temos a falência desses programas em consequência da necessidade emergente de trabalho para fins de subsistência, a qualquer preço.

Os resultados apreciados nas Tabelas 1 e 2, anteriormente, nos dão a percepção de uma situação sócio-econômica pouco alentadora e por demais deficitária no que tange à infra-estrutura eco

nômica da população diante dos cursos e incursos que a economia sofre durante seu ciclo completo, desde a recessão à prosperidade.

Tem-se, segundo dados da *PNAD/1983*, que de um total de 733.471 pessoas ocupadas, com rendimento de trabalho, apenas 34.618 são empregadores, ou seja, constituem empresas ou microempresas. Isso vem demonstrar que o nível de desenvolvimento, de crescimento econômico é pouco significativo no Espírito Santo, já que tendo-se poucos empregadores ter-se-á, conseqüentemente, menores chances para a absorção de mão-de-obra. Considere-se ainda que 149.743 pessoas trabalham por conta própria e que, desse total, 44.004 (29,3%) ganham menos que 1 salário mínimo, sendo que apenas 20.424 (13,2%) ganham mais que 05 salários mínimos.

Na *Tabela 3* tem-se o número de pessoas em condições de trabalho, segundo sua escolaridade. Pode-se perceber aí que há um maior percentual de pessoas com 3 e 4 anos de estudo, o que implica, no máximo, na conclusão do antigo curso primário.

Tabela 3 - Pessoas em condições de trabalho, segundo sua escolaridade

ANOS DE ESTUDO	SUBTOTAL	HOMENS	MULHERES	%
Sem estudo e menos de 1 ano	341.350	166.813	174.537	21,5
1 e 2 anos	218.667	119.946	98.721	13,7
3 e 4 anos	501.006	262.417	238.589	31,5
5 a 8 anos	283.451	140.504	142.947	17,8
9 ou mais	246.050	121.558	124.492	15,5
TOTAL	1.591.144	811.552	779.592	100,0

Como se pode observar, há um número mais elevado de mulheres (124.492) do que de homens com 9 ou mais anos de estudo. Ao que parece, aquelas têm maior disponibilidade de tempo para se dedicarem aos estudos, uma vez que dentre o número de pessoas que estudam entre 1 e 2 anos, mesmo 3 e 4 anos, é bem maior a predominância masculina. Isso parece refletir uma característica da economia brasileira, onde ainda é acentuada a preferência pela mão-de-obra masculina, mesmo porque as condições legais de trabalho pouco favorecem o empregador quando o empregado é do sexo feminino.

Assim, temos um perfil da economia do Espírito Santo, demarcada por uma maior demanda de pessoal sem condições básicas de instrução para o trabalho e que se coloca num nível de baixa remuneração, o que contribui para que o Estado se enquadre em condições de pobreza de recursos humanos qualificados e, em consequência, num ciclo de desenvolvimento baixo a nível de economia interna.

Enquanto renda nacional, o Espírito Santo se sustém por meio das grandes companhias (*CVRD, CST, ARACRUZ CELULOSE, SALARCO, etc.*), de capital misto e fins de exportação, que absorvem, em sua maioria, o recurso humano vindo de fora do Estado, já que aqui, os pré-requisitos para um eventual aquecimento da economia são escassos ou quase inexistentes.

Em suma, pode-se perceber que o desaparelhamento das escolas de 1º e 2º graus geram consequências indelêveis àqueles que aspiram ao 3º grau (o curso superior), não lhes dando muita chance para que tal escopo seja alcançado. Todavia, aqueles que até lá chegam estão completamente desprovidos de quesitos necessários à melhoria do nível de ensino e conseqüente aproveitamento, anulando, por esta via, os efeitos de uma educação superior e agravando ainda mais o contexto sócio-econômico local.

Ao longo da análise que acabamos de apresentar, pode-se observar que a biblioteca escolar, no contexto da educação brasileira, não foi citada. A sua ausência, porém, não deve ser atribuída puramente à omissão dos diversos autores até aqui citados. Eles não a

mencionam, certamente, porque a ela não foi dada, por parte de administradores e legisladores, a importância que lhe deveria caber, tanto na teoria quanto na prática educacionais.

Poderia parecer ingênuo questionar se essa omissão (de administradores e de legisladores) é fruto de esquecimento ou de desconhecimento da necessidade da biblioteca (ou dos serviços bibliográficos) para que a escola ofereça uma educação de melhor qualidade.

O que parece ter ficado mais claro é que há, em nosso país, uma evidente falta de interesse em colocar ao alcance da população esse instrumento que lhe proporcionaria uma melhor educação, pois, como bem o disse o educador Lauro de Oliveira Lima, "A educação no Brasil deixa de ser matéria de educadores por ser preocupação de economistas" (In: *A escola pouco risonha...*, (19). Vista desse modo, a educação é, como já foi dito, simples reprodutora de mão-de-obra para o mercado de trabalho e da divisão de classes. Não pode, assim, ser considerada dentro do seu conceito real e verdadeiro: como um processo que contribui para a evolução e auto-realização do ser humano.

3.3 REVISÃO DE LITERATURA SOBRE BIBLIOTECA ESCOLAR

Antes de entrarmos no tema específico deste trabalho parece-nos conveniente tecer algumas considerações sobre o assunto Biblioteca Escolar. Essa visão de biblioteca escolar, numa dimensão mais ampla, que tencionamos oferecer neste capítulo, tem por objetivo colocar os parâmetros que servirão de base à análise da situação das bibliotecas das escolas da região da Grande Vitória. Aqui a biblioteca escolar será apresentada em seus aspectos teóricos mais gerais e, em seguida, serão analisados alguns aspectos da situação das bibliotecas escolares no Brasil, tendo por base as informações veiculadas por meio da literatura concernente ao assunto.

3.3.1 Conceituação

Os diversos tipos de bibliotecas distinguem-se entre si pelas funções que cada uma delas desempenha e essas funções são determinadas pela clientela específica a que elas se destinam. Assim, a clientela de uma biblioteca escolar não tem as mesmas características da de uma biblioteca universitária ou de uma biblioteca pública, por exemplo. Sendo diferentes essas clientelas, a demanda de serviços de cada uma delas é, também, marcadamente diversa.

A partir da definição de biblioteca escolar é possível perceber-se as suas características fundamentais. De modo geral, as definições dadas pelos diversos autores coincidem. Convém, entretanto, citar aqui algumas a fim de se ter idéia de como a biblioteca escolar vem sendo visualizada através dos tempos e qual o seu conceito atual.

Até a segunda década deste século, de acordo com AV DERSON (1) (1953), a idéia de biblioteca estava ainda primordialmente ligada a leitura recreativa. Nessa mesma época começaram a surgir bibliotecas em algumas escolas progressistas dos Estados Unidos. Entretanto, essas bibliotecas ainda não eram consideradas pelos educadores como fontes de recursos de informação. Referindo-se à biblioteca do futuro, a autora a concebe como um centro de materiais instrucionais, onde se incluiriam não só materiais impressos, mas também audiovisuais, informações sobre recursos da comunidade e materiais elaborados pelos professores.

Num artigo publicado em 1953 HENNE (30) definia biblioteca escolar como *"uma coleção bem equilibrada de livros e outros materiais adequados, um bom bibliotecário escolar e um programa dinâmico de serviço de biblioteca para alunos e professores"*.

MARIETA DANIELS (1966), citada por M.E. SILVEIRA (59), refere-se a bibliotecas escolares como *"coleções bem organizadas de material de leitura apropriado para complementar o programa de estudos e os livros de texto, assim como de livros de consulta, necessários para os professores e estudantes das escolas primárias e se*

cundárias".

Biblioteca escolar, segundo R.A. DAVIES (15) (1969) é "um laboratório de aprendizagem, que proporciona todos os tipos e espécies de meios de instrução essenciais para o ótimo apoio do programa educativo, que dá a cada estudante oportunidade de trabalhar com idéias de forma inteligente, intensa e ampla, enquanto recebe orientação especializada em um ambiente conducente ao máximo de aprendizagem".

ELLSWORTH & WAGENER (18), na obra "The School Library", publicada em 1970, preferem usar o termo BIBLIOTECA para referir-se à biblioteca escolar, ao invés de adotar expressões como, centro instrucional de aprendizagem, centro de meios (media) instrucionais, centro de recursos, etc. Acham que esses novos rótulos, que estão se tornando populares entre os educadores, resultam de uma tentativa de exprimir-se um conceito ampliado das funções da biblioteca; e que a palavra biblioteca tem um significado de idade imemorável, que não foi obscurecida por modismos e é entendida pelo público como o lugar tradicional onde os suportes do conhecimento são guardados e usados. Para esses autores, o conceito de biblioteca escolar deve iniciar com uma análise dos tipos de atividades que ela encerra e, para isso, convém responder primeiramente à questão: o que os alunos fazem numa biblioteca escolar? A mesma pergunta deve ser feita também com relação aos professores. Enfim, argumentam que as escolas precisam adotar um conceito dinâmico de biblioteca, ou seja, o lugar onde se encontram todos os tipos de suportes (veículos) do conhecimento.

Os autores brasileiros, têm demonstrado pouca preocupação em conceituar a biblioteca escolar. Entretanto, T. CERDEIRA, (1977) (10), apresenta duas versões da biblioteca escolar (antiga e moderna). Para ele, a biblioteca em seu conceito tradicional constituía-se de pequenas coleções de livros, periódicos e outras publicações existentes nas escolas ou mesmo nas salas de aula. À medida em que a esse material se incorporaram outros materiais de uso no processo de ensino, a biblioteca passou a ser vista como "um novo tipo de centro de recursos educativos, no qual a ênfase não é, apenas colocada na leitura", mas também em ouvir e observar materiais (slides, transparências, filmes, fi

tas gravadas, etc.)

Observa-se que, de forma mais geral, são veiculados dois conceitos de biblioteca escolar: um mais restrito e mais antigo e o outro mais amplo e mais moderno, embora se possa perceber que, em alguns países, esse novo conceito de biblioteca escolar ainda esteja em nível quase que puramente teórico. Já se conhece o que deve ser uma biblioteca escolar, no sentido mais amplo ou mais moderno do termo, pelo menos teoricamente, embora, na prática, ela permaneça ainda dentro do seu conceito tradicional ou mais restrito. Na verdade, nos países subdesenvolvidos, a biblioteca escolar, de modo geral, nunca chega a ser mais do que uma coleção de livros e algumas publicações periódicas.

3.3.2 Funções da biblioteca escolar

Um outro ponto que deve ser destacado para melhor se caracterizar a biblioteca escolar diz respeito às suas funções. Convém deixar claro quais as funções que uma biblioteca escolar deve desempenhar, embora algumas delas - *as de âmbito mais geral* - já estejam implícitas na própria definição de biblioteca escolar. Nessa conceituação também fica evidente a estreita relação existente entre a biblioteca e a instituição na qual esta se insere. Desse modo, os métodos de ensino e a dimensão do programa de ensino influem diretamente no programa de serviços da biblioteca, ou nas funções que ela deverá desempenhar na escola.

De acordo com DAVIES (15), *"a necessidade educativa de empregar materiais apropriados para estender a aprendizagem além do livro de texto e da aula foi reconhecida desde muito tempo, como essencial para uma aprendizagem eficaz. Em 1839, Horace Mann recomendava o estabelecimento de bibliotecas para compensar as limitações informativas do texto"*.

A função básica da biblioteca escolar é, sem dúvida, servir de complementação ao programa educativo. Este, não é mais do que um esquema geral, um ponto de partida; o livro de texto representa

o m̃nimo indispens̃avel na abordagem de um tema; a biblioteca escolar ẽ, por sua vez, o centro de aprendizagem, onde o estudante dever̃a encontrar, numa extensa variedade de materiais, as informaçõs necess̃arias para satisfazer sua curiosidade natural e abrir sua mente para a compreens̃o do mundo que o rodeia.

Para C.V. PENNA (51), a funçãõ prec̃ipua da biblioteca ẽ "*tornar livros e outros materiais didãticos acess̃veis a professores e alunos, em apoio ao programa de ensino, e promover o desenvolvimento intelectual de um estudante, em especial desenvolvendo a habilidade no uso de livros e bibliotecas. Deve desempenhar papel ativo no processo educacional, persuadindo corpo docente e discente a ler e usar livros, dando orientaçãõ na leitura, e encorajando leitura de qualidade mais elevada e a formaçãõ do hãbito de leitura por praser e auto-educaçãõ. Pode tambẽm, eventualmente, atuar como biblioteca p̃blica, em especial no atendimento de todas as criançãs de uma comunidade*".

Em sua grande maioria, os autores estãõ acordados sobre este ponto. As divergẽncias que se encontram, algumas vezes, sãõ apenas com relaçãõ ã forma de expressãõ. M.E. SILVEIRA (59), por exemplo, enumera todos esses pontos citados por C.V. PENNA como "objetivos da biblioteca escolar.

A maioria dos manuais que tratam de biblioteca escolar contẽm orientaçõs para a sua organizaçãõ, tratam das formas mais comuns de estruturaçãõ de biblioteca escolar (isoladas, centralizadas, ou formando parte de uma rede etc.), trazem orientaçõs para administrã-la e alguns apresentam uma relaçãõ detalhada das funçõs e das atividades da biblioteca e das atribuiçõs do bibliotecãrio. Nota-se uma variaçãõ muito pequena (com relaçãõ ao conteũdo) entre os manuais publicados em outros paĩses e os poucos que existem publicados em lĩngua portuguẽsa, pois, quase sempre, os ũltimos sãõ traduções ou recopilações dos primeiros. Desse modo, os pontos enfocados sãõ sempre os mesmos e os pontos de vista tambẽm em quase nada divergem.

Trẽs elementos sãõ considerados essenciais ao bom desempenho da biblioteca escolar:

- a) *material*;
- b) *pessoal*;
- c) *instalações físicas*.

Cabe ao pessoal encarregado da biblioteca dinamizar esses componentes , para que a biblioteca não adquira características de um órgão estático, como era vista até algumas décadas atrás. Sendo essenciais, esses elementos formam o próprio sistema da biblioteca e, como tal, recebem influências do ambiente (interno e externo). É a dinâmica desses elementos, por sua vez, que vai determinar o conceito que será atribuído à biblioteca.

Segundo *ELLSWORTH e WAGENER*, até a época da 1ª. Guerra Mundial as bibliotecas das universidades e das faculdades não tinham atingido um estágio satisfatório de desenvolvimento. Por essa época o bibliotecário estava ainda muito envolvido com as tarefas de adquirir e preservar os registros do conhecimento. Não era dada muita atenção ao uso da biblioteca pelos estudantes. A partir do momento em que a preocupação com o preservar foi substituída pela preocupação com o usar, as bibliotecas começaram a mudar a sua linha de ação e, conseqüentemente, o seu conceito. Os citados autores analisam esses aspectos em relação às bibliotecas do nível de ensino superior para, em seguida, mostrarem que essas tendências, aos poucos, chegaram à biblioteca da escola secundária e só depois de um certo tempo à da escola elementar.

J. GARDINER (25:23) concorda com os autores supracitados, quando afirma que o desenvolvimento de bibliotecas no plano educativo das escolas elementares (dos E.Unidos) é mais recente do que o das bibliotecas das escolas secundárias e das escolas superiores; e que é também recente a aceitação da biblioteca como elemento essencial na escola elementar. Acha que essa situação resultou mais de uma "*rotina tradicional*" do que de um planejamento educacional, pelo fato das escolas secundárias terem seguido a tradição das academias especiais e das escolas superiores, no que diz respeito ao seu plano geral de organização e de ensino, o que fez com que as bibliotecas se convertessem, também nas escolas secundárias, num fator indispensável. Já as escolas elementares continuaram voltadas para sua função básica,

e tradicionalmente aceita, de ensinar a ler em livros de textos e em torno desse critério, segundo a autora, girava todo o seu programa educativo, a própria organização da escola, métodos de ensino e material docente. Nesse tipo de escola a biblioteca não desempenhava nenhum papel importante dentro do programa educacional e, ainda de acordo com GARDINER, *"consistia em uma simples coleção de livros desorganizados, sem catalogar, pobremente selecionados"*. Era o que se podia chamar de um depósito de livros ou seja, um local onde apenas se guardava os materiais impressos.

Do ponto de vista de ELLSWORTH e WAGENER, a mudança de atitude das bibliotecas da escola secundária, que mais tarde também se estendeu à escola elementar, teve sua origem nas mudanças ocorridas na escola superior. Mais do que isso, eles afirmam que as escolas secundárias aproveitaram e transportaram para o seu âmbito as experiências dos bibliotecários das universidades e das faculdades. Nesses estabelecimentos de ensino a biblioteca passou a ser considerada como um instrumento de ensino a partir do momento em que o professor admitiu que o *"montante de conhecimento que ele queria ensinar extrapolava o livro de texto e que o problema da seleção e avaliação da informação já estava a sua frente"*. Foi aí que sentiu-se a necessidade de a biblioteca encarregar-se da aquisição, da preservação e também do uso dos suportes da informação. Por outro lado, a escola secundária vinha assumindo muitas das características da escola superior, com relação a programas, métodos de ensino e procedimentos. Também os professores da escola secundária começavam a mostrar interesse em novas experiências relacionadas a métodos educacionais.

Vejamos então de que maneira essas mudanças e tendências se fizeram sentir na biblioteca da escola elementar. Para uma melhor visualização, parece-nos conveniente verificar como esse contexto se refletiu em cada um dos três elementos básicos da biblioteca escolar :

a) Com relação aos materiais

Foi dito, anteriormente, que as bibliotecas escolares se constituíam de coleções de livros mal selecionados e nem

sempre organizados para o uso. As atividades restringiam-se a emprestar livros a algum leitor que se interessasse em levá-lo para a leitura em casa. Era a época em que a biblioteca era vista apenas como uma fonte de leitura recreativa. Só a partir do momento em que ela passou a ser considerada como uma fonte de materiais informativos e como uma extensão do programa de ensino, sentiu-se a necessidade de se diversificar os materiais que a compunham e, obviamente, de organizá-los para otimizar o seu uso. A coleção da biblioteca passou então a incluir diversos outros tipos de suportes do conhecimento, e entre eles os chamados audiovisuais que, muitas vezes, exigem ainda que a biblioteca se equiparasse com aparelhagem própria. Dessa forma, o usuário quando se dirige atualmente à biblioteca ainda é movido pelo mesmo e tradicional objetivo: buscar informações; a diferença está em que essa informação hoje poderá ser encontrada num livro, numa fita cassete, num periódico, num slide, num recorte de jornal, num filme, enfim, numa imensa variedade de materiais à sua escolha.

b) Com relação a pessoal

Diante da transformação que se vinha processando na biblioteca, o bibliotecário teve que reavaliar o seu papel dentro da escola e procurar acompanhar as mudanças que lhe eram impostas como decorrência da nova postura adotada pela escola. Ampliando o seu raio de ação, ele abandona a sua função básica de guardião do conhecimento e passa a atuar, conjuntamente com toda a escola, na tarefa de educar. Ele é agora um especialista em meios instrucionais. Essa mudança não foi, porém, automática e não se concretizou de maneira repentina. Muitas barreiras precisaram ser transpostas, num processo lento e gradual, até que se configurasse uma nova situação. Os educadores não aderiram de forma unânime aos novos métodos de ensino, nem tampouco aceitaram, de imediato, o bibliotecário como um novo elemento no seu meio. De sua parte, o bibliotecário também não estava preparado para atuar nesse novo tipo de biblioteca, ou seja, para assumir as novas funções para as quais vinha sendo solicitado. Verificou-se, assim, a necessidade de se repensar o programa de preparação de bibliotecários para atuar em bibliotecas escolares.

e) Com relação a instalações físicas

Na sala de aula, mesmo se colocando a ênfase no estudo individual, o estudante, ainda assim, sentir-se-á como um membro de um grupo. A biblioteca é o lugar propício para o incentivo ao estudo individual. Entretanto, no caso do estudante da escola relementar, ainda não habituado ao uso de bibliotecas, é necessário que se lance mão de todos os meios para estimular esse hábito. Os recursos, bem como os equipamentos, devem estar dispostos de maneira que o aluno tenha oportunidade de agir sozinho e sinta liberdade para escolher como e onde trabalhar. O arranjo do mobiliário e dos equipamentos deve formar um conjunto agradável, confortável e convidativo. Muito embora estes sejam fatores secundários de motivação no uso da biblioteca, não deixam de exercer sua parcela de influência quanto a isso. *ELLSWORTH e WAGENER* afirmam que fatores como o tipo de construção do edifício da biblioteca, a disposição dos recursos, exposições e painéis interessantes, podem motivar o aluno para a leitura. Eles baseiam essa afirmativa em depoimentos de bibliotecários de faculdades, que declararam ter havido um aumento do uso da biblioteca após a construção de novos e adequados prédios. Os citados autores, embora se refiram às bibliotecas das faculdades, lembram que esses mesmos fenômenos também podem ser observados nas bibliotecas escolares.

Para que as bibliotecas desempenhem suas funções dentro de moldes mais ou menos uniformes as entidades mais diretamente a elas vinculadas, como as entidades de classe dos bibliotecários e algumas educacionais, têm, ao longo dos tempos, procurado estabelecer padrões mínimos para o seu funcionamento. Esses padrões referem-se, em geral, aos elementos que mencionamos como essenciais ao bom desempenho da biblioteca. Estabelecem um tamanho mínimo para as coleções, o nũmero mínimo de profissionais necessários e seus padrões de qualificação, a área (espaço) mínima necessária, tendo por base, quase sempre, o total de alunos matriculados na escola. Nos Estados Unidos, a A.L.A. - *Ame*rican Library Association - e a *National Education Association*, publicaram conjuntamente, em 1925, o primeiro manual sobre o assunto intitulado "*Elementary School Library Standards*". Essas normas foram, posteriormente, revistas e atualizadas e mais tarde surgiram outros ma

nuais do mesmo teor. Em sua obra "*Normas para los servicios bibliotecarios*", WITHERS (62) apresenta um apanhado geral das normas existentes para os diversos tipos de bibliotecas, em vários países do mundo.

3.3.2.1 Atividades da biblioteca escolar

O programa de atividade da biblioteca escolar deve ser planejado conjuntamente com o programa de ensino da escola. Daí porque se insiste constantemente, na literatura sobre o assunto, que o programa da biblioteca não pode ser desvinculado do programa educacional e que os objetivos da biblioteca escolar estão contidos nos objetivos da instituição a que ela serve. Uma vez que o programa educacional pode ser traçado em âmbito geral, é possível também fazer o mesmo com relação ao programa da biblioteca escolar. Em linhas gerais, os serviços básicos que uma biblioteca escolar deve prestar são os seguintes, conforme sugere J. GARDINER (25):

- . *"uma adequada e bem selecionada coleção de livros para a leitura recreativa;*
- . *uma apropriada coleção de livros e materiais de consulta. Material de consulta e suplementar para uso nas aulas;*
- . *uma apropriada coleção de materiais audiovisuais;*
- . *treinamento no uso das bibliotecas e emprego de livros adequados à idade e desenvolvimento mental dos alunos;*
- . *orientação na leitura e desenvolvimento do hábito e gosto pela mesma;*
- . *oportunidade para comentar os livros e fomentar competências práticas de leitura".*

Na resposta à questão anteriormente formulada pelos autores *ELLSWORTH e WAGENER*, dentro de um conceito moderno de biblioteca escolar, tem-se uma relação mais detalhada das atividades que podem ser aí desenvolvidas. Eis então algumas respostas à pergunta: "O que os alunos fazem numa biblioteca escolar?";

- . encontram respostas para suas questões específicas, que surgem ou ao processo de ensino ou de sua curiosidade natural;
- . vão individualmente ou como membro de um grupo enviado para buscar informação;
- . fazem tarefas escolares, isto é, empregam uma certa parte de seu tempo estudando na biblioteca;
- . encontram material para projetos, tais como: relatórios escritos, críticas de livros ou um relatório de pesquisa;
- . aprendem como usar as chaves da biblioteca - catálogos, bibliografias, livros de referência, índice de periódicos, etc.;
- . assistem a filmes, filmes fixos, ou outros materiais audiovisuais. Estudam utilizando uma máquina de ensinar, ouvem discos ou fitas, ouvem e gravam a voz para estudos de linguagem;
- . localizam citações, resumos ou dados para palestras ou projetos;
- . leem apenas pelo prazer de ler - um livro ou uma centena;
- . folheam as revistas e jornais correntes ou examinam a estante de novas aquisições;
- . conversam com outros estudantes.

A outra parte dessa mesma questão diz respeito aos professores. Estes fazem numa biblioteca escolar o mesmo que os alunos e ainda outras atividades concernentes ao seu trabalho docente.

como analisar o material a ser selecionado para a biblioteca (impreso e audiovisual), selecionar material adequado para uso na sala de aula, solicitar ao bibliotecário a aquisição de material que eles necessitam, etc.

As considerações feitas até aqui sobre as funções da biblioteca escolar fundamentam-se nas recentes mudanças ocorridas no plano educacional, as quais tornaram-se mais evidentes a partir da década de 60. Entretanto, no Brasil essas mudanças têm se processado de forma bastante lenta e, considerando-se que o tipo de serviço bibliotecário descrito acima, certamente, não será encontrado numa escola cujo programa de ensino se baseia no livro de texto, uma biblioteca escolar que, na prática, desenvolva essas atividades se constituirá numa exceção. A própria legislação do ensino de 1º e 2º graus (Lei 5.692/71), ao deixar de fazer referência à biblioteca escolar, contribui para que o professor não a visualize como um elemento indispensável no processo ensino-aprendizagem e, desse modo, não se poderia esperar que os estudantes assim a percebessem.

3.3.3. A biblioteca escolar no contexto educacional

Como a biblioteca escolar é vista no contexto da educação? Essa é uma questão que deve ser discutida com maior amplitude. Não se tem ainda uma visão muito clara do papel que a biblioteca escolar desempenha nesse contexto. Na literatura sobre o assunto não há, na verdade, uma contestação quanto à necessidade ou a importância da biblioteca na escola. Educadores e bibliotecários sempre se manifestaram em defesa dessa idéia e o tema tem sido, em diversos países, motivo de reflexão para muitas pessoas engajadas no processo de ensino-aprendizagem, desde épocas passadas até hoje. Essa preocupação, manifesta por meio da literatura, deixa transparecer que se considera que a biblioteca é indispensável para garantir uma educação de boa qualidade. Isso não significa que não possa haver ensino sem biblioteca pois, desse modo, não deveriam existir escolas sem biblioteca. O que se afirma e defende é que sem biblioteca não se terá um ensino efi

caz. *FENWICK* (22) considera que, na escola atual, um currículo bem desenvolvido deve estimular e orientar o estudante para que ele atinja o seu mais alto grau de desempenho. É que para isso é imprescindível que, na sua aprendizagem, ele adquira o hábito e a habilidade de usar muitas fontes de informação e de analisar criticamente a sua relevância. Um aluno que dispuser dos recursos de uma boa coleção de referência e receber orientação em seu uso, terá a melhor oportunidade para uma rica aprendizagem - *afirma a autora.*

Pode parecer pouco lógico levantar-se dúvidas quanto a essa asserção. Mas, mesmo que isso se nos apresente como algo bastante óbvio, é, ao mesmo tempo, uma questão que carece de ser comprovada. Entretanto, verifica-se uma ausência quase generalizada de estudos que demonstrem qual o impacto que o uso dos recursos da biblioteca causa, ou poderia causar, na formação intelectual do educando. Poderíamos então questionar se não se estudou ainda o problema, em profundidade, por considerar-se uma questão óbvia ou, talvez, por ser considerado um estudo complexo e de difícil realização. Temos que admitir que não é uma tarefa das mais fáceis acompanhar e medir o desempenho de um grupo de estudantes, por um período de tempo suficiente para se chegar a conclusões passíveis de generalização a esse respeito. Entretanto, os quatro estudos que serão citados a seguir, um realizado na Austrália e os outros três na Inglaterra, demonstram a preocupação de bibliotecários e professores em identificar o lugar que a biblioteca ocupa no processo ensino-aprendizagem.

LUNDIN (40:231) realizou, com uma equipe de educadores, um estudo desse teor, com o objetivo de avaliar os efeitos de um programa de incremento das bibliotecas escolares, desenvolvido na Austrália. Destaca como uma das conseqüências desse programa o surgimento de novos padrões de ensino e aprendizagem. Estas inovações traduziam-se em mais individualização do ensino, mais oportunidades para os alunos participarem em seu processo de educação, serem mais entusiastas (motivados) com relação a ele e se tornarem mais responsáveis pelo seu próprio progresso. O mesmo autor adverte que é necessário que os professores sejam treinados no uso dos recursos da biblioteca escolar, para que se possa imprimir novos rumos aos métodos

dos de ensino, e esse impacto seja sentido com mais rapidez e intensidade na qualidade de educação.

O estudo de DANIELS (14) procurou estabelecer a relação entre os objetivos educacionais e a provisão e uso dos recursos da biblioteca nas escolas de formação geral. Verificou que, dentre as escolas pesquisadas, nenhuma tinha objetivos educacionais estabelecidos que realmente afetassem a provisão e o uso dos recursos da biblioteca e que, em quase todas, o acervo era considerado inadequado como suporte dos cursos oferecidos pelas escolas. Conclui que esses recursos eram subutilizados, já que "a sua existência e o seu potencial como fonte de aprendizagem" não eram devidamente valorizados pelo "staff" da escola nem pelos alunos. O desenvolvimento da biblioteca, nessas escolas, estava mais relacionado com os interesses dos alunos do que com as necessidades ditadas pelo currículo. Finalmente, a autora questiona a importância dos recursos de biblioteca, com exceção das obras de ficção, nas escolas onde a ênfase é colocada mais no ensino e na organização formais do que na aprendizagem centrada no educando.

YOUNG e GRIMES (63), em seu artigo "*The School library: an under-powered resource?*", reforçam as afirmações de DANIELS, ao analisarem o valor atribuído à biblioteca no contexto educacional. Observam que mesmo os professores que consideram que a biblioteca desempenha importante papel no processo da aprendizagem têm um conceito apenas superficial do seu valor, pois falta-lhes um conhecimento concreto das reais possibilidades educacionais que uma biblioteca pode oferecer. Consideram a necessidade de o bibliotecário escolar adquirir conhecimentos adicionais, que lhe facilite entrosar-se com a equipe de trabalho da escola, como uma forma de promover a biblioteca dentro desse contexto.

Finalmente, McKEE (44) tentou obter uma perspectiva da biblioteca escolar, do ponto de vista dos estudantes. Analisando a opinião de um grupo de adolescentes sobre a escola e a biblioteca, ele critica a ambas as instituições. Afirma que a biblioteca escolar e a própria escola têm falhado no sentido de desempenhar um papel útil à sociedade e por isso eram visualizadas pelo adolescentes como

"*algo diferente do mundo real*". Para corrigir essas distorções, propõe mudanças radicais no âmbito da educação, em sua estrutura, conteúdo e metodologia, mudanças que, conseqüentemente, afetariam a biblioteca escolar.

Observa-se, pelas idéias acima expostas, que embora alguns autores vejam com certo otimismo as alterações que vêm ocorrendo no plano educacional e que têm afetado a biblioteca escolar, outros analisam esse contexto de forma mais realista e consideram a necessidade de mudanças mais radicais em ambos os setores ou, mais especificamente, no âmbito da educação, já que isso implicaria em conseqüentes mudanças para a biblioteca. Essas mudanças deveriam se dar principalmente na filosofia e nos métodos educacionais, mas deveriam ser embasadas também em mudanças na forma de treinamento dos professores, visando um emprego mais sistemático dos recursos de biblioteca no processo ensino-aprendizagem. Paralelamente, defende-se também a necessidade de se reformular os programas de treinamento do bibliotecário escolar para que ele possa fazer frente às transformações que deverão se operar em seu ambiente de trabalho.

3.3.4 As bibliotecas escolares - sua situação no Brasil

A bibliografia sobre biblioteca escolar publicada no Brasil é bastante escassa, além de ser, de modo geral, pouco objetiva. A matéria versa, quase sempre, sobre o que deve ser a biblioteca escolar, sobre a sua importância dentro do sistema educacional e sobre como deve ser organizada.

O bibliotecário brasileiro ainda não se dedicou a pesquisar a realidade das bibliotecas escolares. Muito embora os autores, de maneira geral, façam referência ao estado de abandono em que se encontram as bibliotecas escolares no Brasil, há uma ausência de dados, estatísticas e informações que fundamentem as afirmações a esse respeito. Apesar disso, existem alguns poucos estudos realizados e, a partir das informações aí contidas, é possível traçar-se um quadro da situação das bibliotecas escolares no Brasil, ten

do-se sempre em conta que esse quadro não corresponderá à exata realidade, devido à escassez de informações, já mencionada.

Há informações sobre programas de bibliotecas escolares desenvolvidos em alguns Estados e no Distrito Federal. Não se efetivou, até o momento, nenhum programa em nível nacional. Certamente não terá sido a falta da idéia e sim porque isso representaria um ideal utópico, visto que um sistema desse porte demandaria uma infra-estrutura (em nível de município, de estado ou de região), que sabemos estar muito longe de ser alcançada, considerando-se o estágio de desenvolvimento em que se encontram as bibliotecas escolares no país. Até mesmo em nível de estado as barreiras para se implantar um sistema de caráter abrangente são ainda muito difíceis de superar. Mas, assim mesmo, já contamos com alguns sistemas em desenvolvimento em nível estadual.

Em Pernambuco, segundo LIMA (39), as bibliotecas escolares estão integradas ao "Sistema de Bibliotecas Públicas do Estado", com coordenação na própria Biblioteca Pública. Conforme demonstram as avaliações dos programas desenvolvidos, estes têm atingido resultados positivos, com respeito à criação e à expansão de bibliotecas públicas e escolares.

A Diretoria de Bibliotecas da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais iniciou, em 1980, a execução do Projeto *Revitalização das Bibliotecas Escolares da Rede Estadual de Minas Gerais*". As autoras do projeto, R. M. CARDOSO e V. L. CORREA (7), justificam a necessidade da "revitalização" tendo por base o conhecimento do estado de precariedade em que se encontrava a maioria das bibliotecas escolares do Estado, "em relação a recursos humanos, acervo e serviços prestados aos leitores"... O treinamento de professores para atuar nessas bibliotecas foi uma das primeiras metas do projeto a ser posta em execução, tendo sido efetuado por etapas, iniciando-se na capital do Estado e em seguida estendendo-se ao interior. Outros objetivos do programa já foram atingidos, como a provisão de área para a biblioteca nos prédios escolares.

Em Brasília também vem sendo desenvolvido um programa de bibliotecas escolares, que pode ser considerado um sistema em nível regional. Em 1973, CUNHA (12) apresentava um esquema do projeto do *"Sistema de Bibliotecas Escolares da Fundação Educacional do D.F."*. O programa abrange as bibliotecas escolares da rede oficial de ensino do Distrito Federal e tem sua estrutura e coordenação junto à Fundação Educacional. Em 1982, no 1º Seminário Nacional sobre Bibliotecas Escolares, MORICONI (46) faz uma referência a esse programa, que nos mostra claramente que ele evoluiu e se expandiu com o passar dos anos.

O Regimento das Escolas de 1ª e 2ª graus do Estado de São Paulo coloca a biblioteca escolar no Núcleo de Apoio Técnico-Pedagógico na estrutura funcional das escolas (OLIVEIRA, 50). Dessa forma, ela é considerada legalmente como instrumento de apoio ao programa educacional. Entretanto, não se dispõe de informações de que a biblioteca escolar tenha assumido a posição e a responsabilidade que lhe foram conferidas por essa legislação.

Em nível de município, segundo MENDONÇA (45), está sendo desenvolvido em São Paulo o *"Programa Escola-Biblioteca-PEB"*. O programa abrange as escolas da rede municipal de ensino de São Paulo e está vinculado ao Setor de Atividades Escola-Biblioteca da Divisão de Orientação Técnica de 1ª e 2ª graus, do Departamento de Planejamento e Controle - Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Desenvolve atividades junto às escolas, no sentido de promover e intensificar a leitura entre estudantes, formar leitores, desenvolver o gosto e o hábito de leitura. Paralelamente a este, e subordinado ao mesmo setor, é executado também o *"Projeto-Pesquisa em Biblioteca"*, que visa a orientar os estudantes no uso de livros e bibliotecas.

Os programas de bibliotecas escolares que vêm sendo desenvolvidos no Brasil constituem, quase sempre, iniciativas isoladas e algumas dessas iniciativas proliferam, outras não conseguem se manter por muito tempo. Algumas vezes são planejados programas, que se desestruturam ainda no início de sua implantação, por não conseguirem transpor os inúmeros obstáculos em que esbarram; ou

tros, frutos do idealismo de seus planejadores, não conseguem sequer executar a primeira de suas metas.

Num artigo publicado em 1978, L. WERNECK (61), comentando sobre a falta de informações a respeito das bibliotecas escolares no Brasil, afirma que, apesar de não constarem dos registros oficiais(*), algumas bibliotecas escolares existem, "até de longa data". E acrescenta que, "salvo algumas tentativas e projetos experimentais, as bibliotecas escolares para a clientela de primeiro grau surgem, crescem e às vezes desaparecem aleatoriamente. Torna-se difícil, assim, efetuar um levantamento de dados e uma caracterização mesma da função de tais bibliotecas".

O "Guia das bibliotecas brasileiras", publicado pelo IBGE, em 1979, traz o registro de bibliotecas escolares em todo o Brasil, tanto na rede oficial de ensino (estadual e municipal), quanto na particular. Entretanto, as informações aí contidas são insuficientes para se efetuar uma análise das condições em que funcionam essas bibliotecas.

Na verdade, parece haver um consenso sobre a falta de informações concernentes a bibliotecas escolares no Brasil. Na abertura do 1º Seminário Nacional sobre Bibliotecas Escolares, realizado em Brasília, em 1982, o professor E. N. DA FONSECA (23:1) inicia a sua palestra indagando: "Por que somente agora realiza-se no Brasil um Seminário Nacional sobre Bibliotecas Escolares?" E argumenta que já se realizaram no país inúmeros outros eventos (mais de dez Congressos Nacionais) e que até aquele momento a biblioteca escolar não havia sido colocada como tema central de debates. Conclui, a seguir, que "as bibliotecas escolares deixam de ser estudadas no Brasil porque não existem, e por não existirem, cai sobre elas o silêncio ou a sombra"(...).

(*) A autora refere-se ao "Anuário Estatístico da Unesco", de 1970, onde, conforme afirma, não consta o registro de bibliotecas escolares no Brasil.

Evocando-se novamente as colocações de *JOHNSON* e *HARRIS*, que condicionam o desenvolvimento das bibliotecas a determinadas condições sociais do meio em que estão inseridas e refletindo-se sobre a problemática das bibliotecas escolares no Brasil, podemos considerar válidas as suas afirmações, pois, no nosso caso específico, parecem faltar essas condições que deveriam favorecer o desenvolvimento das bibliotecas. A educação, citada também pelos mesmos autores como um dos fatores que influem diretamente nesse aspecto é, em grande parte, responsável pela situação em que se encontram as bibliotecas escolares, particularmente no Brasil. É toda uma filosofia educacional que se reflete na legislação do ensino, nos métodos e nas técnicas empregados. Enquanto persistir a atual filosofia na educação brasileira, onde, na prática, a escola se constitui em aparelho reproduzidor da divisão de classes, a serviço de uma fração minoritária da sociedade, ela, certamente, não será dotada de mecanismos capazes de concretizar os reais objetivos da educação básica. E nesse contexto, o tipo de biblioteca escolar que encontraremos será o que conhecemos atualmente, ou seja, a biblioteca escolar que *M. W. TAYLOR* (60), num trabalho apresentado no 1º Seminário Nacional sobre Bibliotecas Escolares, realizado em Brasília, em 1982, caracteriza de forma bastante apropriada. A autora traça o perfil médio das bibliotecas escolares brasileiras, analisando-lhes algumas aspectos. O acervo, por exemplo, é formado pelos seguintes tipos de obras: *"algumas enciclopédias juvenis, pouquíssimos dicionários, livros textos, alguns títulos clássicos de literatura brasileira"*. Com relação ao mobiliário as colocações da autora são bem sérias: *"O que sobra dos outros setores da escola. A maior atenção é dada ao armário-estante, trancado à chave, o que impede, na medida do possível, sejam as obras utilizadas para que essas não corram o risco de serem estragadas, pois são material permanente"*. O bibliotecário é assim caracterizado: *"O professor em fim de carreira ou doente. Aquele coitado que merece trabalhar no lugar mais sossegado da escola. Geralmente é extremamente responsável pelo cargo que ocupa, exercendo seu poder especialmente no sentido de zelar pela conservação física do material sob sua guarda"*. As atividades desenvolvidas nessas bibliotecas são as seguintes: *"é permitido consultas, ou melhor, cópia no recinto. Empréstimo, raramente, pois não tem o que emprestar"*. O local (espaço físico) da biblioteca é descrito como um depósito de materiais (da es

cola), onde são encontrados ainda os mais variados tipos de objetos, nada úteis e menos apropriados ainda, para fazerem parte do acervo da biblioteca. Além disso, como acrescenta a autora, é utilizado para desenvolver atividades, as mais diversas, que também não condizem com as que devem ser ali desenvolvidas.

O quadro aqui apresentado está bem próximo da realidade que se conhece e, infelizmente, não há, nem mesmo a médio prazo, perspectivas de que ele seja mudado.

4. AS BIBLIOTECAS ESCOLARES NO ESPÍRITO SANTO - ANÁLISE DA REALIDADE

Esse assunto será tratado de forma especial, isto é, num item à parte, considerando-se que se trata do tema específico deste trabalho. Como ponto de partida tentaremos responder à questão: como estão as bibliotecas escolares no Espírito Santo, qual o seu estágio de desenvolvimento? Esta indagação torna-se bastante complexa se levarmos em conta que não dispomos de informações que nos permitam traçar um quadro da realidade das bibliotecas escolares no Estado, pois, até mesmo a Secretaria de Estado da Educação, onde vamos encontrar dados relevantes sobre o assunto, nos informou não possuir informações concretas sobre bibliotecas escolares, nem mesmo dentro da rede estadual de ensino. Em outras palavras: para responder a essa questão foi necessário coletar as informações e dados diretamente nas escolas.

4.1 COLETA DE DADOS

Consultou-se inicialmente a publicação "*Bibliotecas-Espírito Santo*", do Instituto Jones dos Santos Neves. Constatou-se, porém, que os dados arrolados nesse guia eram não só muito restritos, mas também bastante falhos, devido ao baixo nível de respostas obtidas por ocasião do levantamento, como explicou a bibliotecária responsável pela coleta dos dados.

Em seguida, procurou-se levantar pelo menos uma parte dos dados por meio do "*Guia das bibliotecas brasileiras*" do IBGE (1979). Novamente não foi possível concretizar esse objetivo pois os dados constantes do guia não atendiam os propósitos deste trabalho. Até mesmo a identificação das bibliotecas, para que complementássemos os dados posteriormente por meio de uma visita, tornava-se difícil,

pois, às vezes, o guia informa o nome da biblioteca e não informa o nome da escola onde ela se localiza. Esse indicativo dificilmente nos levaria a identificar em qual escola estaria localizada uma dada biblioteca.

Em vista disso, optou-se pela coleta dos dados por meio de um formulário de entrevista, aplicado diretamente nas escolas.

4.1.1 Abrangência do estudo

Inicialmente tencionava-se estudar todas as escolas da rede oficial de ensino do Estado, atendendo, assim, ao objetivo de desenvolver uma das etapas do projeto de sistema a que nos referimos na introdução deste trabalho. Entretanto, ainda na fase inicial da pesquisa, verificou-se a inviabilidade desse intento; primeiro, porque não se dispunha de recursos para realizá-lo e, depois porque, no caso de conseguir-se isso, não teríamos muita possibilidade de, posteriormente, implementar quaisquer programas de melhoria nas bibliotecas escolares mais distantes da capital. Restringindo-se o estudo a uma dada região do Estado, no caso a região que incluísse a capital e adjacências, obter-se-ia um quadro da situação das bibliotecas escolares dessa região e, de posse desse diagnóstico, seria sensato pensar-se em implementar algum programa que contribuisse para fomentar as bibliotecas escolares nessa área.

Considerando-se essas razões, a área geográfica do estudo restringiu-se à região da Grande Vitória, atendo-se ainda à sede dos municípios desta região. Constituíram objeto da pesquisa as escolas pluridocentes, de 1ª e 2ª graus, da rede oficial de ensino do Espírito Santo, diretamente vinculadas à administração da Secretaria de Estado da Educação. Foram excluídos, portanto, os estabelecimentos de ensino da rede municipal, bem como os da esfera particular e ainda os da rede estadual, localizados fora da sede dos municípios. As razões dessa exclusão estão relacionadas aos objetivos do trabalho, bem

como às diversas limitações, já expostas acima.

4.1.2 Procedimentos para a coleta dos dados

Inicialmente foi feito um levantamento das escolas da rede oficial de ensino do âmbito estadual, existentes à época na sede dos cinco municípios que fazem parte da região da Grande Vitória. Com base nas informações contidas no "Cadastro dos Estabelecimentos de Ensino Regular do Estado do Espírito Santo" (20), publicado pela Secretaria de Estado da Educação em 1981, confeccionou-se uma listagem das escolas e seus respectivos endereços. (ver Anexo A)

O referido Cadastro arrolava, em 1981, um total de 603 escolas de 1º e 2º graus, incluídas as da rede oficial estadual, federal (somente 1, em Vitória), municipal e as da rede particular, localizadas nos municípios já mencionados. Desse total, 264 pertenciam à rede estadual de ensino, sendo que 128 estavam localizadas na zona urbana e 136 na zona rural.

Apresentando as características das escolas alvo da pesquisa, havia, no segundo semestre de 1981 - período em que foi realizada a coleta dos dados - um total de 47 escolas, assim distribuídas por município:

- . 12 em Cariacica
- . 02 na Serra
- . 03 em Viana
- . 10 em Vila Velha
- . 20 em Vitória

Para a coleta dos dados junto às escolas optou-se pela entrevista, por considerar-se que este instrumento possibilitaria um quadro mais preciso da situação das escolas em relação a recursos e serviços de biblioteca. Pretendeu-se também, com o uso dessa técnica, evitar problemas bastante comuns quando se realiza a coleta de dados através de questionários, como: questões mal inter

pretadas e, conseqüentemente, mal respondidas, muitas vezes, devido ao desconhecimento da terminologia da área do estudo e a baixa taxa de retorno que sempre se observa, mormente se os questionários devem ser enviados pelo correio, depois de preenchidos.

A entrevista foi aplicada por alunos do Curso de Biblioteconomia da UFES - Universidade Federal do Espírito Santo, preferencialmente do penúltimo e último períodos. Isso porque os alunos deste estágio já possuem conhecimentos de organização de biblioteca que lhes possibilitam dialogar sobre o assunto e fazer observações que se fizessem necessárias. Os entrevistadores eram previamente orientados, em grupos, sobre a finalidade da pesquisa e o procedimento para o preenchimento do formulário. Os formulários foram distribuídos numa média de 5 a 6 por entrevistador. Este dirigia-se às escolas, onde entrava em contato com funcionários (diretor, professor, pessoa responsável pela biblioteca) capacitados a fornecer-lhe as informações. Por ocasião da recepção dos formulários preenchidos era feita uma avaliação com os entrevistadores para detectar possíveis dificuldades surgidas no desenrolar do trabalho.

O formulário de entrevista (*ver Anexo B*) foi elaborado de forma a se obter, no primeiro bloco de questões, informações referentes à identificação e caracterização da escola: nome, endereço, data de criação, total de professores, de classes e de alunos, tipos de cursos oferecidos. No grupo de questões seguinte indagam-se sobre a existência de biblioteca na escola, a função da pessoa dela encarregada, nível de instrução e de treinamento em organização de biblioteca. Outro bloco de perguntas diz respeito a recursos materiais e humanos da biblioteca: fontes de recursos de que dispõe, quando foi realizada a última compra de material bibliográfico, local onde funciona, equipamentos de que dispõe, total do acervo em geral e total de livros por assunto (para esse levantamento seguiu-se o esquema geral da classificação de Dewey), e ainda a quantidade de pessoal lotado na biblioteca, por categoria funcional. No bloco seguinte solicitou-se informações sobre os serviços prestados pela biblioteca e a abrangência do atendimento quanto à clientela. O último grupo de questões indaga sobre a organização do acervo.

As variáveis foram determinadas pelas questões do formulário, mais diretamente relacionadas com os objetivos do estudo.

Os formulários de entrevista foram codificados e preparados para perfuração em cartão de computação. Os dados foram analisados através do programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) de computação. O tratamento estatístico dos dados constou de: análise de distribuição de frequência absoluta e percentuais, cálculos de correlação simples e tabulação cruzada.

4.2 RESULTADOS

Serão aqui apresentados os resultados das análises das informações coletadas, que responderam às questões consideradas mais relevantes para a configuração da situação das bibliotecas das escolas da rede estadual de ensino da região da Grande Vitória. Os dados e tabelas têm por finalidade oferecer uma visão de como se encontram essas bibliotecas com relação a recursos materiais e humanos e que tipos de serviços elas oferecem aos seus usuários.

No primeiro bloco, as informações proporcionarão um quadro das características das escolas. No bloco seguinte, os dados deverão permitir que se tenha uma visão das condições das bibliotecas dessas escolas.

4.2.1 Caracterização das escolas

. Localização

A *tabela 4* mostra a distribuição das escolas pesquisadas por município da região estudada.

Tabela 4 - Total de escolas pesquisadas e sua distribuição por município

MUNICÍPIO	Nº DE ESCOLAR	Nº DE ESCOLAS PESQUISADAS	%
Cariacica	12	11 *	23,9
Serra	02	02	4,3
Viana	03	03	6,5
Vila Velha	10	10	21,8
Vitória	20	20	43,5
Total	47	46	100,0

* Uma escola não foi pesquisada por estar situada em local de difícil acesso.

A quantidade de escolas pesquisadas em cada município corresponde ao número de estabelecimentos existentes em cada um deles e que se enquadravam nas características das escolas selecionadas para o estudo. Ressalve-se que no município de Cariacica havia um total de 12 escolas, das quais uma não foi pesquisada por situar-se em local de difícil acesso.

. Data de criação das escolas

Sobre a data de criação das escolas estudadas, obtiveram-se as informações que constam da tabela 5.

Tabela 5 - Data de criação das escolas

ANOS	Nº DE ESCOLAS	%
1908	1	2,17
1931 a 1940	6	13,0
1941 a 1950	2	4,34
1951 a 1960	5	10,0
1961 a 1970	14	32,32
1971 a 1980	12	26,0
1981	1	2,17
Sem informação	5	10,0
Total	46	100,0

A escola mais antiga da amostra foi criada em 1908. Há um grande intervalo entre a idade dessa escola em relação às outras escolas da amostra, pois vamos ter as datas de criação mais próximas desta na década de 1931-1940. Um grande percentual das escolas pesquisadas, cerca de 60%, tem sua data de criação entre 1961 e 1981.

O exame dos dados revelou que não existe qualquer relação entre a informação sobre a data de criação da escola e a quantidade de material que compõe o acervo da biblioteca, ou seja, que o fato de a escola ser mais antiga não implica em que o acervo da biblioteca seja mais rico, quantitativamente.

Considerou-se também a necessidade de se relacionar esses dados com as informações sobre a data de criação da biblioteca, a área a ela destinada e o número de classes das escolas. Essas informações estão contidas no *Quadro 1*.

A observação de um dado desse quadro vem reforçar ainda mais as considerações feitas acima, pois há o exemplo da escola mais antiga que, apesar de ter sido criada em 1908, teve sua biblioteca instituída somente 51 anos depois do início de suas atividades, isto é, em 1959.

Quadro 1 - Data de criação das escolas, data de criação das bibliotecas, área destinada à biblioteca, número de classes das escolas.

DATA DE CRIAÇÃO DA ESCOLA (ano)	DATA DE CRIAÇÃO DA BIBLIOTECA (ano)	ÁREA DESTINADA À BIBLIOTECA (m ²)	Nº DE CLASSES
1908	1959	40	17
1931	- 2	12	119
1934	1934	-2	54
1936	1939	100	65
1938	- 2	9	12
1938	- 1	-	24
1938	- 2	40	27
1941	1974	40	15
1950	- 1	-	23
1952	- 1	-	26
1954	- 1	-	3
1954	- 1	-	15
1957	1968	90	78
1957	- 2	-1	13
1962	1970	10	48
1963	- 2	54	15
1964	1972	18	28
1966	1977	-1	16
1968	- 1	-	12
1968	- 1	-	14
1968	1968	-1	8
1969	1969	133	10
1969	- 1	-	13
1970	- 1	-	15
1970	- 1	-	4
1970	- 1	-	30
1970	- 1	-	6
1970	- 1	-	4
1971	1971	-2	77
1971	1971	70	22
1972	1973	-1	26
1972	1981	25	28
1973	1973	48	73
1974	1974	48	97
1974	1974	-2	97
1974	- 2	-2	10
1976	1976	-2	19
1976	- 1	-	34
1977	- 2	10	30
1977	1978	14	83
1981	- 1	-	10
Sem informação*			

1 não tem biblioteca ou não tem sala (área).

2 sem informação.

* 5 escolas não informaram sobre a data de sua criação.

Ao se comparar a data de criação da escola com a data da criação da biblioteca pretendeu-se verificar até que ponto a biblioteca foi prevista ou planejada junto com a escola. Obteve-se o seguinte resultado:

- . em 9 escolas a biblioteca foi criada junto com a escola;
 - . em 3 escolas a biblioteca foi criada 1 ano depois da escola;
 - . em 5 escolas a biblioteca foi criada entre 3 e 11 anos depois da escola;
 - . em 1 das escolas a biblioteca foi criada 33 anos depois da escola;
- em 1 escola a biblioteca foi criada 51 anos depois da escola.

Verifica-se, por meio dos dados desse quadro, que a partir de 1970 ocorreu um índice mais elevado de bibliotecas criadas ao mesmo tempo em que a escola. Esse fato pode estar associado à política educacional da época, talvez sob a influência da experiência do PREMEN. Ao mesmo tempo, deve-se atentar para o fato de que é também nesse período que ocorre o mais alto índice de criação de escolas da população (entre 1970 e 1980). Mas ainda assim, observa-se que, dentre as 9 escolas onde a biblioteca aparece ao mesmo tempo em que a escola, em apenas 5 existe uma área destinada à biblioteca. Isso significa que, em alguns casos a escola possui uma coleção bibliográfica, mas não dispõe de um espaço apropriado para armazená-la. Pode-se observar que, ao todo, 17 escolas informaram que dispõem de uma área para essa finalidade. Entretanto, se a dimensão dessa área (em m²) for confrontada com os padrões mínimos de espaço adequado para bibliotecas escolares, verifica-se que em apenas 4 escolas esse espaço se enquadra nos padrões. De acordo com esses padrões, a área da biblioteca de escolas de 1º grau que tenham até 10 classes deverá ser de 40 m²; para as escolas com mais de 10 classes a área mínima da biblioteca deverá ser de 90 m²*. Já para as escolas

(*) Essas informações foram obtidas informalmente com a Prof. Etelvina Lima, da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

de 2º grau, os padrões são mais rígidos e, portanto, mais difíceis de serem alcançados. A *REUNIÃO de Expertos...*(53) recomenda, por exemplo, que as salas de leitura comportem 50 alunos em cada 1.000 alunos e que o espaço por aluno deve ser de 2,5 m². Para estabelecer padrões para as bibliotecas de escolas técnicas, D.Q. CARVALHO(8) baseia-se nos padrões da *American Association of School Librarians* (1963), que são ainda mais altos do que os citados anteriormente. A autora considera, então, que 2 m² por aluno seria um padrão mais compatível com a realidade brasileira. Entretanto, ao se determinar a área necessária à biblioteca, dois aspectos principais deverão ser considerados:

- . o tamanho da escola (número de alunos); e
- . os serviços que a biblioteca se propõe a prestar.

. Número de professores

50% das escolas estudadas tem um máximo de 30 professores. Registrou-se um número mínimo de 7 professores em uma das escolas, enquanto o número máximo registrado é de 150 professores, total esse observado em 2 das escolas. Esses dados aparecem com mais detalhes na *tabela 6*.

Tabela 6 - Número de professores

Nº DE PROFESSORES	Nº DE ESCOLAS	%
Até 10	4	8,70
De 11 a 20	11	23,92
De 21 a 30	8	17,40
De 31 a 40	6	13,04
De 41 a 50	3	6,52
De 51 a 60	7	15,22
De 61 a 70	1	2,17
De 71 a 80	1	2,17
De 81 a 90	2	4,34
91 ou mais	3	6,52
Total	46	100,0

. Nível das escolas

Para averiguação do nível das escolas, estas foram classificadas em quatro categorias:

a) escolas de 1a. a 4a. séries

b) escolas de 1a. a 6a. séries

c) escolas de 1a. a 8a. séries

d) escolas de 2º grau

O nível das escolas é mostrado na *tabela 7*.

Tabela 7 - Nível das escolas

NÍVEL DAS ESCOLAS	Nº DE ESCOLAS	%
1a. a 4a.	25	54,4
1a. a 6a.	-	-
1a. a 8a.	14	30,4
2º grau	07	15,2
Total	46	100,0

Como já foi demonstrado, a maior parte dos estabelecimentos de ensino que compõem a população estudada são do nível do 1º grau. Apenas 7 escolas (15,2%), oferecem cursos de 2º grau. Deste total, três estabelecimentos estão localizados na Capital (Vitória) e os quatro restantes situam-se na sede de cada um dos outros municípios da Grande Vitória.

. Total de alunos por escolas

Os dados referentes ao número de alunos das escolas pesquisadas são mostrados na seguinte tabela:

Tabela 8 - Número de alunos por escolas

Nº DE ALUNOS	Nº DE ESCOLAS	%
Até 500	10	21,73
De 501 - 1.000	20	43,47
De 1.001 - 1.500	5	10,86
De 1.501 - 2.000	4	8,69
De 2.001 - 2.500	1	2,17
De 2.501 - 3.000	3	6,52
De 3.001 - 3.500	1	2,17
De 3.501 - 4.000	1	2,17
De 4.001 - 4.500	1	2,17
Total	46	100,0

Observa-se que, das escolas estudadas, um pouco mais de 20% tem 500 alunos ou menos. É de 1.174.52 a média de alunos por escola. A população estudada é composta, em sua maior parte, de estabelecimentos de pequeno porte, já que um pouco mais de 65% tem um total de no máximo 1.000 alunos. As escolas com maior número de alunos totalizam uma pequena percentagem (23,9%).

Há uma escola de 1º grau que conta com 4.236 alunos. É a que tem maior número de alunos. Vale observar que essa escola tem em seu quadro apenas 62 professores, o que vem resultar numa média de 68,3 alunos por professor. Essa condição dificulta sensivelmente o acesso dos alunos às informações, considerando-se que os professores são poucos para atender à demanda dos alunos.

Quanto aos serviços bibliotecários, também não se pode afirmar que esses alunos são bem atendidos, pois, consultando-se o *quadro 2*, vamos constatar que a biblioteca dessa escola tem um total de 2.200 volumes e que a proporção livro/aluno aí é de 0,51. Acrescente-se ainda que a pessoa responsável pela biblioteca em questão tem um nível de instrução de 2º grau e não recebeu nenhum treinamento em organização de biblioteca.

. Recursos reprográficos existentes nas escolas

Procurou-se saber quais os recursos reprográficos existentes nas escolas, especificando-se os seguintes tipos:

- . mimeógrafo;
- . fotocopiadora;
- . outros.

Os resultados das respostas a esta questão são os seguintes:

- . 25 (54,35%) escolas informaram que possuem mimeógrafo;
- . 13 (28,26%) escolas não possuem qualquer equipamento reprográfico;
- . 8 (17,39%) escolas não informaram sobre esta questão.

Os resultados acima atestam o estado de carência das escolas pesquisadas com relação a recursos reprográficos. Mesmo o mimeógrafo, um equipamento de fácil manuseio e manutenção e de custo relativamente baixo, foi encontrado em apenas 54,35% ou 25 das 46 escolas.

De grande utilidade na escola, por seu inestimável auxílio na reprodução de materiais bibliográficos, seria a máquina xerox, que, como se observa pelos dados acima, não está presente em nenhuma das escolas. Entretanto, considerando-se que a manutenção deste equipamento é de custo bastante elevado, não seria apropriado esperar-se que as escolas, ou mesmo um número razoável delas, tivesse condições de mantê-lo, mesmo admitindo-se que é por demais necessário, principalmente junto à biblioteca.

Não houve menção à existência de outros tipos de equipamentos de reprografia nas escolas pesquisadas.

4.2.2. Dados sobre a biblioteca

Escolas que têm ou não biblioteca

À questão se a escola tinha ou não biblioteca obteve-se o seguinte resultado:

. 24 escolas, 52,2% responderam afirmativamente

. 22 escolas, ou 47,8%, responderam que não tinham biblioteca.

Essa questão traz à luz uma outra indagação: o que se pode considerar uma biblioteca?

Comumente procura-se estabelecer uma quantidade mínima para a coleção de livros como ponto de partida para se considerar se essa coleção constitui uma biblioteca ou se se trata apenas de um punhado de obras agrupadas em determinado local.

Como já foi referido anteriormente, em muitos países existem padrões mínimos para os diversos tipos de bibliotecas, os quais podem auxiliar sobremaneira no momento de se conceituar o que é uma biblioteca. No Brasil, temos conhecimento de alguns critérios básicos estabelecidos pelo INL (Instituto Nacional do Livro) e

sabe-se também que a *Fundação IBGE*, para efeito de registro censitário, tem critérios próprios do que ela considera uma biblioteca. Segundo *MORICONI* (46:59), "o INL cadastra e registra bibliotecas escolares, desde que estejam em funcionamento e tenham um acervo acima de cento e cinquenta livros, possibilitando às mesmas o recebimento de assistência bibliográfica e técnica" (...). No "Manual de Instruções" distribuído pela Fundação IBGE para orientação na coleta de dados referentes às bibliotecas, consta que "deverão fazer parte do levantamento todas as bibliotecas, franqueadas ao público em geral ou a determinado grupo de pessoas, independentemente do número de títulos que compõem o seu acervo".

Esses critérios, como se pode ver, apresentam diferenças entre si e foram estabelecidos para finalidades distintas.

Ao efetuarmos o levantamento, foi considerado o total de volumes existentes nas escolas pesquisadas, sem levar em conta, na ocasião, se as coleções aí encontradas seriam consideradas ou não uma biblioteca. Assim sendo, procuramos fundamentar nossos critérios em parâmetros mais coerentes com os dados levantados, já que os critérios existentes são vagos e não se enquadram nos objetivos deste levantamento.

Os resultados acima foram confrontados com os da variável total de livros (ver Tabela 10).

Os dados dessa tabela mostram que a maioria das escolas (24), têm menos de 300 livros e dentre essas há 17 escolas que não possuem livros. Por esse motivo, estabeleceu-se que a escola deveria ter uma coleção mínima de 300 volumes para que se pudesse considerar que ela tem biblioteca. Embora existam outros requisitos também importantes para a formação de uma biblioteca, não se pode negar que a coleção de livros é considerada como elemento primordial.

Levou-se em conta também os resultados da variável total de alunos por escolas, que mostram que mais de 60% delas tem no máximo 1.000 alunos, como pode ser observado na *tabela 8*. E

forçoso admitir que uma coleção de 300 volumes representa muito pouco numa escola de até 1.000 alunos, principalmente se considerarmos que dentre esse total existem muitas vezes, grande repetição de títulos. Entretanto, diante da realidade constatada, esse mínimo parece razoável.

De acordo com o critério mencionado acima, invalidam-se, portanto, duas das respostas afirmativas dadas pelas escolas a essa questão. Consideraremos então o seguinte resultado:

. 22 escolas, o equivalente a 47,82% da população, têm biblioteca;

. 24 escolas, ou 52,18%, não têm biblioteca.

Temos então, que menos da metade das escolas pesquisadas têm biblioteca. Ressalte-se que esse resultado baseia-se num critério arbitrário e que não leva em conta outro aspecto: a mais que o total de livros existentes nas escolas. Não foi considerado, por exemplo, o fato de que o acervo desse tipo de biblioteca não se compõe, nem deve se compor, somente de livros.

Considerando-se que o critério acima não foi considerado por ocasião da coleta dos dados, algumas dessas 22 escolas podem ter repondido que não têm biblioteca, assim como outras 24 podem ter respondido afirmativamente à questão. Isso se explica pelo fato não só de ser vago para muitas pessoas o conceito do que se pode considerar uma biblioteca, mas também porque, em alguns casos, a escola possui alguns livros, mas faltam-lhe as outras condições necessárias à instalação da biblioteca como, por exemplo, espaço físico, pessoal e outros recursos, que devem ser componentes da biblioteca. Daí a necessidade de se estabelecer um critério básico.

A circunstância de não ter biblioteca isenta a escola de responder a algumas das questões, que dizem respeito diretamente à biblioteca. Desse modo, os resultados de algumas variáveis, apresentados doravante, terão como referência, para efeito de cálculos e análises, as 22 escolas que se considera que têm biblioteca.

Nível de instrução do pessoal encarregado da biblioteca

A *tabela 9* mostra os dados relativos ao nível de instrução do pessoal encarregado da biblioteca.

Tabela 9 - Nível de instrução do pessoal responsável pela biblioteca

NÍVEL DE INSTRUÇÃO DO PESSOAL ENCARREGADO	Nº DE PESSOAS COM HABILITAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA	Nº DE PESSOAS SEM HABILITAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA	TOTAL
1º grau	-	1	1
2º grau	-	14	14
3º grau	3	2	5
Total	3	17	20*

* O total de pessoas encarregadas (20) não coincide com o total de escolas (22) porque 3 escolas deixaram de informar sobre este item e, ainda, porque uma das escolas tem 2 bibliotecários encarregados da biblioteca.

Cotejando-se os dados da tabela acima com as respostas à variável número de bibliotecários habilitados verifica-se que apenas 3 das 5 pessoas que constam como portadoras de curso superior são bibliotecários.

As outras duas pessoas que têm curso superior são da área educacional. Uma é professora e a outra é supervisora educacional. Essas pessoas exercem na escola a função inerente à sua formação e têm também a seu cargo a responsabilidade pelo funcionamento da biblioteca, ou apenas a guarda dos livros existentes na escola.

A grande maioria porém, é de pessoas com cursos de 2º grau, quase sempre, também professores, que dedicam uma parte de sua carga horária de trabalho à biblioteca.

O quadro acima mostra que não se pode considerar que as bibliotecas das escolas pesquisadas estejam bem providas em termos de recursos humanos, mesmo considerando-se apenas a ausência do profissional bibliotecário.

Entretanto, caso essa maioria citada se trate realmente de professores, desempenhando a função de bibliotecário, isso pode ser encarado como um fator positivo em relação aos objetivos deste estudo pois, facilitarã a aplicação de programas de treinamento em técnicas de organização de biblioteca a esse pessoal, o que possibilitará obter-se, pelo menos a médio prazo, recursos humanos semi-qualificados para atuar nas bibliotecas escolares. Essa é uma solução alternativa, que deve ser adotada até que sejam vencidos os obstáculos que impedem que se tenha na biblioteca escolar o profissional devidamente preparado que ela requer.

. Escolas que têm ou não bibliotecário habilitado

- . 2 escolas, cerca de 9,09% informaram ter bibliotecário habilitado;
- . 20 escolas, 90,91%, responderam negativamente a essa questão.

Os dados acima mostram a situação das bibliotecas das escolas com relação a pessoal qualificado. É muito pouco significativo, em relação ao total, o número de escolas que têm bibliotecário habilitado. Esses resultados sugerem que nas 20 escolas que responderam negativamente à questão existe um grande percentual de pessoas que necessitam receber treinamento na área de biblioteconomia, para que possam melhor desempenhar suas funções à frente das bibliotecas dessas escolas.

Essa necessidade evidencia-se ainda mais ao confrontar-se estes dados com os da *tabela 14*, onde observa-se quais os serviços que as bibliotecas prestam aos usuários, os quais são bastante limitados. Uma das causas dessa limitação pode ser a falta de habilidade do pessoal para desenvolver os serviços mais comumente oferecidos por esse tipo de biblioteca.

. Escolas que têm ou não orçamento anual para aquisição de livros

- . 9 escolas, 40,9%, não contam com nenhuma verba para aquisição de livros, nem tampouco dispõem de outras fontes de recursos para atualização do acervo, seja por meio de doações, multas ou campanhas de doação;
- . 6 escolas, 27,3%, não apresentaram resposta a essa questão;
- . 7 escolas, 31,8%, informaram que possuem outras fontes de recursos, tais como dinheiro proveniente da cobrança de multas, ou doações resultantes de campanhas dentro da escola ou junto à comunidade. Dentre essas 7 escolas, 5 afirmaram contar com o auxílio das seguintes fontes para atualizar o acervo da biblioteca: INL, Caixa Escolar, PRODASEC, FENAME, livreiros, SEDU, MOBRAL e editoras.

Os dados aí mencionados mostram, com clareza, que nenhuma escola dispõe de verba destinada à aquisição de material bibliográfico, sendo que 40,9% dessas escolas não contam com nenhuma forma de auxílio para a formação do acervo. Apenas 31,8% das escolas estudadas têm, de alguma forma, possibilidade de adquirir livros, o que vem, indubitavelmente, dar uma idéia da real situação em que elas se encontram, no que se refere à alocação de recursos para a biblioteca, especialmente para a compra de material bibliográfico.

Em seguida a essa questão, indagou-se quando havia sido feita a última compra de livros e qual a quantidade de livros adquiridos. A grande maioria das escolas não respondeu à questão ou não sabia informar. Dentre as que forneceram esta informação, algumas haviam adquirido há dois anos atrás, outras há um ano e, ainda, outras informaram haver comprado livros naquele mesmo ano. As quantidades de livros adquiridos oscilaram entre 10 e 80. De acordo com depoimentos de algumas informantes, essas compras são realizadas de forma esporádica, ou seja, quando "aparece" algum recurso a direção da escola coleta sugestões ou a própria direção determina o que deve ser comprado para a biblioteca e efetua a aquisição. Não há, portanto, uma política sistematizada para a seleção e aquisição, o que é perfeitamente

justificável, já que os recursos para essa finalidade também não são consignados sistematicamente.

. Escolas que têm ou não sala própria para o funcionamento da biblioteca

A respeito desta questão apurou-se o seguinte:

- . 15 escolas , ou 68,18% das escolas que têm biblioteca, informaram que têm sala própria para o funcionamento da biblioteca;
- . 7 escolas, ou 31,82% não dispõem de sala própria para a biblioteca.

Como fica claro, pelos dados acima, somente uma parte das escolas indicou que tem sala própria, isto é, um espaço físico destinado exclusivamente à biblioteca. 31,82% dessas escolas não dispõem de um espaço para a instalação da biblioteca.

Comprova-se, desse modo, que algumas escolas, embora contem com uma coleção bibliográfica, às vezes de tamanho razoável, não têm possibilidade de organizá-la e colocá-la à disposição dos usuários porque não dispõem de um local para isso.

Indagando-se, em seguida a essa questão, onde funcionava a biblioteca, no caso de não haver na escola um local próprio para ela, obteve-se a seguinte lista de respostas, dentre as mais citadas:

- . na diretoria;
- . na sala dos professores;
- . na sala da supervisão educacional e dos professores;
- . na sala de planejamento, supervisão e/ou orientação pedagógica;

. na secretaria;

. na sala de aula*

Ocorre, muitas vezes, não só o fato da biblioteca achar-se instalada na dependência destinada a uma ou mais das seções referidas acima, como também o caso do espaço que seria destinado à biblioteca ser compartilhado com uma ou mais dessas seções da administração da escola.

Seria então oportuno questionar se, nessas circunstâncias, esses recursos (bibliográficos), que sabemos serem de elevado custo, não estariam sendo desperdiçados. Consideremos que, a localização da coleção de livros na sala da diretoria, ou em outra dependência destinada à administração superior da escola, além de não oferecer as outras condições de instalação necessárias a uma biblioteca (local para estudo, disposição dos equipamentos), irá, certamente, inibir a procura pela biblioteca por parte da maioria dos alunos, devido à presença da autoridade (escolar) nesse local. Logo, o fator acessibilidade, tão importante para incentivar o uso da biblioteca, ficará, de imediato, prejudicado.

Deve ser ainda questionado, se nessas 15 escolas que afirmaram que têm sala própria para o funcionamento da biblioteca, a área destinada a esse fim está bem localizada dentro da escola, em relação às salas de aula; se satisfaz os requisitos mínimos de tamanho, de penetração de luz, de temperatura, enfim, se o ambiente convida ao estudo e à leitura.

(*) A coleção localizada na sala de aula consta, quase sempre, apenas de livros didáticos, segundo observações dos entrevistadores.

. Total de livros existentes nas escolas

Com relação ao acervo (somente a quantidade de livros) existente nas escolas os resultados obtidos são mostrados na *tabela 10*.

Tabela 10 - Total de livros existentes nas escolas

Nº DE LIVROS	Nº DE ESCOLAS	%
Nenhum	17	37,00
De 1 a 299	7	15,21
De 300 a 500	6	13,04
De 501 a 700	2	4,34
De 701 a 1000	2	4,34
De 1001 a 2000	2	4,34
De 2001 a 4000	7	15,21
4001 ou mais	3	6,52
Total	46	100,0

Como pode-se observar, esses resultados se referem ao total da população estudada (às 46 escolas) e não somente às escolas que têm biblioteca.

No levantamento considerou-se qualquer quantidade de material bibliográfico existente nas escolas, tendo em vista o objetivo de se conhecer a situação real dessas escolas com relação a recursos de biblioteca, já que essas informações deverão servir de subsídios para planejamento de programas de dinamização desses recursos.

Os dados da *tabela 10* nos permitem concluir que essas coleções apresentam um estado generalizado de pobreza, no tocante

te ao seu tamanho (quantidade de volumes). Entretanto, no *quadro 2*, a seguir, podemos observar a proporção livro/aluno por cada escola, o que nos fornece uma visão mais nítida do estado de carência em que se encontram essas bibliotecas. A grande maioria apresenta uma proporção de 0 (zero) livro por aluno e apenas numa das escolas essa proporção chega a 3,38 livro/aluno, (a mais alta).

É indispensável que se proceda a uma análise qualitativa dessas coleções, antes da implementação de programas para sua dinamização. Tendo em vista essa necessidade, foi feito um levantamento por assunto, (juntamente com o levantamento quantitativo), para que se possa detectar inicialmente quais as áreas de assunto mais carente. Na *tabela 12* pode-se observar os resultados desse levantamento.

Essas observações baseiam-se no fato de que nenhuma das escolas pesquisadas dispõe de uma dotação orçamentária para a compra de material bibliográfico. Indagando-se quando (em que ano) havia se efetuado a última compra de livros, verificou-se, através das respostas, que havia períodos de três, quatro ou mais anos sem que se tivesse adquirido livros. Isso sugere que essas coleções poderão apresentar um alto índice de obsolescência, o que só poderá ser comprovado por meio de uma análise qualitativa. Há também a possibilidade de existir excesso de duplicidade de títulos, já que elas são formadas, quase sempre, à base de doações, o que geralmente impossibilita a adoção de critérios mínimos de seleção.

Quadro 2 - Total de Alunos, total de livros e proporção livro/aluno por escolas

Nº DO QUESTIONÁRIO	TOTAL DE ALUNOS	TOTAL DE LIVROS	PROPORÇÃO LIVRO/ALUNO
1	1.760	760	0,43
2	827	600	0,72
3	300	300	1,0
4	710	155	0,21
5	704	162	0,23
6	630	2.130	3,38
7	420	400	0,95
8	917	180	0,19
9	165	60	0,36
10	550	-	0,0
11	305	41	0,13
12	730	-	0,0
13	2.886	2.766	0,95
14	1.100	1.200	1,04
15	600	810	1,35
16	320	400	1,25
17	398	-	0,0
18	3.500	6.705	1,91
19	2.413	5.000	2,07
20	1.205	-	0,0
21	530	200	0,37
22	715	-	0,0
23	475	-	0,0
24	1.060	-	0,0
25	414	-	0,0
26	644	-	0,0
27	800	-	0,0
28	1.337	2.184	1,63
29	3.840	584	0,15
30	4.236	2.200	0,51
31	456	-	0,0
32	2.886	2.766	0,95
33	910	-	0,0
34	1.224	399	0,32
35	1.545	1.818	1,17
36	625	-	0,0
37	1.418	-	0,0
38	1.000	-	0,0
39	2.835	5.500	1,94
40	330	-	0,0
41	1.875	2.247	1,19
42	1.779	3.700	2,07
43	979	376	0,38
44	512	-	0,0
45	900	400	0,44
46	605	150	0,24

. Total de títulos de revistas existentes nas escolas

Os dados da *tabela 11* mostram os totais de títulos de revistas encontrados nas escolas pesquisadas.

Tabela 11 - Total de títulos de revistas existentes nas escolas

Nº DE TÍTULOS DE REVISTAS	Nº DE ESCOLAS	%
Nenhum	31	67,39
Até 10	3	6,50
De 11 a 20	-	-
De 21 a 30	-	-
De 31 a 40	1	2,17
Sem informação	11	23,94
Total	46	100,0

Observa-se, por meio dos resultados acima, que as escolas pesquisadas apresentam um estado generalizado de pobreza, no tocante a coleções de periódicos. Mesmo nas escolas que se considera que têm biblioteca, onde se poderia esperar uma situação menos precária, pode-se perceber que algumas delas não possui nenhum título de revista, já que isso ocorre num total de 31 escolas.

Considere-se que o periódico é um material por demais necessário na coleção de uma biblioteca, visto que representa a forma mais indicada de se dispor de informações diversificadas e atualizadas.

A manutenção de assinaturas de revistas requer que a biblioteca (ou a escola) disponha de um mínimo de recursos correntes constantes (anual, pelo menos), para atualização do acervo. Essa questão foi formulada no levantamento de recursos das escolas e

nenhuma delas indicou dispor de recursos financeiros para essa finalidade.

. Total de livros existentes nas escolas, por assuntos

Foi feito um levantamento do que as escolas possuem de material bibliográfico, dentro de cada assunto. Seguiu-se um esquema bem geral para a classificação dos assuntos, tendo por base a classificação de *M. Dewey*. Desse modo, os itens foram especificados, no formulário de entrevista (*veja Anexo B*), de 000 a 900, sendo que esta última classe foi subdividida (910, 920, 930).

Nesse levantamento foram consideradas todas as escolas estudadas, mesmo as que não tinham ou não consideravam ter biblioteca. Esses dados podem ser melhor apreciados na *Tabela 12*, onde estão discriminados os itens supracitados, a quantidade de livros existentes em cada escola e a média de cada item ou assunto, dentro do total do acervo, permitindo, assim, que se tenha uma visão de quais assuntos estão acessíveis em maior quantidade e quais os que se encontram menos representados nas coleções de livros das escolas.

Para se ter um parâmetro que auxilie na análise desses dados, convém mencionar, mesmo em linhas gerais, qual o material que deveria compor a coleção da biblioteca escolar. Segundo *L. WERNECK* (61), são os seguintes os materiais que devem constituir o acervo da biblioteca escolar:

- . coleção de livros didáticos, com base nos programas institucionalizados de distribuição de livros didáticos;
- . coleção de livros de referência, relacionados aos assuntos do currículo;
- . coleção de livros de ficção de acordo com assuntos do currículo, o interesse, o nível de leitura e as vivências do aluno (...).

O esquema sugere ainda coleções de jornais, de revistas, de recortes e os materiais não bibliográficos.

Quanto à quantidade, é recomendado para a coleção de referência *"cinco títulos/exemplares por turma"* e para a coleção de livros de ficção a quantidade recomendada é de *"um exemplar por aluno mais 100 exemplares por escola"*.

O esquema citado acima, segundo a autora, foi sugerido em uma proposta básica de um projeto de implantação de uma rede de bibliotecas escolares, elaborada por um Grupo de Trabalho da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro.

TABELA 12 - TOTAL DE LIVROS POR ASSUNTO, EXISTENTE NAS ESCOLAS

Nº	ITENS, DE ACORDO COM ESQUEMA DE CLASSIFICAÇÃO DE DEWEY																					
	000		100		200		300		400		500		600		700		800		900		950	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
20	3,6	12	2,8	2	0,3	13	2,3	70	12,6	148	26,7	5	0,9	1	0,2	197	35,6	48	8,6	6	1,1	
37	39,7	1	1,1	1	1,1	1	1,1	1	1,1	1	1,1	-	-	-	-	1	1,1	20	21,5	-	-	
-	-	-	-	-	-	-	-	100	33,4	70	23,4	-	-	30	10,0	-	-	50	16,6	-	-	
7	8,0	-	-	-	-	-	-	13	14,9	6	6,9	3	3,6	-	-	52	59,7	-	-	4	4,6	
4	10,3	-	-	1	3,2	1	7,3	2	5,1	3	7,3	-	-	2	5,3	24	61,5	-	-	-	-	
28	8,9	3	0,9	2	0,6	33	10,8	3	0,9	38	12,1	12	3,8	9	2,9	144	45,8	5	1,5	-	-	
14	3,5	-	-	4	1,0	-	-	100	25,0	100	25,0	80	20,0	5	4,3	40	10,0	25	6,2	-	-	
6	2,0	-	-	-	-	10	5,5	80	44,4	-	-	-	-	25	13,8	20	11,1	20	11,1	-	-	
2	3,7	-	-	-	-	-	-	11	19,6	-	-	-	-	5	8,9	8	14,2	10	17,9	-	-	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	100,0	
41	100,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
31	100,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
47	5,4	17	1,8	1	0,1	78	8,5	62	6,7	84	9,4	78	8,5	20	2,1	410	44,8	45	4,9	20	2,1	
30	3,8	-	-	1	0,3	78	8,7	62	6,9	84	9,3	79	8,8	20	2,2	422	47,1	46	5,1	20	2,2	
8	3,8	-	-	1	0,4	-	-	10	4,6	8	3,8	-	-	10	4,6	160	73,7	8	3,8	-	-	
5	3,6	-	-	1	2,3	-	-	10	28,7	-	-	-	-	15	41,6	-	-	-	-	-	-	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
66	1,5	550	9,1	20	0,3	770	12,7	900	14,9	750	12,4	400	6,6	-	-	2051	34,0	250	4,1	20	0,3	
55	1,4	11	0,2	43	1,1	23	0,6	823	21,5	590	16,6	450	11,7	21	0,5	865	22,0	422	11,0	26	0,6	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
14	6,3	-	-	-	-	-	-	110	50,2	-	-	-	-	10	4,5	60	36,8	-	-	-	-	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
1	100,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
9	56,0	-	-	-	-	-	-	4	27,0	-	-	-	-	-	-	3	18,8	-	-	-	-	
33	8,5	1	0,2	6	1,5	8	2,0	50	13,0	48	12,3	70	18,0	30	7,7	42	10,8	50	13,0	-	-	
3	3,3	-	-	-	-	-	-	32	35,9	2	2,2	4	4,6	3	3,3	8	8,9	15	16,8	-	-	
93	36,9	-	-	3	1,4	1	0,3	15	5,9	2	0,8	3	1,4	1	0,3	116	46,0	8	3,1	2	0,8	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
47	5,1	17	1,8	1	0,1	78	8,5	62	6,7	84	9,2	78	8,5	20	2,4	410	44,8	45	4,9	20	2,1	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
33	10,0	10	2,8	-	-	30	8,6	30	8,6	100	28,8	-	-	-	-	91	26,2	16	4,6	3	1,5	
79	4,4	19	1,0	3	0,1	97	5,4	40	2,2	580	32,5	149	8,3	-	-	650	36,4	84	4,7	-	-	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
61	1,2	250	5,2	60	1,2	200	4,2	150	3,1	1520	31,8	300	6,4	50	1,0	1680	35,2	300	6,2	50	1,0	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
45	5,8	21	2,7	1	0,1	105	13,7	49	6,4	68	8,9	45	3,8	30	3,9	340	44,5	36	4,7	7	0,9	
93	12,9	21	2,9	5	0,6	73	10,1	59	8,2	245	34,2	27	3,7	26	3,6	99	13,8	20	2,7	18	2,5	
25	30,1	1	1,2	6	6,0	12	14,4	-	-	18	21,6	-	-	-	-	4	4,9	9	10,8	-	-	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
31	8,5	-	-	37	9,9	11	2,9	65	17,6	51	13,6	60	16,0	-	-	54	14,4	27	7,2	-	-	
7	10,5	-	-	-	-	16	23,1	8	11,6	15	21,7	9	13,0	-	-	14	20,2	-	-	-	-	

Conforme se pode observar na *tabela 12*, há uma marcante predominância de um maior percentual de livros das classes 400 e 500, ou seja, de livros devotados ao ensino de linguística (gramática) e de matemática e ciências naturais, respectivamente, seguido da classe 800, que é literatura (para adultos e crianças). As outras áreas arroladas não têm maiores representatividades nas coleções, principalmente a classe 200 - religião -, onde os maiores percentuais verificados foram 9,9%, 6% e 3,2%, somente em 3 escolas, tendo sido observado também que essas escolas estavam localizadas na periferia e que suas coleções estavam bastante carentes nas demais áreas de assunto.

Nos assuntos que deveriam ter uma maior representatividade na coleção, como literatura e os livros que se poderia classificar como de informação, observa-se que há uma oscilação (na quantidade) muito grande, se comparamos os acervos das escolas entre si. Enquanto em algumas dessas coleções encontramos mais de 1.000 ou de 2.000 livros de literatura, há 23 escolas onde a quantidade de livros deste assunto fica entre 0 (zero) e 10. Em algumas das coleções, os livros de literatura chegam a representar mais de 50% do total da coleção; mas, quando 52 livros representam 59,7% desse total, numa escola com 710 alunos, como é o caso da escola de nº 4 (na tabela), este percentual é muito pouco significativo. Se a biblioteca escolar é atribuído um importante papel na formação do hábito de leitura, a ênfase em literatura, dentro do seu acervo, deveria ser regra geral. Chama a atenção também o caso da escola de nº 23, que conta com um dicionário e nada mais para atender a 475 alunos, o que retrata o total despreparo da escola para o atendimento bibliográfico do alunado. Não se pode deixar de considerar que a coleção de livros de referência deve merecer, numa biblioteca escolar, a mesma atenção que é colocada na coleção de livros de ficção.

Deve ser levado ainda em conta que não foram consideradas aqui as necessidades de material bibliográfico dos professores.

. Número de funcionários existentes nas bibliotecas das escolas, por categoria funcional

Procurou-se saber qual a quantidade de funcionários lotados nas bibliotecas das escolas, nas seguintes categorias funcionais:

- a) *bibliotecários;*
- b) *escriturários;*
- c) *serventes; e*
- d) *outros.*

Os resultados, referentes às 22 escolas que têm biblioteca, podem ser observadas na *tábela 13.*

Tabela 13 - Número de funcionários existentes nas bibliotecas das escolas, por categoria funcional

CATEGORIAS DE FUNCIONÁRIOS	QUANTIDADE DE FUNCIONÁRIOS												TOTAL	
	NENHUM		1		2		3		4		S/INFORMAÇÃO		ESCOLAS	%
	Nº DE ESCOLAS	%	Nº DE ESCOLAS	%	Nº DE ESCOLAS	%	Nº DE ESCOLAS	%	Nº DE ESCOLAS	%	Nº DE ESCOLAS	%		
Bibliotecário	20	90,90	-	-	1	4,55	1	4,55	-	-	-	-	22	100,
Escriturário	22	100,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	22	100,
Servente	18	81,82	4	18,18	-	-	-	-	-	-	-	-	22	100,
Outros*	1	4,55	13	59,08	4	18,18	1	4,55	1	4,55	2	9,09	22	100,

* Nesta categoria estariam incluídos: professores, auxiliares de biblioteca, secretárias ou qualquer outra categoria de funcionário lotado na biblioteca.

Já foi visto anteriormente que apenas 2 das es las da amostra contam com bibliotecário habilitado em seu quadro de funcionários.

A tabela acima mostra que houve uma certa concen tração desses bibliotecários nessas 2 escolas, pois constatou-se que nu ma das escolas estão lotados 2 e na outra, 3 bibliotecários. Quanto às outras categorias de funcionários, em 4 das escolas pesquisadas há ser ventos lotados na biblioteca e 13 escolas indicaram que têm "outros fun cionários" lotados na biblioteca (um em cada escola). 4 escolas infor maram que têm 2 funcionários desta categoria na biblioteca, 1 escola tem 3 funcionários e 1 escola indicou ter 4 funcionários desta categoria lo tados na biblioteca.

Os funcionários classificados nesta última cate goria, quase sempre, são pessoas que ocupam um outro cargo na escola, às vezes até mesmo de diretora, e que dedicam parte de sua carga horá ria ao trabalho da biblioteca. Assim, o fato de haver 3 ou mais funcio nários lotados numa só biblioteca pode significar que cada um deles é responsável pelo funcionamento da biblioteca em um dado turno, visto que al gumas delas funcionam em até 3 turnos.

O que os dados deixam claro é que as bibliotecas das escolas pesquisadas não estão bem providas de recursos humanos. Há muito poucos bibliotecários atuando nessas bibliotecas, mesmo levando-se em conta que apenas 22 escolas têm biblioteca. Quanto ao pessoal de outras categorias, há que se considerar, além do problema da quantidade, a falta de treinamento adequado para desempenhar as funções da biblio teca.

. Serviços que as bibliotecas prestam aos usuários

Indagou-se quais os serviços que as bibliotecas prestavam aos seus usuários, dentre os seguintes:

- . *Consulta local;*

- . *Empréstimo a domicílio;*
- . *Exposições;*
- . *Palestras;*
- . *Aula sobre uso (orientação ao usuário);*
- . *Divulga acervo*
- . *Outros (solicitou-se que especificasse)*

Os resultados podem ser observados na *tabela 14*.

Tabela 14 - Serviços que as bibliotecas prestam aos usuários

SERVIÇOS QUE AS BIBLIOTECAS PRESTAM	TIPOS DE SERVIÇOS QUE AS BIBLIOTECAS PRESTAM													
	CONSULTA LOCAL		EMP. A DOMICÍLIO		EXPOSIÇÕES		PALESTRAS		AULA SOBRE		DIVULGA ACERVO		OUTROS	
	Nº ESCOLAS	%	Nº ESCOLAS	%	Nº ESCOLAS	%	Nº ESCOLAS	%	Nº ESCOLAS	%	Nº ESCOLAS	%	Nº ESCOLAS	%
Sim	5	22,72	15	68,19	1	4,55	-	-	1	4,55	5	22,72	-	-
Não	15	68,19	5	22,72	19	86,36	20	90,91	19	86,36	15	68,19	20	90,91
Sem informação	2	9,09	2	9,09	2	9,09	2	9,09	2	9,09	2	9,09	2	9,09
T O T A L	22	100,0	22	100,0	22	100,0	22	100,0	22	100,0	22	100,0	22	100,0

Os dados da *tabela 14* deixam claro que são muito limitados os serviços que as bibliotecas das escolas pesquisadas prestam aos seus usuários.

Com raras exceções, estes serviços não vão além da consulta local e do empréstimo a domicílio, destacando-se uma pequena percentagem (22,72%) de bibliotecas que informou que faz divulgação do acervo.

Deve-se considerar que estas não são as atividades mais adequadas para atrair para a biblioteca uma clientela como a da biblioteca escolar.

As reduzidas atividades que são desenvolvidas nessas bibliotecas são de natureza estática e não são capazes de exercer atração sobre o estudante, particularmente a criança, com relação à biblioteca.

Supunha-se que as bibliotecas que dispunham de bibliotecário habilitado poderiam oferecer mais e melhores serviços, ou uma maior dinamização do uso dos recursos bibliográficos. Para verificar essa hipótese, os resultados da variável escolas que têm ou não bibliotecário habilitado foram confrontados com os da variável serviços que as bibliotecas prestam, como mostra a *tabela 15*.

Tabela 15 - Serviços que as bibliotecas prestam em relação com o fa
to de ter ou não bibliotecário habilitado

SERVIÇOS QUE AS BIBLIOTECAS PRESTAM	ESCOLAS COM BIBLIOTECÁRIO HABILITADO *				ESCOLAS SEM BIBLIOTECÁRIO HABILITADO **			
	SIM		NÃO		SIM		NÃO	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Consulta local	1	50,0	1	50,0	4	20,0	14	70,0
Empréstimo a domi cílio	1	50,0	1	50,0	14	70,0	4	20,0
Exposições	-	-	2	100,0	1	5,0	17	85,0
Palestras	-	-	2	100,0	1	5,0	17	85,0
Aula sobre o uso da biblioteca	-	-	2	100,0	1	5,0	17	85,0
Divulgação do acer vo	1	50,0	1	50,0	4	20,0	14	70,0
Outros serviços	-	-	2	100,0	-	-	18	90,0

* Somente 2 escolas têm bibliotecário habilitado.

** 20 escolas com biblioteca, mas sem bibliotecário habilitado.

2 dessas escolas não informaram sobre estes itens.

Os dados dessa tabela deixam claro que o fato de ter bibliotecário habilitado não altera a quantidade de serviços oferecidos pelas bibliotecas, no que concerne à diversificação desses serviços, pois, como se pode observar, as 2 bibliotecas que têm bibliotecários desenvolvem apenas atividades como consulta local, empréstimo domiciliar e uma delas faz divulgação do acervo.

Com relação às escolas que não têm bibliotecário, o quadro não se altera de modo significativo. Apenas, o fato de serem mais numerosas lhes garante, como era de se esperar, a vantagem numérica na prestação de alguns dos serviços.

As observações aqui formuladas contribuem, de certa forma para reforçar o fato, já referido anteriormente, de que o pessoal que se encontra à frente dessas bibliotecas, (inclusive os bibliotecários), necessita de treinamento que lhe possibilite melhorar sua atuação.

Outro fator que pode estar influenciando diretamente na qualidade dos serviços que as bibliotecas prestam é a falta de espaço adequado. Algumas dessas bibliotecas não dispõem de espaço que possa proporcionar ao usuário a simples consulta de obras no local ou um ambiente adequado para a leitura. Como poderiam, então, ser desenvolvidas as atividades que requerem mais espaço?

. Organização das bibliotecas

Com relação à organização da biblioteca indagou-se:

- . se era adotada alguma norma de catalogação;
- . qual o código de catalogação adotado;
- . qual o sistema de classificação adotado;
- . que tipos de catálogos existiam na biblioteca;
- . se a biblioteca tinha algum regimento.

Apurou-se que, em apenas 3 dentre as 22 escolas o acervo era catalogado; quase sempre, era feita a catalogação simplificada e os catálogos eram do tipo dicionário.

Em 5 dessas escolas o acervo era classificado. Em todas elas o sistema adotado era o de *Melvil Dewey* (apenas o esquema geral).

Em 3 escolas a biblioteca tinha um regimento interno.

Constata-se, desse modo, que a grande maioria das bibliotecas dessas escolas quase não conta com os elementos mínimos de organização do acervo. Esse fato influi diretamente na qualidade dos serviços oferecidos pelas bibliotecas, os quais, já se analisou, são bastante limitados.

As razões dessa situação podem encontrar explicação não só no fato, já mencionado, da falta de qualificação do pessoal, mas também, devido à falta de envolvimento ou motivação desse pessoal para com as atividades da biblioteca. Foi visto anteriormente, que algumas das pessoas responsáveis pelas bibliotecas dessas escolas exercem outra função na escola e dedicam uma parte do seu horário de trabalho à biblioteca. Isso significa que, para essas pessoas, o trabalho na biblioteca constitui uma responsabilidade de caráter secundário, o que já o coloca em desvantagem em relação à atividade principal dessas pessoas, dentro da escola.

Um outro fator que pode ser apontado como uma das causas do estado de inércia em que se encontram essas bibliotecas é a falta de recursos financeiros, já mencionado acima. Faltam recursos para aquisição de livros e outros materiais que venham a dinamizar os serviços da biblioteca.

4.3 DADOS COMPLEMENTARES

Por motivos que escaparam ao nosso controle, este trabalho demorou para ser concluído mais do que estava previsto. Esse fato nos trouxe uma preocupação com relação à autenticidade dos dados e informações aqui contidos, considerando-se o espaço de tempo decorrido entre a coleta dos dados e a conclusão e apresentação da análise. Em vista disso, foi sentida a necessidade de complementar o trabalho, acrescentando-lhe algumas informações colhidas mais recentemente e que poderiam introduzir alterações no quadro até aqui mostrado por meio dos dados já analisados, no caso de essas novas informações diferirem muito das anteriores. Mesmo porque, um único fator poderia interferir nos resultados desse novo levantamento: se a Secretaria de Educação tivesse, nesse entretempo, encontrado uma fórmula para alocar recursos financeiros para as bibliotecas das escolas, por exemplo. Assim sendo, retornamos à Secretaria de Educação e a algumas das escolas já pesquisadas para colher as seguintes informações:

a) Na Secretaria de Educação

- I) *se existe um departamento da Secretaria que coordene os serviços de bibliotecas nas escolas;*
- II) *se a Secretaria destina recursos financeiros para as bibliotecas das escolas;*
- III) *se existe algum plano ou programa de serviços bibliotecários para as escolas, em execução ou a ser executado;*
- IV) *se existe uma legislação, em nível estadual, que dê apoio à criação e implementação de bibliotecas nas escolas.*

b) Nas escolas

- I) *atualização do acervo: se foi feita aquisição de material bibliográfico nos últimos três anos (1981-1984);*

II) se foi feita alguma alteração (nos últimos três anos), com relação a instalação, organização e pessoal da biblioteca;

III) quais os serviços que a biblioteca presta a professores e alunos;

IV) se a biblioteca tem planos de trabalho, em execução ou a executar;

V) qual a importância da biblioteca para o aperfeiçoamento do processo ensino-aprendizagem, do ponto de vista dos professores.

Nesse rápido levantamento, que foi realizado no segundo semestre de 1984, constatamos os seguintes resultados:

a) Na Secretaria de Educação

As informações foram coletadas junto ao Departamento de Apoio Técnico-Pedagógico, com a Chefe do Setor e com uma bibliotecária lotada nesse setor.

I) não existe, na Secretaria, um órgão formalmente estabelecido que coordene os serviços de bibliotecas das escolas. Segundo informou a chefe do setor, a Secretaria está planejando criar uma coordenação desses serviços, que deverá ser vinculada ao Departamento de Assistência ao Estudante - DAE - porque acredita-se que este Departamento terá mais flexibilidade para administrar os recursos e isso viria facilitar o processo de alocação desses recursos para as bibliotecas das escolas. Isso deveria ser posto em prática em 1985. Entre as metas dessa coordenação constam o treinamento de pessoal (das bibliotecas) e a integração da escola com a comunidade;

II) no momento em que coletamos as informações (2º semestre de 1984), a Secretaria não destinava recursos financeiros às bibliotecas das escolas;

III) como único programa de serviços de biblioteca da Secretaria foram dadas informações sobre um programa de bibliotecas volantes, que estava sendo executado na região da Grande Vitória.

O programa abrange escolas da rede estadual de ensino e dá prioridade às escolas situadas em zonas carentes. Na época, atingia 14 escolas e tinha como objetivo estender-se a um número maior. A coordenação desse programa estava a cargo de bibliotecárias lotadas no Departamento de Apoio Técnico-Pedagógico. O material bibliográfico que compunha essas bibliotecas era adquirido por meio de compras e de doação de órgãos federais e programas como o PLIDEF e outros semelhantes;

IV) não existe nenhuma legislação de apoio à criação e implementação de bibliotecas nas escolas.

b) Nas escolas

Foram visitadas três escolas, localizadas em Vitória, componentes da amostra anteriormente selecionada. Considerando-se que os resultados dos dados anteriores configuraram uma situação bastante generalizada dos recursos de biblioteca das escolas da região, acreditamos que essas três escolas serão suficientes para mostrar até que ponto essa situação foi alterada. A escolha de duas dessas escolas foi aleatória. A terceira foi incluída propositadamente, porque na época da 1ª coleta de dados o prédio da escola encontrava-se em reforma e por isso as informações que conseguimos obter foram bastante incompletas. As três escolas serão aqui analisadas sob a identificação em ordem numérica: escola nº 1, nº 2 e nº 3. As informações referentes às escolas foram obtidas junto ao diretor, às vezes com pessoa responsável pela biblioteca e em todos casos procuramos, por meio de uma conversa informal com alguns professores, colher a sua opinião a respeito da biblioteca: sua importância para a execução do currículo, como a biblioteca da escola vem atendendo as necessidades de informação de professores e alunos e ainda em que intensidade eles utilizam a biblioteca. Indagou-se também se eles tinham sugestões a fazer no sentido de melhorar a atuação da biblioteca. As respostas a essas questões serão abordadas por cada uma das 3 escolas visitadas, separadamente. A análise da situação atual será precedida de uma breve descrição da situação da escola (biblioteca), constatada por ocasião do primeiro levantamento, para possibilitar que se façam comparações, quando necessárias.

Escola nº 1 - Situação anterior

A situação anterior da biblioteca dessa escola era a seguinte:

- . Não havia verba destinada à biblioteca; esporadicamente a Direção da escola destinava alguma quantidade de recursos para a aquisição de livros. A última compra havia sido realizada no ano anterior (1980). Não se obteve a informação de quantos livros foram adquiridos. A biblioteca recebia doações do INL, dos professores e outras.
- . Havia sala própria para a biblioteca, o espaço e a localização eram adequados, os equipamentos também eram adequados e estavam em bom estado de conservação.
- . Não eram adotadas técnicas de organização de biblioteca.
- . Havia apenas um funcionário na biblioteca e por isso ela funcionava somente em um dos turnos.
- . Os serviços oferecidos pela biblioteca limitavam-se à consulta no local e ao empréstimo domiciliar.

A situação atual dessa escola se apresenta como segue:

- I) Nessa escola a biblioteca não tem orçamento próprio, por isso raramente se realiza aquisição de material bibliográfico. Conforme informação da professora responsável pela biblioteca, no ano anterior (1983), havia sido feita uma compra. "Apareceu" uma verba (pequena) e a diretora da escola adquiriu 18 livros (na maioria, de literatura infantil). Antes de selecionar o que comprar foram solicitadas sugestões aos professores e ao pessoal que trabalha na biblioteca. A biblioteca recebe, de vez em quando, doações de professores e alunos. Nessa escola o acervo não está muito pobre quantitativamente e os livros são, quase sempre, novos. Há, porém, uma certa quantidade de repetição de títulos, que parece ser excessiva.

II) Não observamos mudanças com relação a instalação e equipamentos. A biblioteca é bem localizada e bem instalada, com espaço adequado e os equipamentos estão em bom estado e são apropriados para a biblioteca. Falta espaço para a instalação de um setor infantil, pois a escola atende ao pré-escolar e da 1a. à 8a. séries.

Não houve nenhum progresso no que toca à organização do acervo. O pessoal que trabalha na biblioteca é leigo e a organização é da forma bem rudimentar.

Há um encarregado da biblioteca para cada turno em que a escola funciona. (3 turnos). São duas professoras e uma auxiliar de biblioteca. Segundo a informante, foi dado um curso de treinamento, com 40 horas de duração, pelo pessoal da Biblioteca Pública (bibliotecárias). Entretanto, os ensinamentos do curso não foram postos em prática. Percebe-se que há uma certa resistência por parte do pessoal leigo que trabalha em biblioteca quanto à aceitação das técnicas empregadas pelos profissionais de biblioteconomia. Além disso, o curso não parece ter sido consistente o bastante para convencê-las da necessidade da aplicação dos conhecimentos transmitidos.

III) Os serviços que a biblioteca presta resumem-se a consulta no local, empréstimo a professores e alunos. O que os alunos lêem mais é literatura infantil, segundo a informante (encarregada da biblioteca).

IV) A biblioteca não possui nenhum plano de trabalho, seja em execução, seja a executar.

V) Os professores abordados afirmaram que a biblioteca é muito necessária na escola e que é sempre utilizada, pois muitos dos professores levam os alunos para fazerem trabalhos lá. Os alunos vão também sozinhos, pois é comum encontrar-se alunos do turno da manhã estudando lá à tarde e vice-versa.

Segundo os professores, a biblioteca deveria ter mais informações atualizadas. Para melhorar a situação da biblioteca opinaram que a Secretaria de Educação deveria destinar recursos para a compra de material (bibliográfico) e que o pessoal da biblioteca deveria receber um treinamento apropriado para melhorar o seu trabalho (atuação na biblioteca).

Escola nº 2 - Situação anterior

- . Essa escola é bastante antiga, foi fundada na década de 30, assim como a biblioteca, que tem um acervo de aproximadamente 5.000 livros.
- . Não dispunha de verba para atualização da coleção, havia muito tempo que não se efetuava compra de livros e não foi mencionada nenhuma fonte que contribuísse para o enriquecimento da coleção.
- . Tinha uma área destinada à biblioteca, que era mal localizada, no pórtico do prédio, um local mal arejado, junto ao pátio de recreio.
- . O acervo não era catalogado, nem classificado.
- . Havia 3 bibliotecárias lotadas na biblioteca (uma em cada turno).
- . Os serviços prestados pela biblioteca constavam apenas de consulta no local e empréstimo domiciliar.

No segundo levantamento de dados constatou-se a seguinte situação:

- I) Conforme informou a bibliotecária, já faz muito tempo que não se realiza compra de material bibliográfico (mais de 3 anos), pois não há recursos para essa finalidade. Uma rápida análise da coleção deu para perceber que há muita repetição de títulos, principalmente nas obras de referência e nos livros didáticos. Há muitos títulos clássicos de literatura (para adultos).
Embora não seja muito pobre em quantidade, a coleção não parece estar ade

da aos usuários, que se constituem de alunos da 5a. à 8a. séries. Os alunos às vezes procuram livros sobre determinados assuntos e não encontram na biblioteca, como informou a bibliotecária. A formação do acervo é feita à custa de doações de professores, de alunos e de outras pessoas da comunidade.

- II) Nessa escola a biblioteca está pessimamente localizada. A escola funciona num prédio muito antigo, de três andares e a biblioteca es t á localizada no andar que corresponde ao porão, junto ao pátio de recreio e é bem atingida pelo sol à tarde, o que a torna quente e incômoda. Na ocasião em que visitamos a escola pela primeira vez, a biblioteca funcionava nesse mesmo vão do prédio, mas do lado opos to. A mudança deveu-se ao fato do local anterior ser muito vulnerá vel à umidade, o que provocava muito bolor nos livros. A biblioteca está instalada num único e pequeno espaço, onde se misturam acervo, s á l ã o de leitura, de trabalho, etc. Os equipamentos são os mesmos encontrados anteriormente. As mesas para os leitores são pequenas e poucas, comportando mal uma turma de 35 a 40 alunos. Não há mesas para estudo em grupos (de 5 ou 6 pessoas). Quando vão muitos alu no s de uma só vez à biblioteca, alguns têm que trabalhar sentados no chão, conforme informou a bibliotecária. E acrescentou que, quase sempre, o chão não está limpo, pois a escola não dispõe de pessoal para fazer a limpeza na biblioteca.

No que se refere à organização da biblioteca não se registraram mu dan ças nesse espaço de tempo. A bibliotecária alegou que o seu tempo só dá para atender aos leitores e por isso não consegue organizar o acervo.

Com relação ao pessoal da biblioteca ocorreu apenas uma alteração: a funcionária que trabalhava à tarde foi transferida para outro órgão do Estado e disso resultou que a biblioteca não vinha abrindo à tarde há muitos meses, pois o diretor da escola não havia conseguido um substituto para a funcionária transferida. A biblioteca conta com uma bibliotecária no horário da manhã e uma auxiliar de bibliote ca, no turno da noite. A bibliotecária acrescentou que já comple to u o tempo para se aposentar, mas que ainda não o fez porque não lhe

é conveniente.

- III) Os serviços que a biblioteca presta são os mais comuns: consulta local, empréstimo e a bibliotecária faz levantamentos para os alunos que os solicitam.
- IV) Uma das professoras abordadas informou que quase nunca usa a biblioteca para auxílio às suas aulas, nem recomenda aos alunos que a utilizem. Adiantou que a biblioteca é mais utilizada pelas professoras de "Comunicação e Expressão". Uma outra, professora de ciências, acha que o acervo é muito desatualizado, por isso não usa muito a biblioteca. Se fosse mais atualizado é provável que os professores utilizassem mais. Às vezes usa a biblioteca para complementar o conteúdo do livro texto; nas enciclopédias e coleções especializadas sempre tem material que permite fazer isso. Mas, acha que é insuficiente, por isso sempre traz material de casa: recortes de jornais, de revistas. Não recomenda com mais frequência o uso da biblioteca aos alunos porque sabe da existência dos seguintes problemas: a biblioteca não possui informações atuais e o horário em que a biblioteca permanece aberta sempre conflita com o horário de aula. Não estimula o uso das bibliotecas públicas porque estas ficam mal localizadas em relação à escola; lembrou que o aluno, quase sempre, não dispõe de tempo nem de recursos para condução que lhe permitam frequentar essas bibliotecas; muitas vezes ele faz educação física fora da escola, o que já lhe toma tempo e lhe acarreta mais uma despesa com condução. Lembrou que na sua época de estudante (é ex-aluna dessa escola) havia uma professora que tomava conta da biblioteca e que esta era muito atuante, muito frequentada pelo pessoal da escola. Eram promovidas comemorações nas datas festivas, realizavam-se campanhas de doações de livros.

Escola nº 3

A situação anterior dessa escola era pouco conhecida, pois na época em que foi feito o primeiro levantamento ela estava com suas atividades suspensas, porque o prédio estava em reforma. Vejamos a situação atual:

- I) Como as duas primeiras, essa escola também não dispõe de recursos financeiros para a biblioteca. Não foi possível saber quando havia sido feita a última compra de material bibliográfico. A informação exata de quantos livros tem a biblioteca, também não nos foi fornecida. São aproximadamente 800 livros. Tem alguns títulos bons de literatura para adultos, muitos livros didáticos e algumas obras de referência. A biblioteca sempre recebe doações dos professores.
- II) O local onde está instalada a biblioteca fica bem situado, dentro da escola. Não se pode falar propriamente de uma biblioteca instalada. Trata-se apenas de uma sala onde estão guardados os livros, jogados desordenadamente em algumas estantes. A sala é sempre utilizada para "aulas de reforço" ou quando falta sala para aula, por qualquer motivo. Por isso tem muitas carteiras, quadro negro e uma mesa para professor. Quando não está sendo usada como sala de aula ela permanece fechada. Há uma professora que tem três horas livres de aula durante a semana e que passa essas três horas na biblioteca. Esse, portanto, é o espaço de tempo em que a biblioteca fica aberta: três horas na semana. Segundo declarou essa professora, já tentou algumas vezes "arrumar" os livros por assunto, mas o tempo é muito pouco e o que ela consegue fazer num dia é desfeito logo que os alunos entram novamente na biblioteca.
- III) Como a biblioteca fica constantemente fechada, é usada raramente pelos alunos. Alguns professores levam os alunos para trabalhar com o material da biblioteca durante a aula. Quando os alunos solicitam algum material da biblioteca as professoras, a supervisora educacional ou a diretora abrem a biblioteca e retiram o material, que o aluno deverá levar para a sala da supervisora, para utilizá-lo. A supervisora declarou que faz sempre isso porque se preocupa ao ver os alunos precisarem da biblioteca e não poderem utilizá-la, mas que não pode deixá-los trabalhar lá sozinhos porque os livros somem. Já sumiram muitos, afirmou. Os professores também retiram livros emprestados da biblioteca.
- IV) Obviamente, a biblioteca não tem planos de trabalho já que ela não conta com condições para funcionar, ao menos de forma precária.

V) Na opinião dos professores a biblioteca é muito importante e necessária e eles gostariam que ela funcionasse bem. Lembraram que, há mais ou menos 4 anos, tinha uma professora responsável pela biblioteca e que atendia bem às necessidades de professores e alunos. Essa professora, ao concluir o curso de biblioteconomia, saiu da escola para ir trabalhar numa empresa. Depois disso, a diretora já fez várias tentativas junto à Secretaria de Educação no sentido de conseguir um funcionário para a biblioteca, mas todas foram em vão. As professoras confessaram que não têm interesse em trabalhar na biblioteca porque isso poderia fazê-las perder a regência de classe, que é uma gratificação que corresponde a 40% do seu salário.

As informações acima tornam evidente que, neste intervalo, entre o primeiro levantamento de dados e essa nova busca, não aconteceram mudanças substanciais na situação das bibliotecas das escolas, da Grande Vitória. O quadro que foi constatado há três anos permanece praticamente inalterado, visto que nenhuma mudança estrutural que pudesse modificá-lo ocorreu. Nas escolas que foram novamente visitadas as alterações registradas, nesse período, foram, infelizmente, de cunho negativo, isto é, para pior. O único fato novo observado que se pode considerar positivo foi a implantação do programa de bibliotecas ambulantes pela Secretaria de Educação, que mostra que, mesmo de forma tímida, está havendo, por parte desse órgão, uma preocupação em relação ao problema da falta de leitura nas escolas. De tudo isso pode-se concluir que na região da Grande Vitória, o conceito de biblioteca escolar ainda retrata a biblioteca escolar do tipo arcaico e estático: um depósito de livros, localizado em um canto obscuro da escola, quase sempre fechado e, naturalmente, à margem do processo ensino-aprendizagem.

5.1 CONCLUSÃO

O estudo da realidade educacional brasileira nos revela a ausência da biblioteca nos níveis básicos do sistema educacional (1º e 2º graus), tendo o mesmo fato sido constatado nas escolas da Grande Vitória. Isso nos permite observar que o problema das bibliotecas escolares não pode ser considerado um fato isolado e sim uma questão que se insere num contexto mais amplo: faltam recursos para a educação e em decorrência não há recursos para a biblioteca escolar. A ausência desses recursos, por sua vez, é uma consequência do grau de importância que é atribuído à educação dentro da escala de prioridades da política social do governo.

O Estado do Espírito Santo caracteriza-se como uma sociedade economicamente dependente. Sua participação na economia e na política nacionais nunca foi de grande prevalência. Em nenhuma fase de sua história o Estado pôde se considerar um Estado autônomo, preservados os princípios federativos. Essa condição de dependência da União, coloca-o num estado quase que de estagnação sócio-cultural. As mudanças e movimentos sociais que aqui ocorrem são reflexos do que ocorre no país. E por serem já reflexos, muitas vezes, aqui se atrofiam devido à falta de condições propícias à sua expansão.

Se, no Brasil, desde épocas remotas, a educação sempre se debateu com problemas de infra-estrutura material e ideológica, no Espírito Santo esses problemas são sensivelmente agravados pela própria natureza do contexto local.

O sistema educacional, no Brasil e no Espírito Santo, tem se mostrado incompetente no sentido de atender às necessidades mínimas de educação da sociedade. O índice de analfabetismo do país continua crescendo, ao mesmo tempo em que aumenta a população. O nú

mero de crianças, em idade escolar, que não conseguem entrar na escola, por falta de vagas, sobe a cada ano.

O déficit do sistema educacional evidencia-se nos seguintes aspectos: faltam, em primeiro lugar, os recursos orçamentários, e, como consequência, os recursos humanos, as instalações físicas e os recursos necessários à execução dos programas estabelecidos pela legislação, ou seja, faltam as condições mínimas para escolarizar. Considere-se que o conceito de educar extrapolava o conceito de escolarizar. No Artigo 1º da Lei 5692/71, que rege o ensino de 1º e 2º graus, e que constitui o objetivo geral desses dois níveis de ensino está contido o conceito de educar. Se o sistema educacional se propõe a cumprir o que está prescrito na lei, então ele deveria ser dotado de condições e instrumentos que lhe permitissem atingir os objetivos propostos.

A biblioteca escolar é uma das instituições necessárias para que o sistema educacional coloque em prática o conceito de educar. A efetiva atuação dessa instituição irá contribuir para o desenvolvimento das potencialidades do educando, para a sua auto-realização e lhe proporcionará a preparação necessária ao exercício de sua cidadania, como prescreve a lei citada, com referência à educação. Logo, a biblioteca escolar deveria ser parte integrante da escola, muito embora não haja, na referida lei, menção explícita a essa instituição.

Dá a principal indagação deste estudo: existem bibliotecas atuando junto às escolas de 1º e 2º graus, na região da Grande Vitória? A resposta a essa indagação, embora esteja contida na análise das diversas questões que antes foram formuladas, pode ser sintetizada na afirmativa de que, nessa região, há uma ausência quase generalizada de biblioteca nas escolas de 1º e 2º graus da rede estadual de ensino.

Embora algumas escolas contem com uma certa quantidade de recursos bibliográficos, faltam-lhes, em muitos casos, os outros elementos essenciais ao funcionamento de uma biblioteca, como:

. espaço físico para a sua instalação;

- . móveis e equipamentos;
- . pessoal com treinamento adequado para desempenhar as funções requeridas numa biblioteca escolar.

Finalmente, as coleções bibliográficas, encontradas nessas escolas, deixam dúvidas quanto à sua qualidade e carecem, portanto, de uma análise, que deveria ser efetuada antes de se implantar qualquer medida visando à dinamização desses recursos.

Os problemas aí constatados são de natureza complexa, visto que decorrem de um fator, ao qual se condicionam todos os demais, e que é a falta de recursos financeiros. Mas, se é dever do bibliotecário convencer o povo de que a escola tem que ampliar o seu conceito de educar, ele não pode ficar à espera de que surjam as condições para isso. Os meios para criar essas condições deverão ser buscados, e, neste caso, as autoridades educacionais deverão ser sensibilizadas para com o problema. Essa é uma tarefa que se pode considerar bastante árdua, já que se trata de transpor barreiras por trás das quais há toda uma ideologia, sob a qual se delinea o sistema educacional brasileiro e que parece ser a verdadeira causa determinante de todo esse contexto. Se não são alocados recursos para as bibliotecas das escolas é porque a informação não é considerada um componente essencial do processo ensino-aprendizagem. Entretanto, essa mentalidade não deve persistir, a menos que se continue adotando uma atitude conformista ante a nossa dependência econômica e cultural.

Uma vez que, constatou-se que existem alguns recursos de bibliotecas nas escolas pesquisadas e, que esses recursos estão sendo mal utilizados, deve-se tentar encontrar as formas para que eles sejam utilizados de maneira racional. Sabemos, de antemão, que isso não poderá ser conseguido sem que se disponha de pessoal qualificado. Não se pretende, porém, que haja, de imediato, um bibliotecário em cada biblioteca escolar. Os professores que, em alguns casos, já se encontram à frente dessas bibliotecas, poderão, após receberem treinamento apropriado, desempenhar, de maneira satisfatória, as atividades da biblioteca escolar.

Da situação generalizada de carência de recursos de biblioteca constatada nas escolas da região da Grande Vitória, infere-se que há necessidade de se criar bibliotecas nessas escolas, bem como de se transformar as que já existem em organismos vivos, para que elas conquistem o espaço que lhes deveria ser destinado dentro do sistema educacional.

Os resultados aqui registrados não devem se caracterizar como um trabalho concluído e sim como um ponto de partida para outros estudos que visem a solução da problemática da biblioteca escolar, não só na região objeto deste estudo, mas também no Estado do Espírito Santo. É necessário que a classe bibliotecária alerte para o fato de que lhe cabe uma importante parcela de contribuição no esforço que deve ser desenvolvido em prol da melhoria do ensino, tendo em vista a construção de uma sociedade melhor e mais justa, formada por cidadãos mais criativos, mais críticos e conscientes de seu papel nessa sociedade. Vale lembrar aqui *ELLSWORTH e WAGENER* (18), quando afirmam: *"Se o papel da escola é doutrinar, poucos livros são necessários. Se o seu papel é ensinar, isto é, ajudar os estudantes a formarem a sua própria visão sobre os pressupostos básicos de sua cultura após terem examinado e analisado os fatos relevantes, uma extensa biblioteca será necessária. Não basta oferecer aos estudantes os livros programados para dar-lhes respostas. Eles precisam aprender a questionar e a responder"*.

5.2 COMENTÁRIOS E SUGESTÕES

As questões até aqui analisadas requerem soluções a curto, médio e longo prazo. Como já foi referido nos objetivos deste trabalho, esperamos que, posteriormente, surjam programas de ação que visem transformar a situação ora descrita. Esses programas deverão ser fundamentados em experiências já testadas na prática e devidamente adaptados à realidade da região da Grande Vitória. Embora tenhamos apontado a escassez da bibliografia sobre o assunto, temos que admitir que existem alguns relatos de experiência na área, que representam uma contribuição válida para aplicação no campo de trabalho. É necessário que se evitem os planos de ação baseados em reflexões intuitivas que, nem sem

pre levam ao resultado esperado. A seguir serão destacados os pontos que consideramos mais cruciais no contexto das bibliotecas das escolas da Grande Vitória e serão feitas algumas sugestões visando a sua solução ou, pelo menos, alguma forma de atenuá-los.

Tentou-se demonstrar no desenrolar deste trabalho que existe uma problemática no âmbito das bibliotecas escolares de um modo geral e que se reflete de forma intensa nas bibliotecas das escolas da região da Grande Vitória. Essa problemática está estreitamente relacionada aos problemas do setor educacional, os quais, por sua vez, têm complexas implicações sócio-econômicas e culturais. Acreditamos, entretanto, que o bibliotecário pode e deve intervir no sentido de tentar encontrar soluções que visem a atenuar a crise que ora grassa nessas duas instituições: a escola e a biblioteca escolar. Temos consciência de que essa tarefa só poderá ser realizada a longo prazo; por isso mesmo os profissionais da área deverão abarcá-la o quanto antes, pois há um longo caminho a ser percorrido e só será possível chegar ao seu termo vencendo etapas. Uma atitude pautada nessa reflexão será fundamentada não só no princípio de que o bibliotecário é um agente social e como tal deve dar a sua parcela de contribuição no processo das mudanças sociais, mas também no cunho social que é conferido à Biblioteconomia.

5.2.1 O problema de pessoal

Dentre os problemas detectados neste estudo, consideramos que o treinamento do pessoal para atuar à frente das bibliotecas escolares deve ser analisado com prioridade. Devem ser buscadas soluções alternativas, a curto prazo, pois isso constituiria uma forma de se tentar otimizar os recursos já existentes nas escolas e que estão sendo subutilizados ou, em alguns casos, desperdiçados, por falta de pessoal capacitado para torná-los socialmente úteis. O treinamento adequado desse pessoal poderia ser, ainda, de grande auxílio ao trabalho de conscientização, junto à sociedade, da importância e necessidade da biblioteca na escola, uma vez que será por meio de uma atuação eficiente das bibliotecas escolares que essa importância e essa necessidade se farão sentir. Esse treinamento deverá constar como meta prioritária de quaisquer programas que visem a dinamização dos recursos dessas bibliotecas e deverá atingir dois elementos: *os professores de nível médio in*

interessados em atuar em bibliotecas e os que já estão atuando e os profissionais bibliotecários que se encontram à frente de bibliotecas escolares.

Essa alternativa de treinar o professor-bibliotecário vem sendo recomendada por diversos autores, em diferentes países, e nos parece bastante apropriada para a realidade sócio-econômica da região, visto que parecem longínquas as perspectivas de se alcançar as condições que permitam ter um bibliotecário qualificado em cada biblioteca escolar. Além disso, algumas experiências mostram que o professor, após receber esse treinamento, tem demonstrado que é capaz de desenvolver um trabalho eficiente dentro da biblioteca escolar. Deve ser considerada a possibilidade de se treinar o pessoal que já se encontra lotado nessas bibliotecas, no caso desse pessoal mostrar interesse em permanecer no cargo. Constatou-se, por meio do levantamento dos dados que, na categoria de "outros funcionários", existem nove professores e seis auxiliares de biblioteca, atuando nas bibliotecas das escolas pesquisadas. Estima-se que isso venha contribuir para facilitar a tarefa de treinamento, visto que esses funcionários já possuem uma parte da habilitação requerida.

Quanto ao profissional bibliotecário, nos foi dado observar que ele, quase sempre, não tem tido uma atuação eficiente na biblioteca escolar e a formação que ele vem recebendo nos cursos de biblioteconomia pode estar contribuindo para isso. Para reforçar essa afirmativa convém citar o que disse a respeito o professor E. Nery da FONSECA (23), no 1º Seminário Nacional sobre Bibliotecas Escolares: ... "o simples bacharel em biblioteconomia não tem nível suficiente para organizar, dirigir e atender leitores de uma biblioteca escolar. Lidar com crianças e jovens requer uma formação tão sofisticada quanto a que se exige dos que trabalham com os pesquisadores mais altamente diferenciados: uma formação em que a Psicologia, a Pedagogia e a Literatura são tão importantes quanto a Bibliografia, a Catalogação, a Classificação." Cabe, portanto, aos cursos de formação de bibliotecários a tarefa de proporcionar ao estudante que mostrar inclinação para atuar nessa área a formação que essa atuação requer. Antes de tudo, é necessário que, nesses cursos, seja despertada a consciência dos futuros profissionais para a gravidade do problema que representa, para a formação da socie

dade, o ensino dissociado da biblioteca.

5.2.2 Os recursos financeiros

A questão dos recursos financeiros é um problema complexo na medida em que dele se desencadeia uma série de outros problemas enfrentados pelas bibliotecas escolares. A falta de recursos é responsável pela pobreza quantitativa e qualitativa dos acervos e, em muitos casos, serve de pretexto para as más condições de funcionamento das bibliotecas, colocando-as num constante estado de inércia e apatia. Esse problema pode ter sua origem na legislação do ensino de 1ª e 2ª graus, que não prescreve o estabelecimento e a manutenção de bibliotecas nas escolas. E porque a lei é omissa as autoridades educacionais também se omitem com relação à biblioteca escolar. Há necessidade de que a legislação seja reformulada e que, sendo incluído o estabelecimento e a manutenção de bibliotecas escolares, seja garantida a sua execução na prática educacional. A própria reforma tributária, que neste momento representa uma justa reivindicação dos municípios brasileiros, deveria considerar, de forma criteriosa, essa questão da provisão de recursos para a educação; a descentralização da administração desses recursos proporcionará maior flexibilidade aos administradores para a sua aplicação in loco. Desse modo, os recursos percorreriam um trajeto mais curto até chegar aos setores da administração educacional e as vantagens daí decorrentes são por demais evidentes.

Seria ideal que as normas (legislação) sobre biblioteca escolar emanassem do órgão federal que coordena o ensino (o MEC), pois, desse modo, teria uma abrangência maior, englobando todo o território nacional. Entretanto, os órgãos de administração estadual e mesmo os dos municípios podem projetar leis concernentes ao assunto. A solução dessa questão depende, em grande parte, da forma como a educação é encarada pelos administradores dos escalões mais altos do governo.

5.2.3 A Biblioteca Escolar no contexto da educação

Vimos que os professores, de modo geral concordam em que a biblioteca escolar é necessária, embora alguns não a vejam como um instrumento de apoio ao seu programa de ensino. Aos que a consideram útil e importante no processo ensino-aprendizagem deveriam ser dadas as condições para que pudessem fazer uso dos seus recursos. Isso, não resta dúvida, reverteria em benéfica contribuição à melhoria da qualidade do ensino, já que, em consequência, uma boa parcela dos alunos se libertaria do limitado espaço do livro de texto, pois, é sabido que o programa de ensino baseado no livro de texto está arcaico. Há já muitas décadas que os educadores conscientes advogam a presença da biblioteca na escola. Lourenço Filho, apud SILVA (58 :28), assim pensava a esse respeito: *"ensino e biblioteca são instrumentos complementares (...); ensino e biblioteca não se excluem, completam-se. Uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será, por seu lado, instrumento vago e incerto"*. L. de OLIVEIRA LIMA (49) considera que é função da escola *"treinar exaustivamente o educando na utilização da escrita, estimulando a criança a pesquisar sozinha, nos livros, a EXPERIÊNCIA DA HUMANIDADE."*

Seria bom e necessário que todos os professores incentivassem o uso da biblioteca pelos alunos, considerando-se que o professor exerce uma grande influência sobre o aluno, especialmente na fase de sua formação que vai da infância à adolescência e também o fato de ser essa a fase mais apropriada à formação do hábito de leitura. A respeito, convém citar F.D. Cleary, citado por BAMBERGER (3): *"a idade de ouro da leitura como atividade de lazer situa-se entre as idades de 8 e 13 anos. Nesse período as crianças revelam o maior interesse pela leitura e por visitas a bibliotecas."* Ainda que esse incentivo fosse dado por um pequeno número de professores, certamente, ele não deixaria de surtir o seu efeito. Em sua obra *"Como incentivar o hábito da leitura"* BAMBERGER recomenda que esse incentivo seja bem orientado, pois do contrário ele poderá contribuir também para matar o interesse pelos livros.

No incentivo ao hábito de leitura temos

que considerar ainda dois pontos muito importantes: a qualidade do material de leitura e a acessibilidade a esse material. É necessário que a coleção da biblioteca seja adequada à clientela da escola. A questão da acessibilidade nos revoca ao problema de pessoal constatado nas bibliotecas das escolas pesquisadas, já que por falta de pessoal muitas dessas bibliotecas permanecem fechadas. Segundo *BAMBERGER*, "a oportunidade de ler, ou a disponibilidade de livros, representa um papel decisivo no despertar interesses de leitura". A localização da biblioteca dentro da escola também influi nesse fator, pois é necessário que ela esteja em local de destaque, seja um ambiente agradável e que seja um permanente convite ao usuário, como local de trabalho ou de lazer.

BAMBERGER considera que para a formação do hábito de leitura o convívio com os livros é fundamental. Daí porque o uso das bibliotecas de sala de aula nos países desenvolvidos. Não podemos pensar em formar leitores sem material adequado para leitura e com bibliotecas fechadas. A formação das coleções deve ser baseada em uma lista básica para esse tipo de biblioteca, o que facilitaria o processo de seleção e evitaria o emprego inadequado dos recursos. De acordo com *E.N. da FONSECA* (23:6), "a biblioteca escolar deve fornecer a infra-estrutura bibliográfica, iconográfica e fonográfica para um currículo centrado na busca de conhecimentos e valores contidos nas obras primas da literatura, da filosofia, do teatro, da pintura e da música".

O horário de funcionamento das bibliotecas das escolas também deve se adequar às necessidades dos usuários para facilitar-lhes o acesso.

5.2.4 A bibliografia específica

Cabe lembrar a necessidade de os profissionais que atuam na área de bibliotecas escolares relatarem e divulgarem as suas experiências. Essa seria, sem dúvida, uma contribuição positiva ao desenvolvimento das bibliotecas escolares, uma vez que, em muitos casos, poderia evitar a duplicação de esforços na busca de soluções de problemas idênticos.

5.2.5 A dinamização dos recursos existentes

Há necessidade de se dinamizar o uso dos recursos bibliográficos já existentes em algumas das escolas pesquisadas, na região da Grande Vitória. Como já foi sugerido, essa ação deverá se iniciar com a capacitação do pessoal (professores e bibliotecários). Num passo seguinte, poderia ser testada a viabilidade de se organizar uma biblioteca piloto, escolhida, de preferência, dentre as das escolas que aqui foram estudadas. A experiência, depois de avaliada, poderia se estender mais rápida e facilmente a outras bibliotecas (de escolas), pois a partir daí seria necessário apenas fazer as adaptações cabíveis em cada caso.

A N E X O S

ANEXO A

RELAÇÃO DAS ESCOLAS DE 1º E 2º GRAUS DA REDE
OFICIAL DE ENSINO - REGIÃO DA GRANDE VITÓ
RIA, LOCALIZADAS NA SEDE DOS MUNICÍPIOS

Município de Cariacica

- 1 - Escola de 1º grau Eulália Moreira
- 2 - Escola de 1º grau Coronel Olímpio Cunha
- 3 - Escola de 1º grau General Tibúrcio
- 4 - Escola de 1º grau Ana Lopes Balestrero
- 5 - Escola de 1º grau João Crisóstomo Beleza
- 6 - Escola de 1º grau Presidente Médici
- 7 - Escola de 1º grau Presidente Castelo Branco
- 8 - Escola de 1º grau Presidente Costa e Silva
- 9 - Escola de 1º grau Prof. Augusto Luciano
- 10 - Escola de 1º e 2º graus São João Batista
- 11 - Escola de 1º grau Estellita Ramos

Município da Serra

- 1 - Escola de 1º grau Prof. João Loyola
- 2 - Escola de 1º e 2º graus Clóvis B. Miguel

Município de Viana

- 1 - Escola de 1º grau Maria de N. Pinheiro
- 2 - Escola de 1º grau Pe. Antunes Siqueira
- 3 - Escola de 1º e 2º graus Nelson Vieira Pimentel

Município de Vila Velha

- 1 - Escola de 1º grau Luiz Manoel Velloso
- 2 - Escola de 1º grau Agenor de Souza Lee
- 3 - Escola de 1º grau Naydes Brandão
- 4 - Escola de 1º grau Prof. Luiz Malizek
- 5 - Escola de 1º grau Des. Cândido Marinho
- 6 - Escola de 1º grau Prof. Geraldo Costa Alves
- 7 - Escola de 1º e 2º graus Francelina C. Setúbal

- 8 - Escola de 1º grau Vasco Coutinho
- 9 - Escola de 1º grau Prof. Ernani Souza
- 10- Escola de 1º grau Nossa Senhora da Penha

Município de Vitória

- 1 - Escola de 1º grau Pe. Anchieta
- 2 - Escola de 1º grau Paulo Roberto V. Gomes
- 3 - Escola de 1º grau Alberto de Almeida
- 4 - Escola Irmã Jacinta Soares da S. Lima
- 5 - Escola de 1º grau Major Alfredo P. Rabayoli
- 6 - Escola de 1º grau Lions Vitória - Centro
- 7 - Escola de 1º grau Marieta Escobar
- 8 - Escola de 1º grau Maria Alvina Cláudio Corrêa
- 9 - Escola de 2º grau do Espírito Santo
- 10- Escola de 1º grau Maria Ortiz
- 11- Escola de 1º grau D. João Batista Nery
- 12- Escola de 1º grau Gomes Cardim
- 13- Escola de 1º grau Maria Ericina Santos
- 14- Escola de 1º grau Aflordízio C. da Silva
- 15- Escola de 1º grau Prof. João Bandeira
- 16- Escola de 1º grau Suzette Cuendet
- 17- Escola de 1º grau Irmã Maria Horta
- 18- Escola de 2º grau Prof. Fernando Duarte Rabelo
- 19- Escola de 1º grau D. Pedro II
- 20- Escola de 1º grau Carlos Xavier Paes Barreto

ANEXO BBIBLIOTECAS ESCOLARES DA REGIÃO DA GRANDE VITÓRIA - LEVANTAMENTO DE RECURSOS

FORMULÁRIO DE ENTREVISTA

DADOS SOBRE A ESCOLA

1. Nome do Estabelecimento: _____
2. Endereço: Rua _____
- Bairro: _____ Cidade _____
3. Nome do informante: _____ 4. Cargo _____
5. Data de criação da Escola: _____
6. Nº de Professores: _____
7. Número de classes e alunos:
- | | | | | | |
|--------------------------|-------|---------|-------|--------|-------|
| 1º Grau(1a a 4a. séries) | _____ | Classes | _____ | Alunos | _____ |
| 1º Grau(1a a 6a séries) | _____ | Classes | _____ | Alunos | _____ |
| 1º Grau(1a a 8a séries) | _____ | Classes | _____ | Alunos | _____ |
| 2º Grau | _____ | Classes | _____ | Alunos | _____ |
8. Outros cursos que oferece: () Técnico () Superior
9. A Escola ou a biblioteca dispõe de recursos reprográficos próprios?
 () Sim
 () Não

10. Em caso afirmativo, mencione o tipo:

- () mimeógrafo () a álcool () a tinta
 () xerox () thermofax () fotocópia
 () outros (especificar) _____

DADOS SOBRE A BIBLIOTECA

11. Há biblioteca no estabelecimento? () Sim () Não

12. Em que ano começou a funcionar? _____

13. No quadro funcional do estabelecimento existe o cargo de bibliote-
 cário? () Sim () Não

14. Se não existe o cargo de bibliotecário, mencione o nome e o cargo
 ou a função do responsável pelo funcionamento da biblioteca:

Nome: _____

Cargo ou função: _____

15. Nível de Instrução _____

16. Recebeu treinamento em organização de biblioteca?

() Sim () Não

17. Quem promoveu o curso? _____

18. Onde foi realizado (local)? _____

19. Qual o tempo de duração do curso? _____

RECURSOS MATERIAIS E HUMANOS

20. A biblioteca conta com orçamento anual para aquisição?
 Sim Não
21. Em caso afirmativo, mencione a fonte e o total dos recursos, aproximados, recebidos em 1980.
 Fonte: _____ Cr\$ _____
22. A biblioteca dispõe de outras fontes de recursos para atualização do acervo?
 Sim Não
23. Em caso positivo mencione:
 multas
 campanhas de doações dentro da escola ou junto à comunidade
 outras fontes (mencione todas as instituições que contribuem com doações: INL, FENAME, outros) _____
24. Quando (em que ano) foi feita a última compra de livros?

25. Quantos livros? _____
26. A biblioteca dispõe de sala própria?
 Sim Não
27. Em caso negativo, onde funciona? _____
28. Qual a superfície (aproximada)? _____
29. Número de estantes _____ 30. Nº de mesas _____

31. Nº de cadeiras: _____ 32. Nº de fichários _____
33. Número de máquinas de escrever _____

ACERVO DA BIBLIOTECA

34. Livros: total de volumes _____
35. Livros de referênci:total de volumes _____
36. Revistas: total de títulos _____
37. Folhetos: total _____
38. Recebe algum jornal? ()Sim ()Não Quantos? _____
39. Possui mapas?Nº _____ Globos?Nº _____
40. Possui arquivo de recortes? ()Sim () Não
41. Outros materiais audiovisuais (especifique) _____
42. Indique a quantidade de livros de cada especialidade que possui a biblioteca:
- a)000-Dicionários (por títulos) _____
- Enciclopédias _____
- Outros livros de referência(anuários,almanaques, atlas,etc) _____
- b) 100-Filosofia:psicologia,lógica,ética _____
- c) 200-Religião _____
- d) 300-Ciências Sociais, estatística, política,economia,direito,ser
viço social,costumes,folclore(exclua os livros de educa_____

ção) _____

Educação: Pedagogia, didática, psicologia educacional, sociologia educacional, estatística educacional, etc. _____

- e) 400-Filologia -Linguística: livros textos para ensino de português e outras línguas, gramáticas _____
- f) 500-Ciências Puras: matemática, ciências naturais, astronomia, física, química, mineralogia, geologia, biologia, botânica, zoologia, antropologia _____
- g) 600-Ciências aplicadas: invenções e descobertas, anatomia, fisiologia, higiene, engenharia, agricultura, economia doméstica, comunicação, química industrial, manufaturas, artesanato, profissão e ofícios _____
- h) 700-Belas Artes: Escultura e artes plásticas, estética, desenho, pintura, fotografia, cinema, música, arte industrial, decoração, imprensa, recreação, desportos _____
- i) 800-Literatura: Para adultos _____
 Para crianças _____
- j) 910 Geografia _____
 920 Biografia _____
 930 História _____
- 43 Quantos títulos de revistas de cultura geral, técnicas, científicas, re-
 creativas, informativas, possui? _____
44. Quantas pessoas trabalham na biblioteca? _____
45. Bibliotecários Nº _____ Horas por dia _____
46. Escriurários Nº _____ Horas por dia _____

47. Serventes Nº _____ Horas por dia _____

48. Outros (especifique) _____ Horas por dia _____

ATENDIMENTO

49. A biblioteca atende:

() Somente alunos da escola

() Professores, alunos e funcionários

() Alunos de outras escolas

() Outras pessoas da comunidade

50. Qual a média mensal de alunos que frequentam a biblioteca? _____

51. A biblioteca é somente de consulta? () Sim () Não

52. A biblioteca faz empréstimo domiciliar? () Sim () Não

53. Em caso afirmativo, a quem?

() a alunos

() a professores

() a funcionários

() a alunos de outras escolas

() outras pessoas da comunidade

54. Qual o horário de funcionamento da biblioteca? _____

55. Quais os serviços de extensão realizados pela biblioteca?

() promove exposições

() promove palestras

() promove aulas sobre uso da biblioteca ao corpo docente e discente

() divulga o acervo

() outros (mencione) _____

ORGANIZAÇÃO DA BIBLIOTECA

56. A biblioteca adota normas de catalogação () Sim () Não

57. Qual o código adotado? _____

58. Qual o sistema de classificação adotado? _____

59. Que tipo de catálogo possui a biblioteca?

() dicionário

() sistemático

() outros (mencione) _____

60. Possui regimento interno () Sim () Não

61. Cite os nomes das escolas da Rede Estadual de Ensino que estão localizadas mais próximas daqui (no mesmo bairro ou em bairros próximos) _____

62. Qual a distância aproximada (em km) dessas escolas?

Nota: Algumas questões do formulário não foram analisadas por terem sido incluídas tendo em vista os objetivos anteriores do estudo, mencionados na Introdução do trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDERSON, Hazelle M. Service at the elementary level. Library Trends. 1 (3): 298-309. Jan. 1953.
2. ARAPIRACA, José Oliveira. A. USAID e a educação brasileira. São Paulo, Autores Associados, Cortez, 1982.
3. BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito da leitura. São Paulo, Cultrix; Brasília, INL, 1977. 118 p.
4. BARROSO, M. Alice. A biblioteca escolar: um laboratório de aprendizagem. Comunicação. Rio de Janeiro, 7 (25): 16-9, 1978.
5. BARTON, Griselda. Teacher-librarian or librarian-teacher? It's a question of the skills needed for dynamic provision and organization of resources. Lib.Ass. Rec. 78 (3): 110-1, Mar. 1976.
6. BATISTA, José Maria. ES tem 221 mil jovens que não frequentam escolas. A Gazeta. Vitória, 30 maio, 1982. p.10
7. CARDOSO, R. M. & CORRÊA, V.L. Projeto: "Revitalização das bibliotecas escolares da rede estadual de Minas Gerais". Belo Horizonte, 1982. n.p. Mimeografado.
8. CARVALHO, Dōris de Queiroz. Bibliotecas de Escolas Tēcnicas Industriais. (Brasília). MEC/CEPETI, 1970. 173 p.

9. CEOTO, Élio. Plano de reorganização do ensino primário oficial do Espírito Santo. In: SIMPÓSIO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO ESPÍRITO SANTO, 1, Vitória, 8-12 Jul., 1958. Saúde e Educação - Livro III. Vitória, 1968, fls. 90-102. Mimeografado.
10. CERDEIRA, Theodolindo. A biblioteca escolar no planejamento educacional. R. Bibliotecon. Brasília 5 (1): 35-43, jan./jun.1977.
11. CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA. 7a. Região Delegacia do Espírito Santo et alii. Sistema de bibliotecas escolares para a rede oficial de ensino do Estado do Espírito Santo. Vitória, 1979. Memeografado.
12. CUNHA, Inácia R. dos S. O Sistema de Bibliotecas Escolares da Fundação Educacional do DF: um plano proposto. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 7 Belém, PA, 29 jul/4 ago. 1973. Anais... Rio de Janeiro, IBICT, 1977. p-278-90.
13. CUNHA, Luis Antonio. Educação e desenvolvimento social no Brasil. 6 ed. Rio de Janeiro, F. Alves, 1981, 291 p.
14. DANIELS, Angela M. Educational objectives and school library resource provision. Educ. Lib. Bull. 26 (1) 44-60, Spring, 1983.
15. DAVIES, Ruth Ann. La Biblioteca escolar; propulsora de la educación. Buenos Aires, Bowker, 1974. 495 p.
16. DOUGLAS, Mary Peacock. A biblioteca da escola primária e suas funções. Rio de Janeiro, INL, 1971. 128 p.
17. A EDUCAÇÃO no Estado do Espírito Santo. A Gazeta. Vitória, 15 mar. 1982. Caderno especial, p.53.

18. ELLSWORTH, Ralph E. & WAGENER, Hobart D. The school library; facilities for independent study in the secondary school. New York, Educational Facilities Laboratories, 1970. 142 p.
19. A ESCOLA - pouco risonha e menos franca. A Gazeta. Vitória, 3 mar., 1977. p.2.
20. ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Auditoria e Documentação Educacional. Cadastro dos estabelecimentos de ensino regular do Estado do Espírito Santo. Vitória, 1981, 2v.
21. _____. Estatísticas básicas de: matrícula, corpo técnico-docente e administrativo. Vitória, 1981. 20 p.
22. FENWICK, Sara Innis. School and public library relationships. The Lib. Quarterly. 30 (1): 63-74, Jan. 1960.
23. FONSECA, Edson Nery da. Alternativas bibliotecárias para a crise da escola. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE BIBLIOTECAS ESCOLARES, 1, Brasília, 5-8 out. 1982. Anais... Brasília, Fundação Nacional Pró-Memória/Instituto Nacional do Livro, 1982. p. 1-8. Mimeografado.
24. FREITAG, Bárbara. Escola, Estado e Sociedade. São Paulo, Moraes, 1980.
25. GARDINER, Jewel. Servicio bibliotecario en la escuela elemental. México, Editorial Pax-México, 1967. 198 p.
26. GATES, J. K. Breve história dos livros e das bibliotecas. In: _____. Como usar livros e bibliotecas. Rio de Janeiro, Lidador, 1969. p. 11-37.

27. GOMES, Sônia de Conti. Biblioteca e sociedade na Primeira República; fatores sócio-culturais que atuaram na criação e instalação de bibliotecas de 1890 a 1930. Belo Horizonte, 1981. 113p. (Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia (Administração de Biblioteca) da Escola de Biblioteconomia da UFMG).
28. HANNESDÖTTIR, Sigrún Klara. Education of school librarians: some alternatives. IFLA Journal. 6 (1): 17-21, Feb. 1980.
29. HARROD, L. Montague. The librarians' glossary. London, Andre Deustsch, 1977.
30. HENNE, Frances. School libraries and the social order. Library Trends. 1 (3): 263-70. Jan. 1953.
31. I.B.G.E. Guia das bibliotecas brasileiras: 1976. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/Instituto Nacional do Livro, 1979. xi + 1018 p.
32. I.B.G.E. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Brasil e grandes regiões - 1983. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1983. v.6, n.1. 372 p.
33. _____. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Espírito Santo - 1983. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1983. v.6, 39p.
34. INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. Bibliotecas-Espírito Santo. Vitória, 1979. 89 p.
35. INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO. Instruções para a organização das bibliotecas municipais. s.l., 1940.

36. JOHNSON, Elmer D. & HARRIS, Michael H. The origin of libraries. In: _____ . History of libraries in the Western World. Metuchen, Scarecrow Press, 1976, p. 3-13.
37. LEAL, João Eurípedes Franklin. História da educação no Espírito Santo. Educação 80. Vitória, Ano I (5): 6-7, jul. 1980.
38. _____. História da educação no Espírito Santo (II) Educação 80. Vitória, Ano I (6): 5-7, ago. 1980.
39. LIMA, Margarida M. de A.M. de. Sistema de Bibliotecas de Pernambuco. R. Bibliotecon. Brasília. 7 (2): 162-73. jul./dez. 1979.
40. LUNDIN, Roy. School libraries: the state of the art. The Australian Lib. Journal. 26 (13): 230-9, aug. 1977.
41. MAGALHÃES, M. Helena Andrade. Estudo sobre leitura recreativa na escola municipal de 1º grau de Belo Horizonte R. Esc. Bibliotecon. UFMG. Belo Horizonte, 10 (2): 193-207, set. 1981.
42. MARTINS, Myriam G. de. Bibliotecas públicas e escolares: sua oculta face humana. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10, Curitiba, 22-27, jul. 1979. Anais... Curitiba, Associação Bibliotecária do Paraná, 1980. v. 3p. 1075-82.
43. MATTOS, Archimimo Martins de. Um século de ensino. Vitória, Off. Da Vida Capichaba, 1927. 126 p.
44. McKEE, Bob. The social role of the school library. Educ. Lib. Bull. 25 (3): 12-9, 1982.
45. MENDONÇA, M. Elizabeth. Programa Escola-Biblioteca (PEB): um projeto em andamento no município de São Paulo. R. bras. Bibliotecon. Doc. São Paulo, 12 (3/4): 239-52, jul./dez. 1979.

46. MORICONI, Maria Lúcia. Institucionalização da biblioteca escolar. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE BIBLIOTECAS ESCOLARES, 1, Brasília, 5-8, out. 1982. Anais... Brasília, Fundação Nacional Pró-Memória / Instituto Nacional do Livro, 1982, p.49-70.
47. NOVAES, Maria Stella de. História do Espírito Santo. Vitória, Fundação Editorial do Espírito Santo, s.d. 455 p.
48. OLIVEIRA, José Teixeira de. História do Espírito Santo. Rio de Janeiro, 1951.
49. OLIVEIRA LIMA, L. de. A Biblioteca escolar. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE BIBLIOTECAS ESCOLARES, 1, Brasília, 5-8 out. 1982. Anais... Brasília, Fundação Nacional Pró-Memória/Instituto Nacional do Livro, 1982. p. 9-19.
50. OLIVEIRA, T. da S.F. A Biblioteca Escolar no Regimento Comum das Escolas de 1ª e 2ª graus do Estado de São Paulo. R.bras.Bibliotecon. Doc. 12 (3/4): 231-8, jul./dez. 1979.
51. PENNA, C.V. et alii. Serviços de informação e biblioteca: um manual para planejadores. São Paulo, Pioneira/INL, 1979. 207 p.
52. REIMER, Everet. A Escola está morta. Rio de Janeiro, F. Alves, 1979, 186 p.
53. REUNIÓN DE EXPERTOS SOBRE EL DESARROLLO DE LAS BIBLIOTECAS ESCOLARES EN AMÉRICA CENTRAL, Antigua, Guatemala, 29 jul, 2 ago., 1968. Informe final. 41 p. Mimeografado.
54. RIBEIRO, Maria Luíza Santos. Introdução à história da educação brasileira. São Paulo, Cortez e Moraes, 1978.

55. RODRIGUES, Neidson. Estado, Educação e desenvolvimento econômico. São Paulo, Autores Associados/Cortez, 1982.
56. ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da educação no Brasil (1930-1973). Petrópolis, Vozes, 1978.
57. SEDU atende apenas metade da clientela. A Gazeta. Vitória, 12 maio, 1983. p. 8
58. SILVA, Ezequiel T. da. Leitura & realidade brasileira. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983. 104 p.
59. SILVEIRA, Mirta E. función del bibliotecólogo en las bibliotecas de enseñanza media. Bol. Bibl. EUBCA. Montevideo, 17: 7-15, 1981.
60. TAYLOR, Mitsi W. A Biblioteca Escolar, no contexto educacional brasileiro. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE BIBLIOTECAS ESCOLARES, 1, Brasília, 5-8 out. 1982. Anais... Brasília, Fundação Nacional Pró-Memória/Instituto Nacional do Livro, 1982. p. 33-8.
61. WERNECK, Leny. Eles são 20 milhões e não têm o que ler: todos perdem com a falta das bibliotecas escolares. Jornal do Brasil- Rio de Janeiro, 18 mar. 1978. Suplemento do Livro. p.1.
62. WITHERS, F.B. Bibliotecas escolares. In: _____. Normas para los servicios bibliotecarios. Paris, Unesco, 1975. p. 371-460.
63. YOUNG, Pamela E. & GRIMES, Myra K. The school library: an under-powered resource? Educ. Lib. Bull. 23 (1): 23-7, Spring, 1980.

64. YUSPA, Ilda Nelly. Investigación sobre bibliotecas escolares de la Provincia de Buenos Aires, 1970-1971. Tucumán, Universidad Nacional de Tucumán, Biblioteca Central, 1979, 71 p.